



Vaga-Lume

Wilson Rocha

OS PASSAGEIROS DO FUTURO



ea
editora atica

Wilson Rocha

OS PASSAGEIROS DO FUTURO

Série Vaga-Lume

Edição de texto: Fernando Paixão
Ilustrações: Milton Rodrigues Alves
Editora Ática, 1987

Ebook:
Digitalização: SCS



"A imaginação é tudo"

Albert Einstein

"Estuda o passado, se queres adivinhar o futuro."

Confúcio

"O computador vai ensinar ao homem quem o homem é."

Índice

Quem é o autor	4
I. OUTROS MUNDOS	5
II. O PLANETA CRESCE	12
III. ENCONTRO DE PAIS	17
IV. JULGAMENTO E DEFESA	20
V. PEGADAS NO AR	25
VI. DELON VAI PRIMEIRO	28
VII. UMA GAROTA EM IPANEMA	33
VIII. TODOS QUEREM IR	40
IX. MEU NOME É MÁRCIA	46
X. O PAI DE DELON	47
XI. A FAVELA	48
XII. CUSPIDOS NO ONTEM	52
XIII. O MAR AINDA ERA LINDO	55
XIV. A VIAGEM SEM VOLTA	59
XV. ESCORREGADA NO TEMPO	61
XVI. OUTRA VEZ RICARDO	64
XVII. OUTRA VEZ O INSPETOR MILAS	68
XVIII. A BARRICADA	71
XIX. A DESCOBERTA	75
XX. O CANDIDATO	81
XXI. O MILAGRE	85
XXII. A REVELAÇÃO	92
XXIII. VALE DA SOLIDÃO, VALE DA DECISÃO	93
XXIV. OUTRA VEZ DOM GREGÓRIO	94
XXV. MAIS EXPLICAÇÕES	96
XXVI. A GRANDE BOLHA É A SOLUÇÃO	97
XXVII. APARECE O POVO-ANÃO	98
XXVIII. DIANTE DA GRANDE BOLHA	100
XXIX. TEMPESTADE NO MAR	104
XXX. RICARDO E SUA TURMA REAPARECEM	108
XXXI. A RESPOSTA DA GRANDE BOLHA	110
XXXII. DEPOIS DA TEMPESTADE	112
XXXIII	113
XXXIV	113
XXXV	114
XXXVI	114
XXXVII	114
XXXVIII	115
XXXIX. AFINAL, TODOS DE VOLTA	115
Glossário de palavras usadas no século XXX	120

Quem é o autor

Wilson Rocha é um carioca de múltiplas atividades: advogado, autor e diretor teatral, roteirista cinematográfico, roteirista e diretor de televisão e, mais importante, um escritor especialmente apaixonado pela literatura infantil e juvenil. Sua carreira começou cedo, quando ainda era um estudante que montava peças teatrais na escola e, posteriormente, na universidade. Esta experiência amadora ajudou-o a ser descoberto pela televisão e, assim, foi contratado pela TV Globo em 1964, no cargo de produtor e redator.

Trabalhando em diversas emissoras ao longo de sua carreira, se poderia dizer que Wilson contribuiu muito para criar e incentivar uma linguagem televisiva, já que a tevê na década de 60 era ainda um meio de comunicação recente no Brasil e portanto quase inexplorado. Quase sempre voltado para crianças e adolescentes, o autor realizou projetos importantes, como a redação de episódios do *Sítio do pica-pau amarelo* durante dez anos e a criação de vários programas, peças e *shows* para crianças.

Muito inquieto, sempre em busca de novos projetos, o autor também realizou trabalhos para adultos como as novelas *Seu Quequé* e *Olhai os lírios do campo*, assim como documentários para vídeo, cinema e tevê.

Considerado especialista em comunicação infantil, o escritor tem as seguintes histórias para crianças publicadas: *Sorte é sorte*, *História de Léo* e *Piano pirado*. Sua afinidade com o leitor jovem fica aqui confirmada com este inventivo e emocionante *Os passageiros do futuro*, que seguramente vai representar uma contribuição original para a literatura juvenil.

Atenção:

Ao ler este texto você encontrará uma série de palavras que o autor teve a liberdade de criar em função da história.

No final do livro, apresentamos um glossário contendo explicação mais detalhada de algumas destas palavras e expressões.

I. OUTROS MUNDOS

Ano 3000

Tudo acontecera como por acaso, durante as últimas férias de autocrítica. Ninguém era obrigado a elas, mas há mais de vinte anos as férias de autocrítica eram usadas pelos alunos do GLS como um jeito de mudar um pouco de ares. Afinal, mesmo para as crianças sábias do século XXX, às vezes era uma chatice ficar horas a fio aprendendo com um computador de última geração.

Verdade que a Grande Bolha era um computador geralmente compreensivo e até maternal, apesar de muito severo e exigente. Mas não dava aos aprendentes nenhuma chance de brincar despreocupadamente, como diziam que acontecia com os garotos na Recente Antigüidade. Hoje, no ano 3000, só a sabedoria importa. Tudo acontece em função dela. "Divertir-se é aprender!" — era o lema do GLS, o Grande Laboratório da Sapiência, para onde eram encaminhadas as crianças do século XXX.

Mas não todas. Apenas aquelas com "temperamento bioenergético", ou melhor: as que no passado eram chamadas de "superdotadas". Só que, no ano 3000, um superdotado é "muito mais". B-Hor, por exemplo, é hipercerebral, com uma capacidade incrível de raciocínio e dedução, fruto de sua extrema rapidez e facilidade para assimilar informações e transformá-las em conclusões lógicas e práticas. Seu inseparável amiguinho Plick é aparentemente um menino frágil, mas se destaca dos outros pela propriedade que seu corpo tem de fornecer qualquer tipo de energia, capaz de movimentar máquinas e aparelhos, o que faz dele uma espécie de gerador. A encantadora Thera, colega dos dois, desenvolveu em si própria, a partir de sua preferência pelos estudos de entomologia, uma extraordinária capacidade de mimetismo — isto é, como os insetos que se defendem mudando de forma e de cor, Thera também consegue adaptar-se ao meio ambiente, transformando-se e tornando-se igual a outras coisas, e mesmo pessoas.

Outros colegas também se destacam, pois todos os aprendentes do GLS têm poderes especiais, mais ou menos curiosos, uns mais úteis que outros, como um garoto que só se comunica por telepatia, e uma garota que consegue mudar a cor dos olhos quando bem quer. A única exceção é Delon, que não possui "temperamento

bioenergético". Comparado aos colegas, Delon é apenas um garoto normal do século XXX, que, como todos os outros da sua idade, aprendeu crionismo, ou seja, a capacidade de usar a força dos poderosíssimos toques à distância com a mesma eficiência dos antigos praticantes de artes marciais. Fora isso, mais nada. Como, então, conseguira ele ser admitido no Grande Laboratório da Sapiência? Nenhum de seus companheiros se preocupava com isso, pois todos sempre o admiraram muito por sua simpatia e coragem.

B-Hor, Plick, Thera e Delon sempre formaram um grupinho muito unido. Tinham mais ou menos a mesma idade — entre 12 e 14 anos (ou seja, quatro piques de evolução, como em 3000 se conta o crescimento das crianças). Seus pais os tinham mandado para o GLS para que adquirissem, o mais rápido possível e de forma concentrada, todo o conhecimento existente.

O GLS estava na moda. Qualquer garoto se sentia entusiasmado em poder freqüentar aquela "escola" ultra-sofisticada, dirigida por um computador aperfeiçoadíssimo, no começo chamado Júpiter, mas que logo apelidaram de Grande Bolha. Não havia contato direto com professores, personalidades eminentíssimas, que passavam seus ensinamentos aos programadores do GLS, os quais, por sua vez, abasteciam a Grande Bolha com as últimas novidades culturais e científicas. A partir daí, as crianças aprendiam por si próprias, através de instrumentos acoplados ao núcleo do supercomputador.

Logo, porém, descobriram que nem tudo era perfeito. Elas não podiam distrair-se de suas obrigações um momento sequer. Eram permanentemente vigiadas por um mal-humorado e intransigente fiscal de aprendentes — o terrível inspetor Milas.

Foi para livrar-se por uns tempos do antipático personagem que o grupinho teve a idéia daquelas férias de autocrítica.

A sugestão partira de Delon. De início, B-Hor não queria ir.

— Autocrítica; autocrítica de quê? Mergulhar no deserto de Zônia, sem mais nem menos, para meditar?

— Depende do que você chama de meditar... — disse Delon, com certa malícia.

— Se não for para meditar, não adianta. Quando voltarmos, a Grande Bolha vai perguntar nossas conclusões. As férias são de autocrítica, não se esqueça. Fazer autocrítica é perguntar a nós mesmos: o que nós somos; o que pensamos de nós — argumentou B-Hor.

— Pois então. Quer jeito melhor que esse, para saber quem nós somos, do que ir conhecer outros mundos?

— Outros mundos?! No deserto de Zônia?! Lá não tem nada, Delon! Só o vazio. O vazio e nós. Por isso escolheram o deserto de Zônia para as férias de autocrítica. Porque lá não há nada para ver nem fazer, a não ser visitar aquele velho museu na tenda termal. É o lugar mais chato do mundo!

— Mas não tão chato quanto o inspetor Milas!

Foi esse último argumento de Delon que conquistou, finalmente, a adesão de todos. Recebida a autorização da Grande Bolha, despediram-se dos pais e, rapidamente, fizeram-se teletransportar para o deserto de Zônia, deixando para trás as implicações e chatices de Milas.

Tinham se tornado comuns, em 3000, os desertos como aquele. Mas o de Zônia era, sem dúvida alguma, o maior deles. Uma brutal extensão de terra vazia e árida (mais de três milhões de quilômetros quadrados), que outrora fora a maior massa vegetal e o principal reservatório de oxigênio do planeta. Porém, os grandes desastres ecológicos do século XXIV secaram os rios (ali tinha corrido, no passado, o maior volume de água do mundo), devastaram a floresta e dizimaram a fauna. Uma tragédia que teve uma compensação, apenas razoável, no crescimento científico e tecnológico da humanidade. Mas a antiga beleza daquela região morreu para sempre.

Mesmo assim, o grupinho sentiu uma certa sensação de alívio ao desembarcar em Zônia. Era a primeira vez, depois de sete períodos consecutivos, que se distanciavam do fiscal de aprendentes. Na tenda termal subterrânea em que foram acolhidos, a disciplina estava a cargo de orientadores muito simpáticos e amistosos, sempre prontos a ajudar seus jovens hóspedes. Logo que se alojaram, Delon insistiu para que fossem dar uma volta pelo deserto.

— Para ver o quê? — perguntou B-Hor, ainda de má vontade e mais interessado em dar uma volta pelo museu. — Só areia, pedra e poeira? Se ainda fosse como no passado, com aquele rio enorme, os bichos, a selva...

— Aí ninguém ia meditar coisa alguma! Adeus autocrítica — disse Plick. — Se fosse para nos divertirmos, teriam nos mandado à Antártica!

A Antártica, sim, era o sonho de todos os garotos dessa idade. Uma espécie de prêmio, quando, por exemplo, terminavam os cursos. Todas as maravilhas do lazer tinham se concentrado ali, nos

últimos cem anos. Hoje, graças ao progresso, poucos se lembravam de que aquela bela região já havia sido gélida. Por outro lado, nos dias de hoje, a antiga floresta tropical ao norte, onde o grupo agora se encontrava, era dominada pelo frio intenso. Principalmente à noite, quando o vento gelado do deserto de Zônia penetrava até os ossos.

— Então, vamos sair para ver o deserto à noite! — disse Delon.

— À noite? Você está maluco? — falou B-Hor, a quem tudo naquele lugar aborrecia. — Se durante o dia isso já é tão chato!

— Mas é justamente à noite que nós vamos encontrar diversão! E da grossa! — teimou Delon, cada vez mais misterioso.

Ninguém entendeu o que Delon pretendia com aquela insistência. Mas, como já conheciam o temperamento aventureiro do amigo, previram que algo de emocionante estava para acontecer. Antes, no entanto, deram uma volta pelo museu da tenda termal.

A grande atração do museu era a vasta coleção de antigas formas animais, muitas delas já extintas, porém conservadas em estado semiletárgico nos corredores-viveiros. Aves, peixes, mamíferos e insetos, de tipos e tempos diversos, podiam ainda ser vistos ali naquele *habitat* artificial, como uma forma de alerta. A curiosidade das crianças se misturava a uma sensação de pena pelo desaparecimento de tantas espécies da face da Terra, vitimadas pelas catástrofes ecológicas, ou pelo descaso do próprio homem.

À noite, depois da pausa nutriz, os quatro se levantaram do leito diético (no século XXX, assimilavam-se os alimentos dessa forma) e correram para a saída, atrás de Delon. Felizmente estavam agasalhados com suas capas termais, ajustadas na mesma temperatura do interior da tenda. Por isso, quando chegaram lá fora, o frio não fez diferença. Mas o visual era completamente outro.

Debaixo de seus pés, o solo duro e esbranquiçado. Acima de suas cabeças, a escuridão mais negra que já tinham visto.

— Cadê as estrelas?

— Estrelas aqui? Sumiram há muito tempo! — disse B-Hor.

— De medo? — perguntou Plick, com ironia.

— De certa forma, sim! — respondeu B-Hor, melancólico (devido à sua enorme inteligência, saber a verdade das coisas às vezes trazia alguma amargura ao espírito dele). Com a devastação, as consequências da poluição e da radiatividade, todo o inferno que acabou com isso aqui entre os séculos XXII e XXVI, não é mais

possível ver o céu sobre o deserto de Zônia! Tudo foi encoberto pela mais grossa crosta de poluição que se abateu sobre a Terra! Como se as estrelas lá em cima tivessem medo de olhar para baixo!

— Ou vergonha! — aparteou Thera.

— Por isso é que não entendo essa idéia do Delon. Se nem as estrelas querem saber disso aqui, por que viemos?

— Por causa *deles*! — disse Delon.

— Deles? Deles quem? — B-Hor, Thera e Plick já estavam impacientes com todo esse mistério.

Delon não respondeu e começou a andar na frente do grupo, como se tivesse certeza do que procurava. Os outros foram atrás. Andaram bem cerca de dois tempos (cada tempo corresponde aos antigos quartos de hora, ou seja: quinze minutos). De repente, Delon parou diante de uma grande pedra.

— Esta pedra está ótima! Vamos nos esconder atrás dela! Delon já estava exagerando. Abusava da curiosidade dos amigos. Estes só o seguiam porque, em outras aventuras, tudo sempre tinha dado certo. O que seria dessa vez?

Delon os fez abaixarem-se, junto à pedra, e olhou o céu, apertando os olhos.

— O que você está olhando, Delon? — perguntou Thera.

Ele não respondeu. Tirou do bolso um par de óculos infravermelhos e, depois, um par de lentes, que ajustou aos óculos. B-Hor indagou:

— Pra que esses binoculares?

— Não são binoculares! São óculos infravermelhos com lentes micro! Ampliam até cinco mil vezes!

— O que você quer ver? Mosquitos?

Plick riu da piada de Thera. Não havia mais mosquitos no mundo, mas eles tinham acabado de ver, no museu da tenda termal, algumas amostras dos antigos dípteros, responsáveis por tantas doenças na Recente Antigüidade, além de pulgas e piolhos que infernizavam a vida de seres racionais e irracionais. Delon não deu importância à gozação de Plick e tornou a mexer no bolso, tirando de lá algo que parecia um novelo de linha branca. Mas não era um novelo. Delon desenrolou-o, e seus amigos viram que era uma espécie de rede de ozóide (um tipo de plástico), de malha finíssima.

— Ajudem-me a esticá-la! — pediu ele aos colegas. — Depressa, que deve estar na hora!

— Na hora de quê?

Delon não respondeu. Agia apressado, como se esperasse algo para qualquer momento. B-Hor, Plick e Thera ajudaram. Rapidamente haviam desenrolado e esticado alguns bons milimares (cada milimar é comparável ao antigo meio metro) de rede.

— Plick, segure com Thera essa ponta, lá atrás da pedra. B-Hor, eu e você vamos segurar a outra ponta, ali do outro lado.

— Mas que...

Não adiantava perguntar. Delon estava cada vez mais agitado e o melhor era obedecer ao que ele pedia. A rede ficou estendida, bem esticada, como uma barreira branca, de um lado a outro, abarcando um bom pedaço de deserto.

— Muito bem, Delon! — exigiu B-Hor, sem saber por que falava em voz baixa. — Você quer fazer o favor agora de me dizer o...

— Escute.

— O quê?

— Aí vêm eles! Uma porção! — gritava Delon, excitadíssimo. — Ouça!

De fato, B-Hor começou a ouvir um ruído insistente, primeiro distante, depois bem próximo. Era um zunido que, cada vez que se aproximava, parecia um assobio. Como a trajetória de um projétil metálico, supaveloz. Primeiro, era um zunido só, como se ricocheteasse, mudando de rumo em ziguezague. Depois se ouviam, simultaneamente, mais ruídos iguais ao primeiro. Eram dois, três, dez, uma quantidade enorme. Delon acompanhava cada barulho com o olhar. Estava literalmente extasiado.

— São lindos!

B-Hor agarrou-o pelo ombro, quase largando sua ponta de rede.

— Você quer me dizer o que está vendo?

Delon não respondeu. Apenas passou para o amigo os seus óculos. O barulho agora já era ensurdecador, como se uma tempestade seca houvesse desabado sobre o deserto. B-Hor já havia colocado os óculos infravermelhos, com as lentes micro. E o que viu o deixou atônito.

— O... o... que é isso?

— Planetas, B-Hor! Planetas-anões! Às centenas! Eles existem mesmo, como eu li no livro-lúmen!

— Planetas-anões?

— Vamos capturá-los! — e, unindo o gesto à palavra, Delon começou a correr para o meio do terreno à sua frente. — Venha comigo, B-Hor! Thera e Plick, não saiam daí!

Do outro lado, junto à pedra, o casal de garotos não entendia nada. Só viam Delon e B-Hor correndo como loucos, trazendo sua ponta de rede até eles. De repente, caíram, como se a rede os tivesse freado com uma força enorme. Delon levantou-se com agilidade e começou a fechar a rede, ajudado febrilmente por B-Hor.

— Pegamos! Pegamos! — gritavam feito alucinados.

— Pegaram o quê? — quiseram saber Thera e Plick.

— Uma porção de peixes! — brincou Delon, morrendo de rir, numa alusão às espécies que tinham visto nos corredores-viveiros do museu e, com isso, só aumentando a curiosidade dos colegas.

Não eram peixes, evidentemente, mas Delon e B-Hor só disseram o que era quando já estavam de volta à tenda termal.

Tinham trazido a rede bem enrolada, para não chamar atenção quando entrassem na sala de convivência do alojamento geral. Estavam muitos outros jovens hóspedes ali, em conversa com os orientadores, e os quatro amigos ainda tiveram de esperar até que todos fossem dormir. Assim que isso aconteceu, entraram com todo cuidado na cabine-dormitório de Plick, fecharam a porta em silêncio, esticaram um lençol de ozóide impermeável sobre a cama e sobre ele colocaram a rede.

Delon acendera todas as luzes. Havia estudado profundamente os hábitos dos planetas-anões e sabia que só possuíam mobilidade no escuro, de preferência durante a noite, que era quando migravam em suas loucas viagens fora de seu cosmos. A luz como que os embriagava. Depois que a rede foi totalmente aberta, Thera espantou-se:

— Ué, não estou vendo nada. Só esse molhado em cima do lençol!

Plick, sempre gozador, deu um risinho. O "molhado" eram os planetas-anões. Pelo menos uns dez. Pareciam gotículas.

— Só vamos levar um deles! — disse Delon decidido, depois de explicar do que se tratava. — Em seguida, sacudiu a rede, libertando

os outros minúsculos astros, guardando apenas uma das gotículas num frasco, que enfiou no bolso.

— O que vai fazer com ele? — perguntou Thera, fascinada com tudo aquilo; afinal, tinham capturado um miniplaneta.

— Investigar! — respondeu Delon. — Eu disse que a gente vinha aqui pra conhecer outros mundos, não disse?

II. O PLANETA CRESCE

ANO 3000

Aquela noite, na tenda termal em Zônia, o sono dos quatro aventureiros foi extremamente agitado. De posse do planeta-anão, precisavam agora investigá-lo num bom laboratório de pesquisas. E o GLS possuía o melhor deles. Por isso, na manhã seguinte foram os primeiros a acordar. Pediram licença aos orientadores e retornaram por teletransporte ao GLS, trazendo aquele mundinho-micro escondido no bolso de Thera.

Conseguiram entrar no GLS sem serem vistos, indo direto ao laboratório. Lá, B-Hor, por ser o mais entendido do grupo nesse tipo de experiência, assumiu o comando da operação. Debruçados sobre uma mesa coberta de aparelhos, os amigos iniciaram a nova etapa da aventura, ainda completamente maravilhados com a grande descoberta de Delon.

Era uma coisinha. Menor que uma gota de sfix (substância vaporizada). B-Hor tirou a gotícula do frasco, pingou-a na boca de uma cânula de ozóide, por onde a gota correu, indo cair diretamente sobre uma lâmina de silício. Aí, parou instantaneamente, como se pesasse uma tonelada. Imaginem! Aquela coisinha pesar uma tonelada.

— Que lindo! — exclamou Thera com doçura, assim que B-Hor aumentou a intensidade da luz, fazendo a coisinha brilhar com lampejos azuis.

— Shhh! — reclamou B-Hor, extremamente concentrado em operar todos aqueles instrumentos, sobre a grande mesa onde tinha colocado o planeta-anão.

Ele tinha tido uma idéia realmente espetacular: ampliar o planetinha. Ou, como ele dizia, falando cientificamente: "obter seu crescimento verticular". Mas era preciso fazê-lo totalmente em

segredo, para que o inspetor Milas não soubesse de nada. O fiscal de aprendentes jamais permitiria uma coisa dessas.

— O que você vai fazer agora? — perguntou Plick, procurando falar baixo.

— Querem calar a boca? — voltou a protestar B-Hor. — Suas vozes são como trovões para o povo do planeta.

— Como a voz de Deus! — sussurrou Thera, com um risinho.

B-Hor viu que não adiantava continuar reclamando daqueles faladores e continuou seu serviço. Erguendo o indicador da mão direita, apontou-o na direção dos anéis, acima de sua cabeça. Eles faziam parte da instalação de energia e a irradiavam para o núcleo central da experiência. Imediatamente após esse gesto criônico, ouviu-se um ruído seco, contínuo, e a coisinha sobre a lâmina começou a crescer.

Como por instinto, todos se descolaram da mesa, onde tinham se debruçado. Quase se podia ouvir seus corações batendo, ansiosos.

A pequeníssima gotícula, quase um borrifo, parecia agora um pingo adulto, de óleo azulado. B-Hor sentia-se triunfante. Sua teoria estava dando certo, como aliás tudo o mais em que se envolvia cientificamente. Ampliar um planeta-anão, em ação ab-cósmica (viajando fora de seu universo original). Era uma pena que tivesse de fazê-lo às ocultas.

— Delon, você devia estar vigiando aquela porta!

— Também quero ver! — disse Delon, ao lado dele, tão deslumbrado quanto os colegas. — Afinal, fui eu que comande a captura!

— Mas aqui sou eu no comando! Aquela porta precisa ser vigiada! Já pensou se o inspe... — B-Hor não conseguiu terminar. O zumbido que anunciava o crescimento do planeta-anão tornou-se, de repente, uma espécie de tosse, um ratear. A luz fraquejou.

— A energia está acabando! — disse B-Hor, suando frio, voltando a estimular os anéis lá em cima.

— Está parando de crescer! Façam alguma coisa! — gritou Thera.

— Plick! — chamou Delon, por puro reflexo.

Plick, o gerador humano, já entrara em ação. Antes que o laboratório escurecesse por completo, ele subira no móvel que estava atrás dele — uma espécie de armário baixo — tentando alcançar o

globo potensor, a fonte principal de energia da sala. Mas suas mãos não chegavam lá, por mais que as esticasse.

— Depressa! Eles vão morrer! — berrou B-Hor, sem poder largar o que estava fazendo.

Foi Delon que abraçou as pernas magras de Plick, suspendendo o corpo franzino do amigo até a altura desejada. Quando Plick tocou a esfera, seu corpo tremeu, e um halo de faíscas douradas o envolveu. Felizmente, Delon já o tinha largado, senão levaria um tremendo choque. Plick estava praticamente pendurado ao potensor, sustentado apenas pela enorme energia descarregada. Não parecia sentir nada. Na posição em que estava, o menino-bateria esticou a outra mão até os pólos de zimbre (um novo metal, usado em instrumentos elétricos), estabelecendo contato. Foi o bastante para que a luz e o zumbido voltassem, com toda a sua intensidade.

— Boa, Plick! — gritou Delon, abraçado a Thera.

— Estão salvos! — disse B-Hor, sem largar a operação.

A "gota" tinha continuado a crescer, e agora estava quase do tamanho de um punho fechado de criança. Um pouco maior que uma bola de geol (bola de metal plástico e amoldável, usada no tênis telepático, tão popular no século XXX).

Os quatro amigos estavam fascinados com o fenômeno. Ao capturar o planeta-anão, na mais alucinada aventura de suas vidas, não imaginavam que ia ser tudo tão maravilhoso. Um astro quase molecular, capturado quando migrava fora do seu cosmo, e que agora entrava em crescimento verticular. Uma coisa da qual eles só tinham ouvido falar nos livros-lúmen, que a Grande Bolha os fazia ler.

— Olha só os continentes! — apontou Dejon.

— Cadê o povo? Não estou vendo nada! — falou Thera.

— Espere ficar um pouco maior. Aí vamos ver se é mesmo habitado! — respondeu B-Hor.

— Gente, anda logo! — gritou Plick, que continuava pendurado lá no alto, fornecendo, com o corpo, energia para que os anéis funcionassem.

— Já vai, Plick! Um instantinho só!

— Faz ele se soltar no espaço! — pediu Thera. B-Hor viu mesmo que já era hora de devolver à esfera, agora já bem mais robusta (quase o volume de um crânio humano), sua sustentação ab-

cósmica, ou seja, sua capacidade de flutuar no vazio, embora fora de sua órbita normal. Mas restava uma dúvida: seu peso atual. E se o planeta despencasse no chão do laboratório? Seria uma catástrofe, talvez a morte de um mundo, desastrosamente destruído por quatro jovens alunos irresponsáveis do GLS. Porém, era tarde demais para recuar.

— Em frente, B-Hor. *Vai fundo!* — disse Delon, usando uma gíria novíssima (mais tarde viria a ser confirmada a teoria, lida por B-Hor num lúmen qualquer, que certas expressões envelhecem, mas podem voltar a renascer de dois em dois séculos).

B-Hor levantou a mão esquerda. Devagar, muito devagar, traçou com a mão um semicírculo no espaço, descendo-a lentamente na direção da lâmina de silício. Enquanto a mão baixava, um cordão de luzes se desenhava no vazio, compondo um dossel cor-de-laranja, de fulgor intenso. As luzes logo se desfizeram, indo envolver o planeta-anão, que as absorveu como se fossem sua aura de gravidade. No mesmo instante, a bola se despegou da lâmina, começando a pairar.

— Está flutuando! — Thera delirou.

— Vamos afastar a mesa! — gritou Delon, animadíssimo.

— Não! — exclamou B-Hor, esquecendo-se do silêncio que ele mesmo exigira.

— Me tirem daqui! gritou Plick.

— Um instan...

Antes que B-Hor terminasse o que ia dizer, Plick despencou de onde estava, e a escuridão se fez instantaneamente.

Mas nem todas as luzes se apagaram. O planeta-anão fulgurava, pulsante, prateado, navegando solto no ar. Quase transparente. E, ante os olhos atônitos dos garotos, começou a girar.

— O que está acontecendo aqui?

A porta. Tinham se esquecido dela. Uma voz tonitroante repetiu, imperiosa:

— O QUE ESTÁ ACONTECENDO AQUI?

Era o inspetor Milas, que ali passava por acaso, e os tinha apanhado em flagrante, fazendo alguma coisa que só mais tarde ficou sabendo do que se tratava. Mesmo assim, percebeu que não era coisa boa e avançou. Pelo seu jeito, via-se logo que o fiscal de aprendentes não estava para brincadeiras.

O QUE ESTÁ
ACONTECENDO AQUI ?

BERROU MILAS, APANHANDO OS GAROTOS
EM PLENA TRAVESSURA.

O PLANETA-ANÃO
ESTÁ FLUTUANDO!



B-Hor, Delon e Plick ficaram paralisados pela surpresa e não esboçaram qualquer reação.

Uma súbita nuvem surgiu, ninguém sabe de onde, e envolveu o planeta-anão, tirando-o das vistas do inspetor.

— Ei!... — gritou ele, tentando afastar a nuvem, que lhe encobria os olhos.

Mas a nuvem cresceu e foi saindo pela porta.

Do lado de fora, a nuvem sumiu e voltou a ser Thera, que imediatamente fugiu com o planeta-anão debaixo do braço. Foi correndo para casa.

III. ENCONTRO DE PAIS

ANO 3000

Os pais dos quatro amigos estavam aflitíssimos na sala de comenos, o purgatório do GLS. Ali ficavam as pessoas que aguardavam por uma solução, uma decisão, uma resposta. A versão século XXX das antiqüíssimas salas de espera, usadas há onze séculos atrás. Os responsáveis pela garotada tinham sido chamados ao comenos do GLS por causa de uma traquinagem dos filhos. Travessuras eram um fato incomum no ano 3000, época em que as crianças e os adultos tinham se tornado seres rigorosamente disciplinados e ajustados às leis.

Mas as quatro crianças, com sua livre iniciativa, inspiradas na grande necessidade de uma aventura e descobertas, haviam ferido a ordem estabelecida. Tudo o que envolveu a captura e a ampliação do pequeno planeta constituía, segundo a denúncia do inspetor Milas à Grande Bolha, uma transgressão das mais graves aos regulamentos do GLS. Uma desobediência inaceitável. Um ato anti-social inadmissível.

O pai de B-Hor não aceitava essa acusação. Para ele, o filho era apenas um jovem gênio, inquieto e curioso, ávido de descobertas. O garoto jamais desobedeceria uma lei por simples gesto de rebeldia. O Sr. B-Hor Pai bem que gostaria de ter uma palavrinha com o tal inspetor Milas e lhe dizer umas verdades, cara a cara. No entanto, nos tempos atuais, contestar era proibido. Ou, pelo menos, inútil, pois a Grande Bolha sempre sabia de tudo. Ninguém teria mais informações e argumentos do que ela já tinha.

— Ora, sapiente ou não sapiente, ela não passa de um computador! — resmungava o irreverente Sr. B-Hor Pai.

— Fala baixo, querido! Ela pode te ouvir! — suplicava a esposa.

— Se me ouvir, melhor. Duvido que o tal inspetor Milas lhe tenha informado tudo sobre o meu filho!

— Garanto que ela já sabe! — aparteou a mãe de Thera, fã da Grande Bolha. — Quando minha filha foi classificada para o GLS e entrou pela primeira vez naquele salão, a Grande Bolha já foi querendo vê-la se transformar num lagarto.

— Num lagarto? Argh!... — fez a mãe de Plick, com cara de nojo.

— Claro, a senhora não sabe? Desde pequena ela se transforma em qualquer coisa ou animal que queira — informou, orgulhosa, a mãe de Thera. — E o seu filho?

— O Plick? Esse puxou ao pai. Conhece meu marido? A Sra. Thera Mãe estendeu a mão ao Sr. Plick Pai:

— Prazer! Aaaaaai! — e levou um choque que a fez tremer.

— Oh, perdão — desculpou-se o pai de Plick. — Esqueci que estava carregado.

— Os dois são pilhas humanas — explicou a esposa. — Meu marido não pôde estudar, mas meu filho tem muito futuro aqui.

— Não sei, não. Depois dessa que eles aprontaram... — disse a mãe de B-Hor, com melancolia.

— Deixe de ser pessimista — bradou o pai de B-Hor. — Nosso garoto é um hipercérebro. O maior que eles já tiveram aqui. A Grande Bolha há de reconhecer isso. Não podem desperdiçar um talento desses. O senhor não acha?

A pergunta era dirigida a um jovem senhor, encolhido a um canto, e que parecia fazer questão de passar despercebido.

— Quem? Eu?

— Sim, o senhor! É pai de quem?

— Meu filho é o Delon.

— Ah, o Delon. Muito simpático esse seu Filho! — e o pai de B-Hor, sorridente, estendeu a mão.

Mas retirou-a rápido. Quem sabe aquele também dava choques? O pai de Delon encolheu-se mais ainda.

— O senhor acha que vão punir as crianças? Com o talento que elas têm? — insistiu o Sr. B-Hor Pai.

— Não sei. Não sei de nada... — respondeu pálida e timidamente o pai de Delon. — Tomara que isso acabe rápido!

— Como acabar rápido? — bradou o Sr. B-Hor Pai com seu vozeirão. — Que demore um dia, uma semana inteira. Quero meu filho livre disso! Ele não tem culpa nenhuma por ser o gênio que é!

— Gênio!... — o pai de Delon desviava o olhar, querendo fugir da discussão. — Eles não querem gênios! Querem pessoas obedientes. Disciplinadas.

— O senhor acha? — o pai de B-Hor quase colou o rosto feroz no rosto fugidio do outro. — É esse o mundo que queremos para os nossos filhos? Um mundo em que ninguém lute pelo que quer?

— Lutar. Lutar pra quê? Não há mais por que lutar. Já não fizemos um mundo perfeito?

O Sr. B-Hor Pai gaguejou, não sabendo o que responder, talvez disposto a dizer uns desaforos àquele pai tímido, tão diferente dele. Já ia começar a falar, quando o voztonante chamou:

— Sr. Delon Pai! Sr. Delon Pai! Favor subir ao átrio gótico!

O pai de Delon pareceu levar um choque. Já sabia que isso ia acontecer, mas o chamado através do voztonante trouxe de volta antigas sensações. E foi cabisbaixo e temeroso que ele se encaminhou para a cápsula que o encobriu e o levou para cima, em direção ao átrio gótico.

Os demais ficaram olhando, ressabiados. Até que alguém falou:

— Por que o chamaram? Por que não todos nós juntos?

— Talvez porque aquela idéia tenha partido do filho dele. Talvez seja o único responsável. Aquele garoto tem mesmo cara de meio rebelde.

— Rebelde ou não, ninguém seqüestra um planeta sozinho. Mesmo um planeta-anão! — disse o Sr. Plick Pai.

IV. JULGAMENTO E DEFESA

ANO 3000

As quatro crianças estavam, agora, tentando se explicar diante da Grande Bolha. A acusação era de extrema gravidade. O imenso lúmen ficou bem uns três tempos rolando a lista de denúncias:

- FUGA AO APRENDIZADO SOB FALSO PRETEXTO
- USO INDEVIDO DE COLÔNIA TERMAL
- NÃO-CUMPRIMENTO DO COMPROMISSO DE AUTOCRÍTICA
- NÃO-DOCUMENTAÇÃO DE AUTOCRÍTICA
- USO INDEVIDO DE EQUIPAMENTO
- INTERFERÊNCIA NO EQUILÍBRIO ASTRAL
- CAPTURA DE PLANETA
- SONEGAÇÃO DE INFORMAÇÃO
- AMPLIAÇÃO AB-CÓSMICA NÃO-AUTORIZADA
- UTILIZAÇÃO NÃO-AUTORIZADA DE LABORATÓRIO
- GUARDA INDEVIDA DE PLANETA
- INTRANQUILIZAÇÃO DE CIVILIZAÇÃO
- CLANDESTINIDADE
- IRREVERÊNCIA
- INDISCIPLINA
- DESOBEDIÊNCIA A REGULAMENTOS ... etc... etc... etc...

Plick até foi ficando com sono, só de ler a relação e ouvir a voz maçante do inspetor Milas ecoando pelo salão. O irritado fiscal de aprendentes e guardião da Grande Bolha (além de eterno aspirante ao cargo de Grão-Programador) tentava ainda incluir outras denúncias, não-relacionadas no lúmen, mas felizmente o supercomputador não lhe dava ouvidos.

Depois da primeira rodada da imensa lista de acusações, ainda houve um repeteco para que eles soubessem bem do que estavam sendo acusados. A Grande Bolha era muito detalhista e não deixava passar nada. Depois foi feita uma exibição holográfica (imagens soltas no espaço) de um "retrato falado" da aventura-travessura deles.

Os garotos se viram no deserto de Zônia, esticando a rede e capturando o planeta-anão. Foi reconstituído também o momento em que ampliaram a "coisinha", mostrando inclusive a ação de Plick fornecendo energia de seu corpo ao laboratório. Parecia até que tinham sido "filmados", mas na verdade aquilo nada mais era que teleimaginação, um processo laser-eletrônico muito usado em 3000,

que consistia em reproduzir fatos contidos na memória das pessoas, captando-os em suas mentes e exibindo-os diante delas.

— O que vocês têm a dizer sobre isso?

Plick chegou a dar um pulo para trás, ao ouvir a voz ribombante do computador. Milas achou alto demais o volume e foi baixá-lo.

— Não mexa nesse volume! — protestou a Grande Bolha. Encabulado, Milas interrompeu o gesto:

— Desculpe, eu...

— Desculpe, eu... — repetiu a Grande Bolha, que sempre imitava igualzinho a voz dos que falavam. Mas continuou com sua própria voz de computador: — Não desculpo coisa nenhuma! Eu falo como quiser! Eu quero mesmo assustar! Estamos num julgamento ou não? É muito raro nós julgarmos alguém! Espero pelo menos condenar esses aí!

Ao ouvir isso, Delon se remexeu no lugar, impaciente. Sentia uma comichão no corpo toda vez que ouvia uma injustiça. Thera lhe sussurrou baixinho:

— Calma, Delon. Ainda não está na hora!

Os quatro estavam sentados no chão, sobre o claro piso de alumínio. Não havia bancos nem cadeiras no amplo salão vazio. O objetivo dessa extrema simplicidade era destacar a imponência quase brutal da solene, imensa, negra e complicada máquina que chefiava os destinos do GLS. A Grande Bolha, com sua cúpula enorme e brilhante, envolvendo o complexo e intricado mecanismo, de certa forma parecia um monumento a algum deus, apoiado nos degraus de um altar. Ninguém se aproximava desses degraus, onde estavam os franqueadores de processamento, um conjunto chamado Multicom.

— Muito bem — voltou a falar a Grande Bolha. — Vocês conhecem as acusações. Por tudo o que fizeram, merecem ser castigados!

— Isso mesmo! Castigados! — repetiu Milas.

— Não se intrometa! — gritou a Grande Bolha.

Os garotos não puderam conter um risinho. Ela continuou:

— Vamos então ao castigo! São dezesseis acusações e vários etecéteras. Coisa tão séria, que ainda nem sei que castigo lhes dar. Vocês têm alguma idéia? — a pergunta era dirigida aos próprios garotos.

— Protesto, Grande Bolha! — disse o inspetor Milas. — Não há de ser o próprio réu que dirá qual a sua punição!

— Ah, não? — perguntou a Grande Bolha, fazendo a voz de Milas. — Então diga o senhor, que deu o palpite!

Milas gaguejou, inseguro:

— Bem... Não sei... Talvez... Talvez a expulsão, Grande Bolha!

— Protesto!!! — o grito agora veio do grupo de acusados. Era Delon, que se levantara para protestar.

— E protesta por quê, senhor acusado? — perguntou a Grande Bolha, agora falando igualzinho a Delon.

— Por uma porção de coisas. Primeiro, porque nem a senhora tem idéia de qual será o castigo. Segundo, que, se a senhora mesmo não tem, ninguém mais pode ter, e muito menos o inspetor Milas. Terceiro, que entre a acusação e a sentença tem sempre uma outra coisa, que ficou faltando — disse Delon, com toda convicção.

— E que coisa é essa? — quis saber a Grande Bolha, que, apesar de ser uma máquina, começava a simpatizar-se com Delon.

— A defesa!

*

A defesa que Delon fez dos colegas e de si próprio foi excelente. Um verdadeiro grito de liberdade, há muito tempo não ouvido no mundo (pelo menos no GLS). Delon foi soltando tudo o que lhe vinha ao coração, e do coração à cabeça. Seus três amigos, intrigadíssimos, se perguntavam onde ele aprendera tudo aquilo, aquelas palavras bonitas, defendendo idéias estranhíssimas para a época.

Delon falou de um mundo que tinha tudo, especialmente ali no Território Brasília, onde moravam, a região mais bem dotada cientificamente na Terra. Um mundo em que todos tinham desaprendido pedir, reclamar, porque aparentemente as coisas lhes vinham facilmente às mãos. Depois das catástrofes ecológicas do ano 2300, tinham aprendido a lição, e criado estruturas e leis à prova de perturbações climáticas, de desentendimento entre os povos. Vivia-se agora num planeta absolutamente seguro e confortável. Mas absolutamente chato!

A Grande Bolha bufou, quando ouviu isso. O supercomputador não estava programado para uma coisa dessas.

— E o que você faria para o mundo não ser tão chato? — disse ela.



— Antes de mais nada, acabava com julgamentos como este!

— Acabar com... — espantadíssima, a Grande Bolha ia falando com a voz de Delon, mas consertou. — Se nós mal começamos. Este é o primeiro julgamento em toda a história do GLS!

— Então é melhor nem continuar. Todos aqui já vivem com medo. Ou embotados, apalermados. Isso acontece com quem não tem liberdade!

B-Hor, Thera e Plick iam começar a aplaudir palavras tão bonitas, mas a Grande Bolha interrompeu:

— E para que você quer essa tal liberdade? Para sair por aí capturando planetas-anões? Perturbando o povo que mora lá, só para você sentir o prazer de uma aventura? Você quer a *sua* liberdade, garoto. Mas onde fica a liberdade *deles*?

Delon engasgou. Essa Grande Bolha era fogo, sabia das coisas. Foi Thera que veio em sua defesa:

— E a senhora por acaso consultou se *eles* se incomodaram?

— CLARO QUE NÃO! — bradou a Grande Bolha, já irritada com tanto atrevimento, e imitando a voz de Thera.

— Mas *eu* consulte! E eles lá estão satisfeitiíssimos!

O inspetor Milas ficou estarecido:

— Você consultou o povo do planeta-anão, menina?! Mas como???

— Me tornando igual a eles!

E Thera contou o que acontecera após sua fuga do laboratório, levando com ela o planetinha. Ao chegar em casa, usara sua bioenergia para diminuir de tamanho e introduzir-se no pequeno mundo, transformada numa mulherzinha de lá.

— Eles me disseram que estão adorando ter ficado um pouco maiores com a ampliação do planeta deles, e gostaram muito de mudar de órbita. Tanto que até pediram para ficar mais tempo morando na minha casa. Só que não foi possível, né?

Não. Não fora possível. Sabendo que só ela tinha conseguido escapar, e que os amigos haviam ficado detidos, Thera não viu motivos para ficar com o planeta-anão. Por isso, resolveu trazê-lo de volta e entregá-lo a Milas, solidarizando-se com os companheiros. Agora todos a olhavam, atônitos com o que ela contava. A Grande Bolha sentiu que o caso mudava de figura e determinou:

— Está suspenso o julgamento! Inspetor Milas, o senhor fica designado para ouvir as testemunhas e recolher novas provas!

V. PEGADAS NO AR

ANO 3000

Muito felizes com a liberação provisória dos filhos, os pais os levaram para casa. Só Delon saiu sozinho. Ele já se acostumara aos mistérios do pai e não estranhava mais suas saídas bruscas, suas ausências inexplicáveis. Porém, Thera e sua mãe o convidaram:

— Delon, se você quiser pode ir se nutrir lá em casa. Não está com fome não?

Delon acabou aceitando. Ficaram algum tempo à porta do GLS, esperando passar um ígon vazio. Àquela hora era difícil conseguir uma cabine de teletransporte, pois o movimento era intenso como em todas as grandes cidades.

Thera ficou olhando, como se fosse a primeira vez, os transeuntes apressados, os ordenadores de caminho, os distribuidores de sorrisos; homens, mulheres, crianças... e lembrou-se do povo-anão:

— Só espero que eles confirmem o que eu disse!

— Eles quem, Thera?

— O povo do planetinha!

No GLS, nesse preciso momento, o inspetor Milas estava literalmente estupefato. Cadê as testemunhas? Cadê as vítimas? Cadê as pessoinhas do planeta-anão?

— Não é possível! Onde eles foram parar? — bradava desesperado o aturdido fiscal de aprendentes, obrigando os robôs auxiliares a remexerem de todo jeito o astro-bola. — Usem lentes maiores. Eles têm de estar aí. A menos que tenha havido algum cataclismo, um dilúvio, uma inundação!

Mas não parecia ter acontecido desgraça alguma. Investigaram, fuçaram, bisbilhotaram com sondas de todos os tipos e tamanhos, mas a superfície do planeta-anão estava absolutamente tranqüila. Tudo no lugar. Menos o povo. Todos os habitantes haviam desaparecido.

— Aqueles garotos! Foram eles! — berrou furioso o inspetor Milas. — Eu bem avisei que eles não deveriam ser liberados!

E foi correndo contar à Grande Bolha.

*

— Quando eu vi minha filha entrar pela casa adentro com aquela bola esquisita, eu não me importei — lembrava a mãe de Thera, em sua casa, onde tinham acabado de chegar. — Mas quando ela disse que aquilo era um planeta e pediu licença para ficar com ele, eu quase caí para trás. Imagine, criar um planeta dentro de casa. Se ainda fosse um cachorro...

— Você nunca me deixou ter um cachorro — protestou Thera.

— E muito menos iria deixar ter um planeta! Dá muito trabalho, já pensou? Requer cuidados especiais, você não acha, Delon?

— Eu nunca tive um planeta — respondeu Delon.

— Por quê? Sua mãe não deixa?

— Eu também não tenho mãe — disse Delon, sem olhá-las.

A Sra. Thera Mãe se arrependeu da pergunta. A filha já tinha contado que Delon era órfão de mãe, como a própria Thera jamais conhecera seu pai, embora por outro motivo. Por mais adiantada que fosse a ciência do século XXX, havia desastres que não podiam ser evitados. E fora assim que Delon se vira, um dia, sozinho em companhia do pai, bom companheiro, mas arredio, triste e tímido.

Delon e seu pai eram muito amigos, embora existisse sempre, pairando entre os dois, a barreira de um mistério, algo de que o Sr. Delon Pai sempre evitava falar. Delon respeitava esse silêncio, que era compensado pelas longas horas de conversa em que o pai falava de ideais, esperança, conceitos sobre a vida, o caráter, o significado do ser humano. Foram esses pensamentos que construíram a personalidade forte de Delon e, por isso, ele se orgulhava do pai que tinha.

Estavam agora se ajeitando nos leitos diéticos, para a pausa nutriz, e Delon perguntou à Thera:

— Como são os habitantes do planetinha?

— Iguais à gente daqui! Com uma diferença: podem voar!

— Com asas?

— Que com asas! Não falei que são iguais a nós? Acontece que têm um jeito de anular a gravidade e levitar soltos no espaço. Caminhar mesmo, no ar. Como se não tivessem peso nenhum. Uma graça!

Nutriram-se bem uns três tempos, falando sobre esse assunto, quando de repente chegou uma telemensagem de B-Hor. A imagem holográfica do amigo surgiu no meio da sala. Muito aflito, B-Hor falou:

— Thera, a Grande Bolha mandou me buscar! Vai mandar buscar vocês dois e o Plick também! O povo do planeta-anão desapareceu!

Com o susto, Delon se levantou bruscamente, derrubando um copo de leiteblu (concentrado sintético de leite, com todas as vitaminas e proteínas) a seu lado. Fez uma poça no chão.

— Não foi nada! — ocorreu a mãe de Thera. — Seca em cinco tiques (cinco minutos antigos).

O acidente não importava. Estavam com um problema realmente grave. Um povo inteiro desaparecido, mas como? Agora seriam mesmo expulsos do GLS.

— O que é isso??? — a voz da Sra. Thera Mãe encobriu tudo.

Ela apontava assombrada o espaço vazio. Vaga-lumes. Mas não podiam ser vaga-lumes, insetos praticamente extintos há tanto tempo, mas cujos poucos remanescentes Thera ainda vira piscapiscando no museu da tenda termal em Zônia. O que ela tinha, agora, à sua frente, eram milhares de gotas fosforescentes de leiteblu. Uma quantidade incrível de brilhos, vagando cintilantes diante de seus olhos.

Tudo parecia ter saído do líquido derramado no chão.

A nuvem de cintilações primeiro parecia girar desordenadamente. Depois, organizou-se em um sentido determinado, como se procurasse uma saída para o exterior e a liberdade. Uma marcha.

— São pegadas! — gritou Delon. — Pegadas no ar!

— Mãe, feche a janela! — gritou Thera. — O povo-anão está fugindo!

A conclusão da menina estava certa. As pessoinhas diminutas tinham gostado de sua casa e ficado escondidas lá, quando ela levou o planeta de volta ao GLS. Agora, haviam mergulhado na poça de leiteblu para se divertir — ou simplesmente sido colhidas por ela, contra a vontade, como numa inundação inesperada. Isso lhes dera destaque visual. Mas se fora rápido o raciocínio de Thera, não foi tão veloz a ação de sua mãe para fechar a janela. Antes que o fizesse, as cintilações desapareceram.

O povo do planeta-anão tinha ido embora.

VI. DELON VAI PRIMEIRO

ANO 3000

Log era um robô distraído. Produzido há sessenta anos, era tido como ultrapassado em comparação com seus semelhantes de 3000. Por isso ficara à disposição das crianças, já que os adultos preferiam robôs mais atualizados. Só B-Hor o sabia utilizar, fazendo Log funcionar com a máxima eficiência. Em companhia de B-Hor, Log se transformava numa supermáquina, parecendo gente (aliás, era mesmo um robô do tipo andróide, com mecanismos exteriores à mostra), muitíssimo inteligente.

Os amigos de B-Hor achavam Log engraçado e simpático, apesar de ele ser antigo e trapalhão. E Log os ajudava nos estudos. Tendo uma capacidade incomum para memorizar qualquer coisa, o robô sempre lhes lembrava o que esqueciam.

— Log, qual é mesmo a efeméride de Marte? — perguntou B-Hor, ocupado em marcar a posição do planeta em um mapa.

Imediatamente, com sua vozinha fina, Log respondeu sem titubear.

— Obrigado, Log — e B-Hor continuou fazendo riscos e assinalando pontos no mapa, traçando o que ele chamava de tábula temporal. Acabara de indicar a posição de Marte no sistema solar.

B-Hor estava pesquisando, na torre de sua casa, uma nova teoria que ele mesmo criara, a fim de encontrar os seres microscópicos do planeta-anão. Para chegar à formulação de sua teoria, B-Hor decidira agir em três etapas: primeiro, iria calcular as efemérides dos planetas mais próximos da Terra, ou seja, a posição deles no sistema solar, em determinado momento; em seguida, depois de definir as distâncias entre os planetas, traçaria linhas que os ligassem uns aos outros; e, finalmente, estabeleceria pontos no cruzamento dessas linhas. Esses pontos seriam os locais teóricos que B-Hor pretendia usar, dali a pouco, como "base" para a procura dos habitantes do planeta-anão.

Enquanto ele fazia esses cálculos, Delon, Thera e Plick seguiam outras pistas. A Grande Bolha lhes tinha dado um prazo para trazerem de volta o povo desaparecido, ou serem definitivamente expulsos do GLS. Ela autorizara que levassem, nas buscas, o planeta

vazio, para servir de isca. Quem sabe o povinho o via, sentia saudades de casa, e voltava?

Delon, Thera e Plick tomaram um ígon atrás do outro, visitando diversos lugares, com o planeta na mão. Chegaram a pensar em voltar a Zônia, mas desistiram. Qualquer pessoa, em 3000, podia teletransportar-se para onde bem quisesse. Principalmente milhares de pequeníssimos seres, praticamente invisíveis, e que, ainda por cima, sabiam voar.

B-Hor preferiu ir para a torre testar sua teoria. Com a aprovação dos outros três, pediu ajuda ao colega Daam Paulo, porque o projeto exigia um telepata. Daam Paulo era um garoto premonitório, dotado de poderes telepáticos altamente desenvolvidos, como, por exemplo, induzir sensações e acontecimentos a grande distância, e comunicar-se com seus semelhantes, absolutamente sem emitir nenhum som. Colega dos garotos no GLS, ele e B-Hor já haviam participado juntos de outras experiências científicas.

Mas B-Hor se perguntou, mais uma vez, se poderia mesmo confiar no colega. E percebeu que ele sorria. Droga! Tinha esquecido! Daam Paulo lia todos os pensamentos.

— Desculpe, Daam Paulo.

Sentiu que Daam Paulo lhe respondia *de nada*, por telepatia.

B-Hor não desejara comprometer ninguém em mais essa experiência, mas não tivera outro jeito. Sem a telepatia, o plano ficava no meio do caminho. A habilidade de Daam Paulo seria usada do seguinte modo: tentando fazer contato telepático com o povo do planeta-anão, ele deveria mentalizar os pontos determinados no mapa, usando-os como uma espécie de "antena astral".

Mesmo respeitando B-Hor como um supercérebro, seus amigos tinham achado sua nova idéia meio complicada. Plick sugerira outra coisa:

— Que tal usarmos insetos treinados, para farejar o povinho?

Thera e Delon também não gostaram dessa proposta. Todos sabiam que insetos agora estavam banidos por completo de todo o mundo. Os que existiam estavam guardados em museus ou viveiros, onde eram treinados para missões especiais. Mas ninguém podia confiar nas boas intenções de um inseto. Thera já se transformara em inseto e sabia como eram selvagens, rebeldes e fingidos. Caso fossem lançados em busca do povo-anão, talvez atacassem aquela

gente. Acharam melhor nem comentar a idéia de Plick com B-Hor, com medo de que ele gostasse dela.

Mas o que entusiasmava mesmo B-Hor, nesse momento, era marcar, um a um, os ditos pontinhos, calculando as tais efemérides, no alto de sua torre. Era ali que B-Hor estudava e realizava todas as suas espetaculares experiências. Aposentos ideais para um garoto intelectualmente superdotado. Lá de cima era possível ter uma visão completa da região, mas bastava acionar um pequeno dispositivo para mudar a paisagem. Podiam então ser vistos de lá os mais diversos panoramas, à escolha, de todas as partes do mundo.

Logo depois do desaparecimento do povinho do planeta-anão, Delon e Thera já tinham estado ali, apertando os controles, passando o mundo em revista: as capitais, as cidades-recreio, as colônias tecnológicas, as áreas de cultivo, as zonas de defesa biológica, as reservas de lazer, os quadriláteros de produção... tudo! Evidentemente, eram visões gerais, à longa distância. Para localizar mesmo os pequeninos seres, só esquadrinhando centímetro por centímetro todos aqueles lugares enormes.

Agora, depois de uma série de viagens sem rumo certo, Thera e Delon estavam sentados num penhasco, diante do vale da Solidão. Sobre suas cabeças, lá no alto, as vias de cristal, por onde deslizavam os ígons. Embaixo, o descampado de barro e areia, a perder de vista.

— Para onde eles foram, Delon? O que será que eles querem, longe do planeta deles?

— Vai ver, só saíram para dar um volta e depois se perderam.

— A culpa foi minha, quando levei o planeta de novo para o GLS.

— Você não podia adivinhar que estivesse vazio... Calaram-se e ficaram olhando em silêncio a paisagem triste.

Thera sabia que Delon costumava ir ali, sempre que tinha algum problema. Ficava tempos e tempos, pensando, até encontrar uma solução. E só então voltava para casa.

— Por que você gosta tanto dessa paisagem, Delon?

— Gosto? Não sei se gosto!

— É uma paisagem tão feia!

Delon também achava a paisagem feia. Mas explicou que, ao sentar-se ali, nem via a paisagem. Via seus próprios pensamentos. Uma mania que copiou do pai.

— Papai sempre vinha muito aqui. E, antes dele, meu avô. E antes do meu avô, o pai do meu avô e o avô de meu avô. Uma paisagem que passou de pai para filho. Quem sabe, antigamente, aqui fosse um lugar muito bonito?

— É! — refletiu Thera. — Dizem que já houve lugares lindos!

A beleza, há muito, tinha abandonado a Terra. Do mesmo modo que, agora, o povo-anão desertara do seu planeta, houve uma época em que grande parte da Natureza foi desistindo do nosso mundo.

De fato, o vale da Solidão bem poderia ter sido, um dia, muito diferente daquilo.

— Thera! Delon!

Viraram-se para trás. Era Plick que chegava correndo, chamando-os. Acabara de devolver o planeta-anão vazio ao inspetor Milas, bem na hora combinada. Agora teriam de procurar sem a "isca". O prazo já estava no meio. Ia acabar se esgotando. Para não serem expulsos do GLS, só lhes restava uma chance: a teoria de B-Hor dar certo.

De volta à torre, encontraram B-Hor empolgadíssimo, terminando seus cálculos. Daam Paulo estava quieto a um canto, esperando sua vez de entrar em ação. Mas Log se distraiu com a chegada dos três amigos, a quem adorava. B-Hor gritou com ele:

— Log, preste atenção! A próxima efeméride! O robô se atrapalhou.

— Hein? — a voz de Log ficava mais fina ainda, quando ele estava confuso.

— Depressa, seu trapalhão! — exigiu B-Hor, cada vez mais impaciente. — Qual a última efeméride que você anotou? Não posso perder tempo!

Todos confiavam na memória de Log, quando ele registrava alguma coisa, mas, dessa vez, ele não registrara. Acionou todos os circuitos e unidades de sua central de processamento, recorreu ao depósito de algoritmos e não houve meios de achar a efeméride pedida. Em vez de confessar a verdade, teve medo de B-Hor, que uma vez já o deixara totalmente desativado, guardado semanas dentro de um armário.

Em uma fração de tiques, o robô juntou todos os primeiros números das efemérides recolhidas, alinhou-os e compôs uma série falsa.

— Um-Sete-Doze-Zero-Quinze.

B-Hor não percebeu o truque e rapidamente anotou no mapa o que Log dizia, riscando as linhas que faltavam ligar os planetas. B-Hor sorriu para os companheiros. Estava pronta a tábula temporal.

— Agora é tudo com você, Daam Paulo. Pode começar!

Com todos os olhares sobre ele, Daam Paulo concentrou-se, de olhos fechados, fixando mentalmente o primeiro dos pontos, onde se cruzavam as linhas correspondentes às efemérides da Terra, de Marte e Vênus.

Delon estava impressionado: como podia alguém estabelecer contato mental com um cálculo? E — mais espetacular ainda — como alguém podia ser tão genial, como B-Hor, para inventar uma teoria dessas?

O garoto telepático "chamou" demoradamente o ponto marcado no mapa, tentando comunicar-se com o povo perdido. Nenhuma resposta.

— Eles não estão aí! Tente outro ponto! — disse B-Hor. Daam Paulo respirou fundo e voltou a concentrar-se. Por alguns tiques fez uma nova "chamada". E, outra vez, nenhum sinal.

— Não há de ser nada! Outro!

Já um pouco cansado, Daam Paulo abriu um pouquinho os olhos, deu um sorriso a Thera e tornou a fechá-los. Delon emburrou, e B-Hor reclamou:

— Não perde tempo, Daam Paulo. O prazo está se esgotando. Vai!

Mais tentativas, e todas inúteis. Até que chegou o momento do cálculo falso. Log ficou aflitíssimo.

— Este! — disse B-Hor, apontando o último ponto que faltava.

Daam Paulo concentrou-se, de olhos fechados como sempre. Agora, porém, franziu a testa e crispou os lábios. Estava vendo algo estranho, no ponto fixado.

— O que foi, Daam Paulo? — perguntou Thera, aflita. Atordoado, Daam Paulo abriu subitamente os olhos e levantou-se, esfregando a testa como que para apagar alguma coisa que o incomodava muito.

— O que você viu? Fala, Daam Paulo! — insistiu a garota.

— Você se esqueceu de que ele não fala? — disse Plick.

— Mas se comunica com o pensamento — disse B-Hor. — Vamos, garoto. Estamos todos ouvindo. É muito importante saber o que você viu.

Usando telepatia, Daam Paulo primeiro explicou o que acontecia em seu cérebro, quando fixava mentalmente cada um dos pontos do mapa. A cada contato, surgiam imagens em sua mente. Eram visões de certo modo familiares, locais que ele já visitara, ou de que já ouvira falar. Lugares do mundo em que viviam. No entanto, a última visão o perturbou. Era uma paisagem fantástica e desconhecida. Um lugar estranho, inexplicável e perturbador.

— Mostre-nos como é! — pediu B-Hor.

— Não posso! — transmitiu Daam Paulo, por telepatia. — Agora não. Depois... Estou esgotado... Preciso descansar...

Estava quase sem fôlego. O esforço e o choque tinham sido grandes demais. O garoto telepático cambaleou em direção à saída e desceu da torre aos tropeços, apoiado em Plick. Thera e B-Hor foram atrás, temendo as conseqüências.

— Daam Paulo, espera!

Delon ficou sozinho na torre, diante do mapa. Aproximou--se curioso da tábula temporal e contemplou-a em silêncio. Tinha esquecido que havia ainda "alguém" atrás dele, na sala. Só que esse "alguém" não era um ser humano: era um robô. Por isso Log seria o único, depois, capaz de contar como foi que Delon desapareceu.

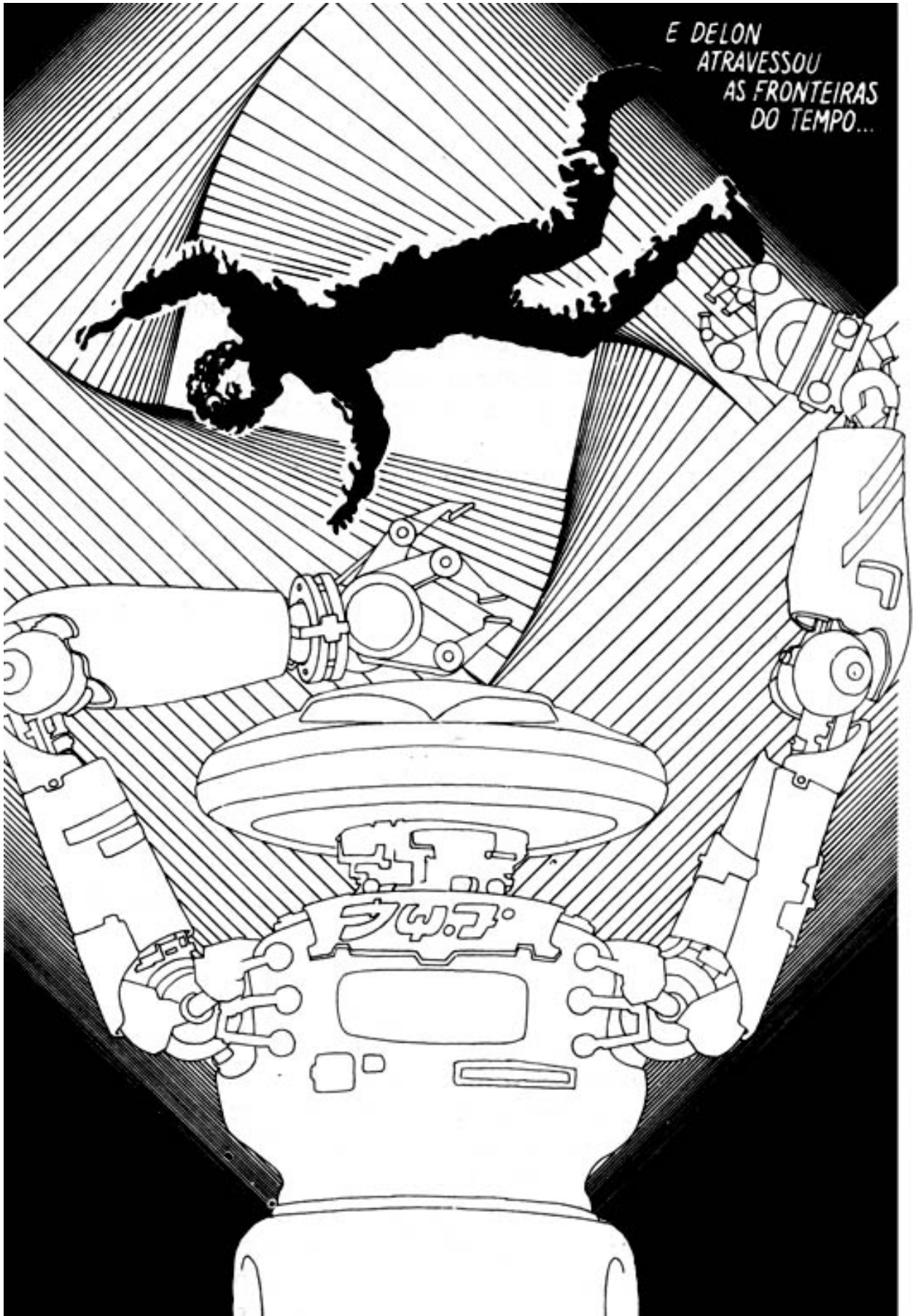
VII. UMA GAROTA EM IPANEMA

ANO 1987

Delon não tinha sentido nenhum choque físico, nenhuma sensação de desconforto em seu corpo. Não doeu nada. Nem ao menos uma impressão de desmaio. Foi tudo muito suave. Como se a luz se tivesse apagado, num simples piscar, e acendido de novo. E lá estava ele. Tinha "passado". Achou até que era muito fácil uma viagem através do tempo.

O ruído, sim, mudara. Nada mais daquele silêncio solene dos tempos modernos de 3000. Tudo agora estourava nos ouvidos. Uma barulhada incrível, orgânica, que parecia entrar por todos os lados do corpo. E música. Seria música aquilo? Uma onda sonora envolvia vozes de todos os tipos, falantes, conversantes, sorridentes, gargalhantes.

E DELON
ATRAVESSOU
AS FRONTEIRAS
DO TEMPO...



E as cores? Delon tinha mergulhado num mundo arco-íris, ensolarado. À sua volta, todos os tons e matizes coloridos, nas roupas e nas paredes. As pessoas também pareciam coloridas, nos rostos corados e peles rosadas ou bronzeadas.

Puxa, como riam. Olhavam para todos os lados ao mesmo tempo. Pareciam querer captar tudo, sem perder nada. Mal Delon "passou" para aquele lugar, sentiu que tinha sido visto. Eram muitas pessoas. O que estariam fazendo juntas?

Parecia uma pausa nutriz em conjunto. Mas onde estariam os leitos diéticos? Por que estavam sentadas diante daqueles pequenos quadrados horizontais, enquanto bebiam e mastigavam aqueles estranhos alimentos, trazidos por homens de uniforme branco e gorro na cabeça?

Delon notou que tudo era muito alegre e descontraído. Também, todos ali eram jovens. Mas não jovens tão sérios quanto os de 3000. Delon percebeu que chegara muito longe. Tinha sido um grande mergulho. E ele tinha certeza de que viera parar no passado.

Mas onde? E em que ano?

Logo notou que todos estavam falando português. Até aí, nada demais, pois o velho idioma brasílio era agora difundido em quase todo o mundo. Quase uma espécie de linguagem internacional. Mas, no passado, teria sido também assim? Não. Provavelmente ele continuava no Território Brasília. Talvez estivesse até no mesmo ponto de onde havia saído. A casa de B-Hor. A torre. Ambas ficavam a pouca distância do vale da Solidão. E o vale da Solidão ficava... ficava...

Delon lamentou não ter pesquisado isso nos livros-lúmen. Senão, saberia agora onde estava. O jeito era perguntar. Sim, perguntar. Um bom exercício. Assim se comunicaria com aquela gente alegre, que o atraía tanto. Mas, por onde começar?

Seu olhar parou numa linda garota da sua idade. Do tipo de Thera, e tão encantadora quanto ela. Examinou-a como que sondando sua personalidade. Ah, se fosse um telepata igual a Daam Paulo, tudo seria mais fácil. O que aconteceria, quando ele falasse com aquela garota estranha e lhe dissesse que viera do século XXX?

Não, que bobagem. Ele não diria. Mas como esconder sua ignorância diante de tanta coisa? Achou melhor aparentar naturalidade. Ia ser difícil, mas resolveu tentar. Inclusive porque não tinha outra saída. Precisava comunicar-se, com urgência. Estava

perdido no tempo, absolutamente indefeso. Alguma providência tinha de ser tomada, pois mais cedo ou mais tarde ele ia ter de voltar a 3000 e, sozinho, isso talvez fosse impossível.

Delon decidiu falar com a garota. Ela agora o olhava e isso podia tornar as coisas mais fáceis. Delon lhe sorriu. A garota também sorriu. Meio sem graça, mas sorriu.

— Não tem lugar, você pode sentar aqui!

Não era possível. Ela tinha falado. Com ele. Foi como ouvir o hino do GLS em uma grande comemoração. Algo pareceu explodir de felicidade em seu peito. Foi a primeira emoção forte de Delon, depois que passou de uma época para outra.

A garota apontava para uma... uma... como se chamaria aquele tipo de assento?

— Aqui tem cadeira, olhe!

Cadeira. A menina empurrou a cadeira ao lado dela, insistindo para que ele sentasse.

— Obrigado! — e Delon sentou-se ali, sem saber o que fazer com as mãos.

Ficou olhando a garota, sem desfazer o sorriso dos lábios. Havia outras meninas, nas cadeiras em volta. Todas comiam e bebiam. Sugavam um líquido através de um canudinho, mordendo e mastigando uma espécie de bolo compacto de trigo, recheado de algo que lembrava carne picada. Outras engoliam lascas amarelas, que pareciam ser muito gostosas, tal a avidez com que eram devoradas.

A garota mudou de repente de cor e baixou os olhos. Delon sentiu que a estava observando demais e talvez, por isso, ela tivesse ficado ruborizada. Resolveu olhar para outro lado.

— Não vai comer nada?

— Hein? — Delon levou um susto, quando a garota voltou a falar com ele.

— Não vai comer nada? — ela repetiu.

— Não... Não sei!

— Nunca vi ninguém vir a uma lanchonete sem comer nada!

O homem de branco, que circulava em volta trazendo comidas, também achava a mesma coisa:

— Que que vai ser, garoto? — falou o homem.

A voz da menina era uma coisa, a do homem era outra. Delon não gostou. Lembrou-se do inspetor Milas. Mas ainda uma vez a garota veio em seu auxílio:

— Por que não toma um sorvete?

Ele notou que a menina se deliciava com um *mini-iceberg* branco e pontudo, com uma camada marrom escorrendo de seu cume, que ela ia desbastando com uma colher.

— É bom?

— É ótimo, prove!

A garota colocou a colher nos lábios dele, com um pouco daquela iguaria. Os dentes gelaram. Fez uma cara tão feia, que a menina caiu na gargalhada. Parecia um pássaro feliz.

— Que foi? Que foi? Não gostou?

— Está ótimo! Mas não se incomode, não! Eu prefiro aquilo ali!

E, num gesto criônico, Delon apontou para um cachorro-quente que um garoto, numa mesa próxima, ia levando à boca. Muitos garotos, no século XXX, inclusive os que não tinham nenhum tipo de bioenergia, haviam aprendido esses gestos, capazes de "tocar", ou mesmo de "pegar e arrancar" à distância. Delon era um deles. No mesmo instante, o sanduíche saiu das mãos do garoto, voou, e veio parar direto nas mãos de Delon. O garoto chegou a dar a dentada no vazio. Ao ver o cachorro-quente desaparecer, a primeira reação do garoto foi de espanto. Logo, porém, vendo o seu sanduíche nas mãos do outro, a segunda reação do garoto foi de raiva.

Todos riam, mesmo sem entender. Quem ria mais era a garota amiga de Delon. Isso aumentou a fúria do garoto, dono do sanduíche. Delon já tinha dado a primeira mordida, quando o garoto chegou junto a ele, feroz:

— Que que foi, hein, pilantra? Que que foi? Tá querendo fazer hora comigo? — e deu um cascudo, que estalou na nuca de Delon, fazendo-o quase ir de cara sobre o tampo da mesa.

— Desculpe! Eu só estava querendo... — e Delon ia tentar explicar o seu gesto reflexo, muito comum e incontrolável quando se divertia com seus colegas do GLS.

Mas o garoto não queria explicações. Com um empurrão, derrubou Delon da cadeira, com sanduíche e tudo.

— Pára com isso! Pára com isso! — gritava, desesperado, o homem que servia as mesas.

A debandada foi geral. As meninas se levantaram e abriram uma roda, assustadas. A coisa estava ficando feia.

— Que que foi, Ricardo? Que que foi?

Eram outros garotos, amigos do primeiro, que vinham ajudá-lo. Querendo exhibir-se diante da platéia, o garoto jogou-se em cima de Delon, que rolou para o lado, agilmente, fazendo o adversário estatelar-se no mármore.

— Ah, é, não é? Ah, é? — com indignação redobrada, o garoto se ergueu, apoiando-se em uma mesa e, com isso, fazendo-a cair. E ele, que era pesadinho, foi junto.

Isso o enfureceu ainda mais.

— Você pediu! — disse o garoto, já de pé, repetindo uma frase ouvida num filme de televisão. E tomou posição de lutador Kung-fu.

Delon, que era do século XXX e nunca tinha ouvido falar em Kung-fu, não tomou posição nenhuma. Também se levantara e simplesmente aguardava os acontecimentos. Como lhe pareceu que o garoto estava mesmo a fim de maltratá-lo, o jeito era defender-se.

Quando o garoto investiu, Delon já estava preparado. Ou melhor: nem precisava se preparar. Bastava outro gesto criônico. E Delon o fez.

O menino já tinha partido em direção a ele, quando esbarrou. Esbarrou no nada. Bateu numa barreira invisível, que o fez ricocheteiar e cair para trás, com a violência do impulso.

— Que foi, tá de perna mole?

Essa observação de um dos amigos do próprio agressor aumentou sua ira. Novamente de pé, o garoto levantou uma cadeira, disposto a quebrá-la em Delon.

Bem, era violência contra violência. Mas Delon não ia machucar as mãos, se tinha o gesto criônico. E Delon novamente o fez. Até botou um pouco de "molho", mas aquele garoto merecia. Foi como um soco. No queixo. O agressor virou a cabeça para trás com o impacto da força invisível que o atingira e tombou.

— Ricardo! O que foi? Ricardo!

Os amigos não entendiam. Primeiro cercaram o garoto, para ajudá-lo. Logo veriam que ele havia perdido a luta e iam querer vingar-se. Mas a garota já tinha levado Delon dali.

— Venha! — disse ela, puxando Delon pela mão. Rapidamente, estavam fora da lanchonete e em meio a uma floresta de edificações.



NUM ESTALO, O CACHORRO-QUENTE
VOOU PARA AS MÃOS DE DELON.



MÁRCIA PUXOU DELON COM FORÇA.

VAMOS SAIR DAQUI!

VOCÊ NOS
ENGANOU LOG!

Um mar de concreto e janelas, cortado por vias de asfalto, por onde corriam bólidos metálicos.

— Cuidado com os carros!

A menina segurou Delon, evitando que um automóvel o atropelasse.

— Não se atravessa rua assim. É perigoso! Vamos correr por aquela calçada!

Delon deixou-se levar pela mão dela. Uma menina forte e veloz, que o fez lembrar novamente de Thera. Porém, Márcia era mais selvagem. Uma presença mais física e instintiva. Seriam assim todas as garotas do passado? Dobraram uma esquina e ela continuava correndo. Pensaram ter escapado aos perseguidores, mas não. Uns três ou quatro continuavam atrás deles, correndo a pé. Mas um vinha em cima de duas rodas, mais veloz.

— Que que é aquilo? — perguntou Delon.

— Aquilo o quê?

Delon não repetiu a pergunta. Fez outro gesto criônico, e o veículo de duas rodas tombou. O garoto, que pedalava, ainda teve tempo de agarrar-se a uma árvore.

— Puxa, que sorte! — disse a garota. — Por aqui!

O "por aqui" era uma galeria, um corredor de maravilhas envidraçadas.

— Não perde tempo olhando as vitrines! Vem! — e a garota levou Delon bem para o fundo do centro comercial, encostando-se com ele em uma das lojas, de onde ficaram olhando a claridade da rua lá atrás.

— Olha! Já passaram! Vamos dar um tempo e ir embora! Puxa, você arrumou uma confusão, hein? Mas me diz uma coisa: como você não sabe o que é bicicleta?

VIII. TODOS QUEREM IR

ANO 3000

B-Hor, Thera e Plick voltaram à torre desapontados. Eles tinham seguido Daam Paulo até sua casa, tentando obter maiores informações sobre aquelas imagens misteriosas que o garoto

telepático captara em sua mente e que o impressionaram tanto. Mas não conseguiram arrancar-lhe mais do que ele já mencionara. Daam Paulo estava exausto, e a mãe despachara seus colegas, dizendo:

— Ele se cansou muito, coitado. O que vocês exigiram dele? Daamzinho costuma ficar assim quando exagera na telepatia. Agora vai ter de dormir bastante, para se recuperar!

Acharam melhor não insistir. Agora, chegando à torre, os três companheiros correram para comentar tudo aquilo com Delon, mas não o encontraram. Ficaram desesperados. Logo pressentiram que algo terrível havia acontecido. O robô devia saber.

— Fala, criatura! — exigia Thera, aflitíssima. — Cadê o Delon?

— Saber onde ele está, não sei! — respondia Log, confuso e apavorado. — Mas posso dizer *como* aconteceu!

— Então diz logo! — gritou B-Hor, sacudindo os ombros do robô, que ficou mais assustado ainda.

— Toda a verdade? — perguntou Log, com um fio de voz, já temendo as conseqüências.

O robô sabia que não poderia contar tudo sem omitir a maroteira da última efeméride. Mas tentou. Disse que Delon se aproximara do mapa, examinando todos os traços riscados por B-Hor, ligando as posições dos planetas. Logo contou que ele parecia muito curioso e fechara os olhos igualzinho a Daam Paulo, querendo se concentrar. Fizera isso ponto por ponto, obedecendo à mesma ordem que o outro havia seguido, a mando de B-Hor.

— Mas... como? Delon não é telepata — disse Plick.

— Não interrompa! — berrou B-Hor. — E depois?

O robô continuou, contando que resolvera também participar do "jogo" de Delon, fornecendo-lhe... imagens.

— Imagens? Que imagens? — perguntou Thera, ainda sem entender.

— Deixa que eu já sei! — afirmou B-Hor, que, sendo um hipercérebro, sempre percebia tudo muito antes dos outros.

— Então explique pra gente!

— Quando Daam Paulo estava recebendo as imagens na mente, deve tê-las passado a Log, sem perceber. Log as captou, gravou e guardou. Tendo uma memória infalível, depois "emprestou" as imagens a Delon, para que ele também as visse — esclareceu B-Hor. — Continue, Log.

— Bem, aí... Aí que, numa dessas imagens, ele... ele...

— Ele o quê?

— Ele *entrou* e desapareceu! Thera estava no auge da aflição:

— Mas entrou *como*?!!

— Acho que já entendi! — disse B-Hor, baixando a cabeça e sentando-se num canto, com ar muito preocupado.

— Que foi que houve, B-Hor? — perguntou Plick, aturdido com tudo aquilo.

— Estamos numa enrascada, gente! Delon viajou no tempo!

O espanto foi geral. Esperavam tudo, menos aquilo. Foi preciso B-Hor voltar a resumir sua teoria sobre o cálculo das efemérides, completando:

— Só que, quando fizemos contato telepático com aqueles pontos, aconteceu com certeza uma coisa incrível, assombrosa, surpreendente!

— O quê?!

— Nós devemos ter interferido nas relações astrológicas do tempo!

— Ih, não entendi nada! Traduz! — disse Thera, muito nervosa.

— Ora, é fácil! Astrologia não estuda a posição dos astros para prever o futuro? Pois eu acho que descobri uma coisa: mentalizando essas posições é possível *viver* esse futuro, antes que ele chegue realmente. A gente *vai* até lá!

— Ao futuro? — perguntou Plick, espantadíssimo.

— Não necessariamente! Aliás, até acho que esse processo serve para que se "viaje" para qualquer época que se queira. Amanhã ou ontem. É só calcular as efemérides do ano escolhido, mentalizar o ponto desejado... e entrar por ele. Tão naturalmente quanto o simples ato de abrir uma porta e atravessá-la. Não é como se faz hoje, indo para *onde* se quer. É ir para *quando* se deseja!

— Como se o tempo fosse dominado! — concluiu Plick.

— Barato! E dizer que o Delon descobriu isso por acaso! — vibrou Thera.

B-Hor sentiu aquele ciúme que só os inventores e os criadores sabem como é. Mas defendeu-se:

— Sim... Talvez... Embora usando a teoria que *eu* criei! Plick, no entanto, estava aceso, querendo mais explicações:

— Mas eu ainda não estou entendendo uma coisa: Daam Paulo também se concentrou e viu todos aqueles lugares. Inclusive esse em que Delon deve ter entrado. Mas Daam Paulo não entrou em nenhum. Por que Delon conseguiu?

B-Hor respondeu com um sorriso de gênio que sabe das coisas:

— Porque Delon desejou! Delon *quis* entrar lá! E Daam Paulo não quis. Essa foi a diferença!

— Maravilha! — disse Thera aos gritinhos. — Quer dizer que nós aqui, *se quisermos*, podemos ir lá também?

— Claro! — disse B-Hor, já excitado com a idéia. — Se soubermos onde é esse *lá*!

— Agora sou eu que digo: é fácil! — falou Plick. — Para descobrir onde Delon está, é só saber o ponto que ele focalizou no mapa. Qual foi, Log?

Pronto. E agora? Log embatucou. Estava temendo por esse momento.

Para dizer qual era o ponto, teria de confessar a fraude.

— Diga, Log. Qual foi o ponto? — insistiu B-Hor. Bem, que fazer? A sorte estava lançada. O robô repetiu aquela mesma efeméride que tinha inventado.

— Um-Sete-Doze-Zero-Quinze.

B-Hor não demorou a perceber. Foi quase instantâneo.

— Ei, é o mesmo que... O lugar que assustou Daam Paulo!!! Log, de onde você tirou essa efeméride?

É difícil alguém notar alguma emoção no rosto de um robô, mesmo ele sendo um andróide com cara de gente. Mas os três perceberam que Log estava encabuladíssimo.

Log não foi castigado. Apesar de toda a raiva de B-Hor contra a molecagem do robô, Thera o defendeu como pôde, alegando que a hora não era de brigas, mas de saber onde estava Delon e ir procurá-lo. Foi só depois de muita insistência da menina que B-Hor se acalmou e parou de dar socos na blindagem de Log.

Com todo cuidado para não ser visto pelo inspetor Milas, B-Hor deixou os amigos esperando na torre e deu um pulo escondido à lumenoteca do GLS. No século XXX, as bibliotecas que guardavam livros antigos feitos de papel praticamente tinham desaparecido. Predominavam as lumenotecas, onde podiam-se ler holograficamente todos os livros-lúmen editados no mundo.

Depois de consultar um lúmen especializado, que mencionava a posição dos grandes planetas do sistema solar nos últimos quinze séculos, B-Hor voltou à torre.

— Chegou a alguma conclusão? — Thera foi perguntando.

— Cheguei! Delon foi para um lugar que não existe!

— Não existe?!!

— Mas já existiu! — completou B-Hor, que só estava fazendo suspense. — Delon foi para o passado!

Não foi à toa que o garoto mais inteligente do GLS desenvolvera sua enorme capacidade de raciocínio. Quando os outros iam, ele já vinha voltando com a solução dos problemas. Antecipava-se às conclusões de quem quer que seja. No começo, embatucara com aquelas estranhas imagens na mente de Daam Paulo, que não existiam em 3000 mas poderiam ter existido em outra época. *Desde que a efeméride fosse falsa*. E realmente era, como Log confessou. Juntando todos esses fatos, só restava a B-Hor consultar os lúmens, e identificar o lugar visto por Daam Paulo.

— Pela descrição de Daam Paulo, vi logo que só podia ser uma época anterior à grande catástrofe ecológica! — disse, cheio de si.

— Antes de 2300?!

— Muito antes, até! Um tempo em que o mundo era muito diferente do que é hoje. Mais atrasado, talvez. Mas bem mais bonito! E, agora, depois de pesquisar o livro-lúmen, já sei para *quando* Delon foi!

— Para quando??? — perguntaram Thera e Plick, em coro.

— Para 1987. Está no século XX, quase tenho certeza!

— Quase?

— Bem... — disse B-Hor, com falsa modéstia. — Falo assim para não bancar o prosa. Mas se vocês querem: eu *tenho certeza*!

— Certeza como?

B-Hor já estava ficando impaciente. Não gostava que duvidassem dele. Mas explicou:

— Eu tinha aqueles números malucos que o Log inventou, não tinha? Foi só me guiar por eles, procurar no lúmen, e pronto! Não deu outra! Delon foi parar em 1987. E no Território Brasília!

— Aqui mesmo?!! — Plick não queria acreditar, teimoso que era.

— Aqui e aqui e aqui! *Neste* ponto! — disse B-Hor, batendo com os pés no chão da torre e apontando enfaticamente para o lugar em que eles tocavam.

— Incrível! Vamos então trazê-lo de volta! — falou o robô.

B-Hor preferiu ignorar a tolice. Não gostava de ouvir bobagens desse tipo. Ter de explicar, explicar, explicar — isso atrasava seu raciocínio. Deu a bronca:

— Não explico mais nada! Só digo que é impossível trazer Delon do passado, assim sem mais nem menos. Isso teria de partir dele, usando o mesmo processo ao reverso. Mas precisaria de outra tábula temporal, que ele não tem, com o cálculo das efemérides correspondentes a 3000. Puxa, por que tem de cair tudo em cima de mim, hein? — despejou B-Hor, irritado.

— Deixe comigo, B-Hor! Eu vou lá!

Quem falava era Plick, que também tinha desses lances heróicos, como Delon. Apesar de franzino, era um garoto muito valente e decidido.

— Não, Plick. Sozinho, não! Vamos todos juntos, ou não vai ninguém. Ih, que bobagem que eu disse! Claro que tem de ir alguém! Vou eu, pronto! — bradou Thera, animadíssima.

— Não pode ir só uma pessoa! — disse B-Hor, pensativo. — E eu, lógico, tenho de ir, para que não haja erros de cálculos. Senão, somos capazes de vagar pelo tempo, errando o ano de volta. Quem sabe até ir parar mais no passado ainda e ficarmos perdidos de uma vez... Não, eu tenho de ir. Com o Plick!

— Eu vou! — teimou Thera.

— Mas alguém precisa ficar aqui, para dar retaguarda. Disfarçar nossa ausência. Vão dar por falta: o GLS, nossas famílias... Ninguém vai entender.

— Principalmente agora, que estão nos cobrando o povo do planeta-anão! — lembrou Plick.

— Pois é. Mais essa!

— Que tal eu? — disse uma voz tímida, por trás de B-Hor. — Esqueceram-se de mim?

Era Log. B-Hor ainda estava muito zangado com ele.

— Você, não! Chega de robô trapalhão! Eu quero gente! Alguém responsável!

— Eu sei de um! — falou Thera, imediatamente. — O pai de Delon!

IX. MEU NOME É MÁRCIA

ANO 1987

— Márcia! Meu nome é Márcia! E o seu?

— Delon!

— Puxa, que nome lindo!

Além do nome, ela também achava o novo amiguinho muito bonito. E ele estava encantado com ela. Nunca teria imaginado que os antigos pudessem ter tanta graça.

Márcia tinha sido muito gentil com ele, depois que se livraram dos perseguidores. Delon despertara na menina uma enorme curiosidade. Não, aquele garoto estava longe de ser um caipira. Mas, como, então, desconhecia tanta coisa, inclusive coisas simples como... uma bicicleta? Márcia estava intrigadíssima. Tão intrigada, que o mais espantoso — aquela "mágica" de ele conseguir tirar de longe o cachorro-quente do garoto — ela tinha esquecido. Não conhecer uma bicicleta, isso, sim, era demais.

— De onde você é? — ela perguntou, enquanto caminhavam juntos pelas ruas do bairro.

— Daqui mesmo! — respondeu Delon e não estava mentindo.

— Mas você parece não conhecer nada...

— É que eu estou longe há muito tempo!

Outra pequena verdade. Delon era muito esperto. Também, um aluno do GLS... Sua cultura e sagacidade, não se esqueçam, eram de um menino avançadíssimo, do século XXX. Isso lhe dava uma enorme vantagem para conversar com Márcia, sem revelar de onde viera. Ela não estava preparada para a grande verdade.

— Você está com parentes? — indagou Márcia.

— Não, não estou!

— Está na casa de quem?

— De ninguém!

Márcia sobressaltou-se:

— Você está perdido?

— Sim. Estou. Estou perdido!

Márcia fechou o sorriso, preocupada. Sentiu que estava diante de um fato grave. Delon era o primeiro menino perdido de sua vida. E ela não queria deixar passar aquela oportunidade de socorrer alguém.

— Vamos lá em casa. Quem sabe minha tia pode te ajudar! Duas esquinas depois, estavam na casa dela. Um prédio alto, monumental, como Delon nunca vira antes (eram proibidos edifícios assim em 3000, condenados como insalubres, anti-higiênicos e pouco seguros). Mas parece que em 1987 eram muito admirados, tamanha a quantidade deles: estiletos de concreto, apontando o céu, cheio de janelas, abrigando centenas de pessoas amontoadas.

Para entrar, era preciso viver apertando, torcendo ou puxando coisas. Botões junto à porta grande principal, para ouvir uma voz e responder a ela. Maçaneta para torcer e entrar. Outro botão para chamar alguma coisa invisível; uma alça para puxar uma porta que os levava ao interior de uma caixa abafada. Mais botões para escolher um deles, apertar, fazendo a caixa subir e levá-los não se sabe para onde. E, finalmente, outro botão, ao fim de um corredor, para que alguém viesse abrir uma última porta. Para que tudo isso? Seria tão mais simples um gesto criônico. Delon sentiu saudades do seu tempo, onde não era tão necessário tocar as coisas com as mãos para fazer mais ou menos as mesmas coisas.

A porta se abriu e apareceu uma mulher. Ela chorava.

— Márcia, minha queridinha! Que bom que você chegou! Uma coisa horrível! A casa de Mercedes caiu!

X. O PAI DE DELON

ANO 3000

Não foi difícil encontrar o pai de Delon. Mandaram Plick sozinho, porque dos três era o que tinha melhor conversa para essas coisas. B-Hor era objetivo e científico demais. Thera, emotiva demais. Plick já tinha um jeitinho especial de envolver as pessoas, sem as assustar e levar um *não* pela proa. Os três juntos iriam causar um tumulto, um choque na cabeça de qualquer um, especialmente alguém meio "esquisito" como o Sr. Delon Pai. Já pensaram — chegar e ir dizendo de sopetão "Seu filho mudou de século"?

Além disso, Plick era muito conhecido do pai de Delon. Os dois garotos eram amigos há muito tempo, antes mesmo do GLS, antes mesmo de Thera e B-Hor.

— Conte lá, Plick! Qual foi a última? — foi dizendo o Sr. Delon Pai, mal o garoto o abordou à saída do GLS. — Vocês já encontraram o povinho do planeta-anão?

Plick coçou a cabeça:

— Tá quase!

— Então por que você coçou a cabeça?

— Quem? Eu? — e Plick rapidamente baixou a mão. — Puxa, esse homem é espertíssimo, que nem o filho — pensou.

O Sr. Delon Pai continuou andando, descendo a rampa, com sua pastinha. Plick foi atrás. Antes de chegar ao marco onde paravam os ígons, o homem estacou, e voltou-se:

— Pode falar, Plick! Qual é o problema?

— Pro... problema? Que problema? — gaguejou Plick.

— Se não houvesse problema, você não viria para a porta do GLS me esperar!

— Como o senhor sabe que eu vim esperá-lo?

O Sr. Delon Pai olhou longamente para o menino, sorriu sem dizer nada e retomou a caminhada. Plick correu atrás dele:

— Sr. Delon Pai!

— Hein? — ele parou de novo, e Plick resolveu abrir o jogo.

— Há de fato um problema. Onde eu posso conversar com o senhor? Tem de ser com calma!

XI. A FAVELA

ANO 1987

Delon estava desconcertado com tudo o que via naquela cidade do século XX. Aquele mundo era um festival de contrastes. Seu primeiro contato com a civilização do passado lhe havia revelado um cenário até certo ponto confortável, como o da lanchonete com os jovens saudáveis e bem-vestidos, os edifícios altos e elegantes, as lojas com suas vitrines bonitas e o apartamento em que Márcia morava com a tia. Delon chegara a pensar: "Como se vive bem neste

século, apesar do atraso!" Porém, uma hora depois, ele foi obrigado a mudar essa opinião.

Márcia havia ficado em companhia da tia, para não interromper os estudos, quando o pai se transferira para outro lugar distante por problemas de trabalho, e a mãe fora junto. Tia Denise era assistente social — uma profissão que Delon, no início, não entendeu muito bem — e tinha uma empregada chamada Mercedes.

Era essa Mercedes o motivo do choro e aflição de tia Denise.

No começo, Delon pensou que estavam falando de algum robô. Mas pelo estado emocional das duas concluiu que se tratava de gente mesmo. Ficou observando a casa, em volta, já que a menina e a tia falavam de coisa mais importante e não prestavam atenção nele.

— Eu bem fiz tudo para a Mercedes mudar de lá! — dizia tia Denise, entrando e saindo de diferentes compartimentos, mudando a roupa, ajeitando os cabelos, calçando sapatos, abotoando-se. — Aquilo ali não oferecia a menor segurança, eu sempre disse. Muito menos para ela levar aquelas crianças. Mais cedo ou mais tarde ia dar em tragédia. E agora? Nem sei se morreu alguém. Vou correndo pra ver se dou uma ajuda!

— Eu vou também! — disse Márcia. — Você vem, Delon?

— Quem é esse menino?

Só nesse momento Delon fora notado. Mas já tivera tempo de registrar todo o estranho e pouco prático modo de vida num apartamento de dois quartos no século XX. Mas o pior ainda estava por vir.

Márcia explicou que era um amiguinho, mas não disse que o conheceu há pouco. Tia Denise não era de perguntar muita coisa. Delon acompanhou as duas, e pela primeira vez entrou, meio resabiado, num daqueles veículos de 1987. Não tinha nada a ver com os ígons de teletransporte. Aquilo precisava rodar mesmo, deslizar sobre as pistas de asfalto, comer distância, dirigido por tia Denise, que segurava uma roda preta. Iam aos pulos e balanços, e o tempo se escoava desperdiçado. E, segundo ele via por onde passava, todos os veículos eram conduzidos pelo mesmo sistema. Que atraso!

O que mais espantou Delon, no entanto, nessa viagem, foi a decadência progressiva do ambiente. À medida que eles se afastavam do bairro em que tinha conhecido Denise, o cenário ia mudando para pior. Talvez as pessoas da época já estivessem habituadas a isso, mas, para um garoto que viera de mais de mil anos depois, o contraste era bem mais fácil de perceber.

Mas o choque maior ainda estava por vir. Aconteceu quando tia Denise parou o veículo e disse:

— Chegamos!

O que era aquilo?! Um forte impacto atingiu a alma de Delon, ao ver diante de seus olhos, pela primeira vez em sua vida, o real significado da palavra miséria. Nunca pensara que um dia iria estar frente a frente com ela. Era apenas um conceito vago, em sua mente. Pobreza. Penúria. Fazia uma idéia remota de que essas eram situações bem diversas e distantes de tudo o que eles possuíam em 3000. Evidentemente, havia desolação e tristeza no século XXX, como no deserto de Zônia, e mesmo no vale da Solidão, mas eram consequência de cataclismos e outras catástrofes causadas por lutas irracionais do ser humano contra seu semelhante ou contra a natureza em geral. Mas o que teria causado aquela miséria ali, aquele total desmazelo humano, aquela aparência de desorganização e imprevidência? Como era possível viver naquele lugar?

— Já tinha estado numa favela? — perguntou Márcia, baixinho, junto ao ouvido de Delon.

Delon se admirou de Márcia não parecer tão chocada quanto ele. Só lhe ocorreu uma pergunta:

— Quem mora aí? Prisioneiros?

Márcia riu. Não sabia se era uma piada.

— Não brinque com essas coisas. Tem muitas famílias honestas aqui. A maioria!

— Famílias?! Mas por que são obrigadas?

— Ai, Delon. Não complica! — disse Márcia, meio impaciente, enquanto começava a subir, atrás da tia. — Ninguém é obrigado a morar em favela. Mora porque precisa, porque quer, escolhe, sei lá!

— Escolher morar... aqui? — Delon continuava sem aceitar essa idéia.

— Eles não têm outro jeito! Olha, depois você pergunta tudo para tia Denise, que ela explica. Ela é assistente social, e está habituada com esses problemas! Mas vem. Tá cansado? É lá em cima!

Delon continuava subindo, examinando tudo por que passava, os barracos precariamente fixados no barranco, a gente curiosa no caminho. Sentiu no coração uma emoção nova: a sensação inédita de desconforto por não pertencer a um lugar e ser olhado como um invasor. Depois saberia que isso se chama constrangimento. Parece

que toda aquela gente pobre os estava censurando por suas roupas melhores. A sua, então, brilhante e superacolchoada... Resolveu pisar bem forte com as botas na lama, para sujá-las e talvez nivelar-se um pouco à miséria à sua volta.

Um grande ajuntamento surgiu à distância, num ponto em que o morro estava mais a pino. Como podiam tantos equilibrar-se naquela ribanceira?

— Ai, meu Deus! Não sobrou nada! — já foi dizendo tia Denise, antes de chegar.

Esse "não sobrou nada" não estava longe da verdade. Tia Denise parecia um cabrito, habituada a andar naqueles lugares difíceis, e rapidamente alcançou o aglomerado de pessoas, afastando-as nervosamente e sem cerimônia, até ver os escombros do barraco desabado. Um monte de paus e pedras, coberto por um mingau de barro. Delon nunca vira nada igual. Jamais admitiria que ali tivesse existido antes uma casa que abrigava seres humanos.

— Tem gente embaixo? Chamaram os bombeiros? E as crianças? Cadê a Mercedes? — ela despejava mil perguntas, logo querendo tomar providências.

— Mercedes tá atrás do Édison!

— O Édison?!

O filho menor da Mercedes. Estaria debaixo de tudo aquilo? Esse menino! Ninguém dizia coisa com coisa. Quando caíra o pé d'água, Mercedes estava fora, no pé do morro, comprando leite na carrocinha. Dos dois maiores, um já tinha saído para a escola, e o outro fora buscar água na bica. Só o Édison, geralmente o mais dorminhoco, havia ficado em casa.

— Foi uma pancada só, mas o barraco desabou na hora. Deu até pra ouvir lá embaixo! — comentou alguém.

— Olha os bombeiros chegando aí! — disse outro.

— Eu quero é a Mercedes! A coitada deve estar louca! Márcia, vem cá, me ajuda. Procura a Mercedes! — dizia tia Denise, repetidas vezes, desatinada.

Mas não foi preciso procurar muito. Ouviram um grito, plangente, de loba atrás do filhote:

— Ééééédison!!!

A voz de Mercedes ecoou pelo morro, de lugares diferentes, até que tia Denise acolheu seu rosto e seu pranto nos braços.

Delon olhava tudo aquilo, perplexo, sem entender nada. Como era possível alguém construir uma casa que desabava?

XII. CUSPIDOS NO ONTEM

ANO 3000

— Falou?

— Falei!

— E ele?

— Está vindo aí! Quer ver essa tábula temporal de perto! Plick tivera uma longa conversa com o pai de Delon, na residência dele. O homem o ouvira em silêncio, absolutamente pálido. Plick não tinha a menor idéia do que ele estava pensando, mas o tempo todo esperou que ele desse um berro e desandasse a esbravejar. Afinal, isso é o que faria seu próprio pai e, certamente, o pai de B-Hor. A mãe de Thera, então, nem se fala. Já não bastava o problema criado com o desaparecimento do povo-anão, e agora essa?

Mas o Sr. Delon Pai teve a atitude tranqüila dos heróis e dos mártires. Levantou-se, respirou fundo, e só disse uma coisa:

— Me leve lá, que eu quero ver!

E o Sr. Delon Pai acompanhou Plick até a torre. Thera, B-Hor e Plick já o esperavam. E Log também.

— Então vocês querem ir buscar meu filho? — foi logo dizendo. — E como pretendem fazer isso?

B-Hor já não agüentava de tanto repetir a mesma coisa, mas explicou tudo outra vez.

— Quero ver como funciona! — exigiu o pai de Delon.

B-Hor não respondeu logo. Desconfiara. E logo teve certeza da malícia: o homem queria ir ao passado, "sacrificar-se" no lugar deles.

— Não, senhor! Nada disso! Quem tem de ir somos nós! — falou B-Hor, decidido.

— Vocês são muito jovens! Não podem correr esse risco!

— Ué, e Delon, não está correndo? — disse Thera.

— Não com a minha autorização!

— Ih, Sr. Delon, o senhor está parecendo meu pai. Está complicando tudo. E seu filho sempre falou tão bem do senhor! — argumentou B-Hor, decepcionado.

— Falou? O que ele falou?

Todos notaram um brilho de orgulho no olhar sempre tão entediado e cansado do Sr. Delon Pai. Thera sentiu que era hora de convencê-lo e conseguir sua ajuda.

— Olhe, o mundo há 1013 anos era muito atrasado para nós. Com os recursos que temos hoje, principalmente os bioenergéticos, não vai haver nenhum problema. Mesmo uma pessoa da nossa idade, extremamente avançada física e tecnicamente para aquela época, terá a maior facilidade em vencer qualquer obstáculo que surgir!

— Doenças?

— Estamos em dia com os imunizantes!

— Clima?

— Nossas roupas térmicas estão suficientemente equipadas para qualquer eventualidade.

— Desastres, feras, agressões de todo tipo!

— Bioenergia e força criônica! Já pensamos em tudo! O Sr. Delon Pai também pensou, pensou, andando de um lado para outro com a mão no queixo. Os meninos sabiam o que ele pensava agora: como explicar e justificar tudo isso no GLS, caso essa nova aventura fosse descoberta.

— Vocês já estão bastante enrascados, sabem disso, não?

Para isso eles não tinham resposta.

— E a Grande Bolha nunca os perdoará!

Também já sabiam. Mas o Sr. Delon Pai continuou:

— Estão colocando em minhas mãos uma terrível responsabilidade. Não só no que se refere ao GLS, mas diante dos pais de vocês, que, afinal, têm direito a uma satisfação. No entanto, não acredito que consentissem nessa loucura se vocês os consultassem. Ir ao passado, usando esse... processo maluco, é mais assustador do que viajar num ígon para um quasar.

O Sr. Delon Pai parou novamente, pensou um pouco, e concluiu:

— Mas podem contar comigo, que eu garanto a retaguarda!

Foi uma festa. Todos se penduraram no pai de Delon, abraçando-o. Começaram a dar mil e uma recomendações, prevendo todas as possibilidades de sentirem a falta deles. B-Hor ofereceu os serviços de Log, e Thera perguntou se ele não queria alguma lembrança do século XX.

— Não vamos demorar muito — disse B-Hor. — Só o tempo de pegar o Delon, usar a tábula temporal, e voltar. Para isso estou levando uma cópia reduzida do mapa. Sou capaz de apostar que Delon nem se lembra dos números que o levaram para lá.

— E já pensou também se ele saiu do lugar?

— Bem, então vamos ter de perder um tempinho para procurá-lo. Por isso é melhor ir andando.

— Mas esperem! — disse o Sr. Delon Pai. — Eu acho que deveria saber também como isso funciona. Para o caso de um imprevisto, de uma emergência!

— Não pode haver imprevisto nem emergência. Está tudo bem calculado — disse B-Hor, vaidoso e cheio de si. — Mas, de qualquer maneira, o senhor tem aí o Log, que registrou tudo. E para ver como funciona é só prestar atenção no que vamos fazer. Log, qual é a efeméride?

Thera, Plick e B-Hor estavam perfilados diante da mesa com o mapa. Log disse os números: os mesmos números inventados por ele e que, casualmente, assinalavam a posição dos astros no ano de 1987.

— Um-Sete-Doze-Zero-Quinze.

B-Hor olhou para o Sr. Delon Pai e mostrou:

— Agora nós vamos nos concentrar naquele ponto ali, em que aquelas linhas se cruzam. Está vendo? É a mesma efeméride em que Delon mergulhou. Vão aparecer imagens na memória de Log, e ele vai transmiti-las para nós. São visões do século XX.

— Log vai transmitir? Mas... — interrompeu o pai de Delon, preocupado de repente com alguma coisa, mas B-Hor não pareceu tê-lo ouvido.

— Vamos, Log. As imagens! — determinou B-Hor, cerrando os olhos.

Os três estavam de mãos dadas, intensamente concentrados, diante do mapa. O robô andróide, impassível, tocou-lhes nos ombros, um por um.

— Ei, mas você não me respondeu à pergun... — tentou insistir o Sr. Delon Pai.

Tarde demais. B-Hor foi o primeiro a desaparecer.

Depois Plick.

E Thera, em seguida.

— Droga! — exclamou o pai de Delon, ainda atordado. — Faltou uma coisa importante!

Mas eles já tinham sido cuspidos no ontem e estavam a séculos de distância.

XIII. O MAR AINDA ERA LINDO

ANO 1987

Delon não estava habituado às tragédias. No ano 3000 a humanidade havia superado inúmeros problemas, prevenindo-se contra a maioria dos males e catástrofes, tornando-se por isso fria e objetiva, quase insensível à dor. Principalmente porque a dor, no sentido e intensidade que as pessoas a conheciam no passado, praticamente não existia mais. Em 3000, as maiores manifestações externas de emoção eram as de contentamento. As lágrimas ou não existiam, ou estavam absolutamente controladas.

Porém, naquele dia, no ano de 1987, Delon estava vendo uma enxurrada de lágrimas, causada por outra enxurrada, a da chuva que fizera os barracos desabarem em diversos morros da cidade. Ali, apenas o barraco de Mercedes tinha sido atingido. Por isso chorava Mercedes, choravam seus outros dois filhos, e choraria o marido, embarcadicho de navio, quando soubesse da desgraça. Choravam também tia Denise e Márcia (que sabia sorrir tão bonito), choravam as pessoas em volta. E só não choravam os bombeiros — porque tinham de trabalhar — e Delon, porque não sabia.

— Coitadinho do meu filho! Está aí embaixo! Tirem ele daí! — bradava Mercedes, abraçada por tia Denise.

— Calma, Mercedes, calma! — consolava tia Denise, batendo-lhe de leve no ombro, mas também chorando convulsivamente. — Não adianta a gente ficar aqui! Vamos embora!

— Não! Eu quero ver! — gritava Mercedes, com emoção incontrolável.

— Vai levar horas! — disse o líder do grupo de bombeiros. — Nós vamos fazer o possível!

O possível! Delon achava discutível esse conceito de possível. O que seria possível para aqueles homens do século XX, com pás, picaretas e instrumentos ridículos, querendo remover destroços dentro da lama, numa ribanceira quase vertical? E se houvesse mesmo alguém debaixo daquilo tudo?

Delon teve o impulso de pedir a todos para se afastarem e fazer um gesto criônico. Mas como explicar depois? Preferiu disfarçar e pegou uma pá.

— Delon, o que vai fazer? — perguntou Márcia, que não saía de junto dele.

— Ajudar! — disse Delon, e começou a cavar.

— Largue isso aí, garoto! — gritou um bombeiro.

Mas Delon já tinha conseguido o que queria. No momento em que a ponta da pá tocou o monte de terra, ela já foi acompanhada de um gesto criônico. Como pela ação de um detonador subterrâneo, o bolo de barro estourou, dando origem a uma fenda que rasgou os escombros de alto a baixo.

— Socorro, tá desabando de novo!

Na gritaria, o pessoal debandou. Mas não era um novo desabamento. Era a consequência do gesto criônico de Delon, concentrando forças capazes de alterar a posição das coisas no espaço. Pedacos de pau vieram de cambulhada junto com a lama acumulada, misturada a pedras, latas, panos, objetos diversos que haviam sido carregados pela enxurrada. Em instantes, abriu-se uma espécie de clareira, pondo em ordem a desordem e revelando uma boa notícia:

— Não está! Milagre! O Édison não está aí! — era Mercedes que gritava, as lágrimas transformadas num imenso sorriso. — Ai, muito obrigado, muito obrigado!

E ela se ajoelhou, contrita, com os olhos voltados para o céu.

— Foi você, com aquela pá! — murmurou Márcia, juntinho ao ouvido de Delon.

— Eu? — ele respondeu, fazendo cara de inocente. Os bombeiros não entenderam nada e durante semanas aquele "milagre" ainda ia ser motivo de muita discussão no quartel. Para as pessoas em volta, no entanto, explicações não interessavam. Mais uma desgraça estava superada.

— Eles vão continuar morando aí? — perguntou Delon a Márcia.

Ela apenas deu de ombros, sem saber o que responder. Mas ao ver os demais moradores retornarem a suas casas no morro, Delon entendeu que nenhum deles pensava mais em perigo.

— Agora o jeito é saber onde se meteu aquela peste do Édison! — ouviu Mercedes dizer, retomando a ira materna.

— Vamos todos lá pra casa — disse tia Denise. — Quando ele quiser voltar, sabe onde é!

E voltaram todos, amontoados no automóvel de tia Denise. Discutindo o novo problema — a falta de abrigo — Mercedes e tia Denise falavam sem parar, quando de repente a empregada notou Delon:

— Quem é esse menino?

Foi Márcia que respondeu:

— Um amigo meu!

Delon sentiu-se examinado por todos, dentro do carro. Um amigo de Márcia devia ser coisa muito importante para aquela gente. Logo lembraram que era o garoto da pá.

— O da pá! O da pá! — todos se cutucavam como se de repente estivessem vendo um personagem sobrenatural.

Talvez fosse estranho mesmo, para eles, um garoto segurando uma pá. Delon estava encabuladíssimo, principalmente porque os filhos de Mercedes começaram a lhe examinar a roupa térmica.

— Isso não esquenta? É feito de quê? É de astronauta?

Quem o salvou foi Márcia:

— Tia, passe pela praia!

— Praia, agora, minha filha? — estranhou tia Denise. Sim, talvez fosse melhor. Percebeu que a sobrinha queria livrar-se daquilo tudo, os problemas de Mercedes, o que afinal não tinha nada a ver com ela. Seria bom a garota dar uma volta com o novo amiguinho.

— Pronto, está aí a praia! — disse tia Denise fazendo o automóvel desembocar de uma rua e enfrentar a claridade natural mais estonteante que Delon jamais vira em toda a sua vida. Verde, prata e um azul intenso, num glorioso dia de sol que magicamente emergira da chuva: mais um cenário surpreendente e inesperado no século XX, para o garoto do século XXX. E o cheiro. Ah, o cheiro saudável que lhe invadia as narinas.

— Salte, Delon! Vamos andar um pouquinho! — falou Márcia, tirando o garoto da letargia.

Delon desceu do automóvel e sentiu-se pequenininho. Por quê? Por quê? Que emoção era essa? Diante daquela natureza esmagadoramente bela, percebia pela primeira vez que as pessoas de 1987 tinham muitos motivos para gostar de viver.

Mas não esperava que o melhor ainda estava por vir, quando atravessassem a rua.

— Ih, que forte o mar está hoje! — disse Márcia. — Foi a chuva!

O mar! Era assim, aqui! Delon nunca o vira tão majestoso, passando tamanha impressão de força, de vitalidade.

— Também nunca viu o mar? — perguntou Márcia, com um arzinho meio maroto.

— Claro, claro. Mas é que esse mar aqui é... tão grande!

— Grande? Pensei que era do mesmo tamanho em todo lugar!

Delon achou que não conseguiria explicar e sentou-se em silêncio, junto à garota, num banco da praia, sem tirar os olhos daquela imensidão esmeralda, com as ondas brancas estourando.

— É muito verde, também! — continuou Delon. — Como consegue ser tão limpo?

— Limpo? Não é o que dizem. Tia Denise sempre fala que está todo poluído. Em outras praias, pode ser. No Sul, ou bem lá no Norte, por exemplo. Dizem que... Ei! — e Márcia interrompeu, desconfiada, o que estava dizendo. — Que praias você conhece?

Delon sorriu, entendendo.

— Uma porção. Mas nenhuma tão bonita quanto esta aqui!

— Ah, bom. Já ia pensando que você estava se divertindo às minhas custas.

Não. Delon não estava se divertindo. Muito pelo contrário. Sentia-se maravilhado com o que via, mas, ao mesmo tempo, imensamente triste por descobrir tanta coisa que o mundo iria perder. Em 3000, as superfícies líquidas tinham minguado muito, rios secando, lagos desaparecendo, oceanos diminuindo e se tornando esparsos como grandes poças de água. Além de escuros e quase sem movimento. Tudo isso em decorrência de séculos e séculos de descuido, maltratos, loucura e irresponsabilidade.

E ali, em 1987, o mar ainda era tão lindo. De que valiam os avanços da tecnologia e da ciência — o bem-estar do ano 3000 — se

ninguém podia mais ver um mar como aquele? Se ao menos fosse possível fazer alguma coisa...

Delon ficou olhando aquela verdadeira festa na areia, comparando o novo-velho mundo que ia descobrindo, com as suas paisagens familiares do século XXX. Seu olhar corria em volta, pensando também em tudo o que deixara para trás no futuro, a mais de mil anos dali. Do mar virou-se para olhar as montanhas lá atrás. Seus cumes apareciam acima dos edifícios. Não havia nada para encobri-las e sufocá-las. Nada de vias de cristal, como em 3000, por onde deslizavam ígons. Elas se juntavam com o céu.

— Que montanhas são aquelas? — perguntou a Márcia. Márcia disse os nomes e acrescentou:

— Você quer ir lá? Tia Denise leva, depois que acabar essa confusão com a Mercedes. Tem uma paisagem muito linda. Vê-se tudo pequenininho aqui embaixo.

Delon sentiu vontade de ir. Havia muito o que descobrir, ainda. Não saciara sua sede de curiosidade, que o atraía e fizera "entrar" na tábula temporal. Queria ver tudo antes de voltar. Voltar! Foi só nesse instante que tomou consciência da inquietante realidade: não sabia como fazer para retornar ao século XXX. Não havia pensado nisso e talvez estivesse condenado a ficar preso para sempre no...

— Olha lá! É ele, sim! — gritou Márcia, de repente, apontando um menininho na areia, correndo de outro maior. — É o filho da Mercedes. O Édison.

Márcia identificara o perseguido, e Delon reconhecia o outro, o perseguidor. Era o mesmo garoto que o agredira na lanchonete, o tal Ricardo. A diferença de força entre os dois era evidente, mesmo àquela distância. Não havia outro jeito: Delon devia ajudar o Edison. Mesmo sabendo que ia se meter outra vez em confusão.

XIV. A VIAGEM SEM VOLTA

ANO 3000

— Mostre-me essas imagens, Log! — gritava o pai de Delon.

— Imagens?

— Sim! As que você transmitiu aos meninos, para eles partirem! Mostre-me essas imagens!

O Sr. Delon Pai tinha continuado na torre, com o robô, e tentava se concentrar diante do mapa com a tábula temporal.

— Não estou conseguindo ver! — dizia impaciente.

— Bem... eu estou fazendo o possível — garantia o robô, repetindo as misteriosas imagens que tinha fornecido aos garotos.

— Qual é o número mesmo? Me dê o número! — insistia o pai de Delon, esforçando-se e suando em bicas.

— Acho melhor desistir, senhor. Está se cansando muito.

— Mas é preciso. Eu... Ahhhh! — e o Sr. Delon Pai, com o rosto todo contraído e uma expressão de dor, caiu sentado, sem fôlego. — Não adianta!

Log tentou consolá-lo. Era um robô muito gentil.

— É que eles são crianças, senhor. Juventude ajuda!

— Tem razão, Log. O cérebro deles ainda é fresquinho, não foi contaminado ainda por tantas decepções. Acreditam no que querem e fica mais fácil conseguir. Eu, não. Fico misturando uma porção de coisas. Inclusive o medo de que eles não voltem mais.

— Mas por que o senhor acha que eles não vão voltar? — estranhou Log.

— Você não entendeu? As últimas palavras de B-Hor, antes de partir foram: *"Vão aparecer imagens na memória de Log, e ele vai transmiti-las para nós"*.

— Sim. É assim que funciona. São as imagens que recolhi de Daam Paulo, quando ele se concentrou — concordou o robô.

— Exatamente. Acontece que agora você não está lá com eles, para dar imagens. Essas imagens eram uma ponte e sem você a ponte foi cortada. A viagem ficou sem volta.

Log pensou um pouco, embora raciocinar não fosse o seu forte. Um robô vive de idéias já programadas. Porém já tinha experiência com certas emoções e era capaz de entender a aflição do Sr. Delon Pai. O homem estava com o rosto entre as mãos profundamente preocupado.

— Ah, Log, Log... Eu não posso ficar sem meu filho. É a única pessoa que me resta. Também tenho medo por ele, que não esteja bem, que sofra, e eu não estar lá para poder ajudá-lo.

Log já tinha visto pessoas consolarem outras pessoas. Pôs o braço nas costas do Sr. Delon Pai.

— Calma, senhor. Eles vão dar um jeito para voltar!

— Sim... Mas nós vamos ficar aqui, esperando? Há de haver alguma coisa que possamos fazer. Não podemos ficar parados. Temos de...

Um forte zumbido os fez tremer.

Vinha do cinturão do Sr. Delon Pai.

Instantaneamente ele se levantou e procurou o voztonante mais próximo (havia-os por toda parte). Ligou-o e ouviu a voz desagradável do inspetor Milas:

— Sr. Delon Pai! Sr. Delon Pai! Favor comparecer ao átrio gótico!

O átrio gótico! O que queriam com ele? O hábito reflexo da disciplina não permitia que ele se atrasasse um tique sequer. Porém, mesmo acostumado a obedecer a todas as ordens, sabia que o estavam chamando por algum motivo muito grave.

Log ainda falou:

— Boa sorte, senhor!

Mas o pai de Delon nem olhou para trás.

XV. ESCORREGADA NO TEMPO

ANO 1710

B-Hor estava irritadíssimo.

— Eu devia ter previsto isso! Eu devia! — dizia ele, quase destruindo a cópia reduzida da tábula temporal. — Por causa dessa bobeadas, viemos parar bem *antes* do século XX.

— Antes? Antes quando? — perguntou Thera, aflita.

— Pelos meus cálculos, no século... no século... — e o raciocínio de B-Hor funcionava rapidamente, enquanto ele relacionava os números das efemérides, fazendo contas que só ele sabia quais eram. — No século XVIII.

— Dezoito? Puxa! Dois séculos antes! Que ano é isso? — quis saber Plick.

— Nos anos 1700. Não sei exatamente qual. Mas tenho quase certeza de que estamos no mesmo lugar que focalizamos.

— Você e suas certezas... — ironizou Thera.

— Tudo o que eu previ estava certo. Eu só errei onde não previ: que os astros se deslocam no espaço e portanto as efemérides mudam. Mudaram desde o momento em que Delon "atravessou", porque os astros mudaram de lugar. Quando fomos atravessar, devíamos ter trocado um dos números. Como não fizemos esse cálculo, "escorregamos" no tempo e viemos cair aqui — explicou B-Hor, defendendo-se.

— Pois muito bem, seu B-Hor. Agora nos tire dessa! — disse Plick.

— É fácil. É só...

B-Hor não chegou a completar a frase.

Um forte estampido os fez voltar-se para o mar.

— O que é aquilo?!

Nas águas calmas e lisas da enseada, lá embaixo, ainda se via a fumaça branca, saindo da boca do canhão e ganhando o espaço. Apenas um dos canhões havia atirado, mas o navio, de velas abertas, manobrava num largo círculo, como que prevendo a resposta ao ataque.

Thera insistia, curiosa e intranquã:

— Responde, B-Hor. O que é aquilo?

— Espera. Eu tenho de saber tudo?

Os conhecimentos históricos de B-Hor não iam tão longe. Ciência, sim, era com ele. Mas era-lhe totalmente impossível adivinhar o que estava acontecendo naquele momento. Os três amigos estavam no alto de um morro, cercados pela mata cerrada. Já tinham caminhado bastante até ali, depois de "entrarem" no século XVIII. Até agora não tinham encontrado ninguém. De repente, surgira aquela indescritível paisagem, com o maravilhoso e imenso espelho de água brilhando ao sol, sob seus pés. Não havia nada sobre a superfície líquida. Mas subitamente, como saindo de trás dos morros, surgira aquele pequeno "objeto" flutuante, parecendo navegar impelido pelo vento, que enfunava os dez panos brancos esticados nos seus mastros. B-Hor não sabia que era uma fragata. Plick chegou perto:

— Está parecendo um navio antigo!

Mas ficava por aí. Não tinha a menor idéia de que a fragata levava no mastro a bandeira francesa e que aquilo era uma invasão.

A resposta ao ataque não se fez esperar. De algum lugar na planície verdejante, oculta pelas árvores altas, bem abaixo do local

onde estavam os três amigos, saiu outro rolo de fumaça, seguido de outro estampido. Perto do navio, levantou-se uma coluna de água.

— Parece que estão atirando coisas! — disse Thera.

— Então tem gente lá embaixo. Vamos descer! — acrescentou B-Hor.

— Descer? — perguntou Plick, mas viu que o melhor era ir atrás do colega, que já afastava o capim alto, começando a correr. — Espere! E se for... uma guerra?

Guerra era uma palavra bastante conhecida no século XXX. Embora não existissem mais guerras em 3000, a idéia ainda estava bem viva, pois toda a doutrina da época, em todos os livros-lúmen e nas aulas do GLS, era voltada para a idéia de necessidade de paz, como condição de sobrevivência. Os lúmens lembravam o que tinha custado à humanidade a inconseqüência das guerras do passado, que B-Hor e seus amigos nunca tinham visto. Por isso agora corriam para ver uma.

Em dois tempos estavam lá embaixo do morro. Suas roupas tinham ajudado a protegê-los dos arranhões, na velocidade com que descera. Produziam uma espécie de escudo criônico, artificial, mas, mesmo assim, B-Hor, que ia à frente, algumas vezes teve de usar gestos para afastar uma pedra, ou uma árvore gigantesca, aparentemente intransponíveis. Sua desabalada carreira acabou diante de um muro alto.

O forte aparecera de repente. Mas eles não sabiam que se tratava de um forte. Apenas pararam diante do imenso paredão branco, pensando o que fazer.

— Que será isso? — disse Thera.

— Não sei. Mas parece que, afinal, encontramos seres humanos! — respondeu B-Hor. — Onde será a entrada dessa coisa?

— Vou ver daquele lado! — disse Plick, correndo até o fim do muro, pela direita, enquanto B-Hor corria em direção à esquerda.

— Aqui! — gritou B-Hor, encontrando o portão.

Thera e Plick se juntaram a ele e tentaram, com os ombros, os três ao mesmo tempo, empurrar a pesada massa de madeira e ferro.

— Não adianta. Não abre. Só tem um jeito! — e B-Hor se afastou, pronto para usar o gesto criônico.

Ao mesmo tempo, ouviu um grito, acima dele!

— Aqui, D'el Rei! Invasores! Eles nos atacam pela retaguarda!

Os três amigos olharam para o lugar de onde vinha a voz e viram no alto do muro a cabeça de um homem barbado. Logo outras cabeças se somaram à primeira. Dois, três, cinco, uns oito soldados, pendurados à muralha, gritavam alucinadamente.

— Os franceses! Os franceses!

Logo surgiram arcabuzes nas mãos dos homens, que começaram a atirar na direção dos garotos. Felizmente, o ângulo, muito vertical, era desfavorável, e a primeira descarga de fuzilaria não os atingiu. Assustados com as centelhas, os estampidos e o fulgor dos tiros, B-Hor e seus companheiros saíram correndo, embrenhando-se outra vez na mata, enquanto os soldados novamente carregavam os arcabuzes.

Vivamente emocionados, tentando recuperar o fôlego, eles se esconderam a uns duzentos milimares, atrás de uma barreira de árvores e pedras.

Tinham passado pelo seu batismo de fogo. Então era assim a guerra? Não. Não era ainda. Eles haviam fugido sem saber por quê. Sabiam, instintivamente, que faltara alguma coisa àquela "guerra". E essa coisa era a razão daquele medo, que lhes trouxera o gosto amargo que sentiam na boca.

XVI . OUTRA VEZ RICARDO

ANO 1987

Era mesmo o Ricardo da lanchonete. O mesmo que agredira Delon, por causa de um sanduíche, e depois o perseguira com seu bando. Mas Ricardo agora estava sozinho, correndo atrás do franzino Édison, na beira do mar.

Deixando Márcia esperando na calçada, Delon se lançara atrás dos dois.

— Ei! Você! — gritava Delon, enquanto corria.

Mas Ricardo não o ouvia, ainda. Parecia um leão perseguindo uma gazela. Édison era também veloz, mas sua resistência era menor que a do outro. E as pernas mais curtas. Num último impulso, Ricardo conseguiu segurar o bracinho fino do garoto, fazendo-o cair na areia molhada. Imediatamente o dominou, montando sobre seu corpo. Mas Delon acabava de chegar.

— Largue o garoto!

Ricardo pareceu fulminado por aquela voz. Talvez até a tivesse reconhecido. O fato é que interrompeu o golpe que ia desferir e voltou-se, como uma fera ameaçada, para o lugar de onde viera a voz.

Uma chama de ódio brilhou em seus olhos.

— Que é que tu quer aqui?

— Sai de cima! Deixa ele! — intimou Delon. Ricardo hesitou. Viu que Delon não estava brincando.

— Ele pegou minha prancha!

— Era só pra olhar! Eu não ia levar ela, não! — falou Édison, num fiozinho de voz, debaixo de Ricardo. — Eu não sou ladrão!

— Cala essa boca! — berrou Ricardo, acompanhando a ordem de um tapa, de mão aberta, sobre a cabeça de Édison.

— Ai!

— Eu disse para largar, seu covarde! — e Delon fez um gesto criônico, que arrancou Ricardo de cima de Édison e o atirou longe.

Ele foi cair a uns quatro milimetros de distância, dentro do mar. Ia se levantar, mas uma onda novamente o derrubou.

As pessoas em volta riam, sem entenderem bem o que estava acontecendo. Márcia viera para a areia e se juntara a Delon, que ajudava Édison a se levantar.

— É esse mesmo, o filho da Mercedes?

— É ele, sim — respondeu Márcia. — Édison, você aqui na praia, e sua mãe maluca atrás de você. Não sabe o que aconteceu?

— Eu só estava querendo olhar a prancha dele! — repetia Édison.

— Prancha? Que prancha? — Márcia não estava sabendo de nada.

Delon tentou explicar:

— Eu acho que ele pegou em algu... Ai! — não conseguiu terminar.

Uma forte pancada por trás o derrubou, com violência. E, depois que caiu, Ricardo ainda continuou batendo nele com a prancha de *surf*.

— Não faz isso! — gritou Márcia, querendo impedir o garoto de bater em Delon.

Mas foi afastada com um safanão. Ricardo continuava a bater no adversário caído, chegando a feri-lo na testa.

Ao sentir a dor e esfregar a mão no local, Delon viu manchada de vermelho. Foi uma sensação absolutamente nova para ele. Sangue! A cor da violência. Avisos de alerta surgiram em sua mente. Instintos adormecidos através dos séculos foram despertados na alma do menino hiperdesenvolvido do ano 3000. Esqueceu-se momentaneamente dos gestos criônicos e sua reação surgiu através de um reflexo selvagem.

Agarrou a prancha com força e puxou-a. Ricardo perdeu o equilíbrio e veio junto. Ao mesmo tempo, Delon rolou para o lado e ficou de pé. Ricardo se levantou, mas voltou a cair: um soco de grande impacto o atingira no queixo.

— Au!

Delon tinha agora a prancha nas mãos. Porém, em vez de usá-la como o adversário o fizera, resolveu desferrar-se de outra forma. Se não estivesse tão indignado com a agressão, talvez não o fizesse. Mas a dor e a revolta eram mais fortes.

Não batera em Ricardo usando os gestos criônicos. Mas achou justo utilizá-los contra a prancha. Em uma fração de tique ela estava em pedaços, completamente destroçada.

— Minha prancha! — gritou Ricardo, correndo para ela e catando os fragmentos como se pudesse juntá-los.

Delon já estava indo embora com Márcia, levando Édison. Ainda ouviu, pelas costas, a ameaça:

— Você me paga! Pode deixar, que me paga! Márcia fingiu que não ouvia, falando com Édison:

— Você tinha de mexer na prancha dos outros? E por que veio à praia sem avisar sua mãe?

Mas lembrou-se a tempo: o garotinho se salvara do desabamento justamente porque viera à praia.



MILAS EXIGIA:
-ONDE ESTÃO OS GAROTOS, SR. DELON?



XVII. OUTRA VEZ O INSPETOR MILAS

ANO 3000

O átrio gótico ficava anexo ao grande salão central do GLS, onde governava Júpiter — ou melhor, a Grande Bolha. Era uma espécie de secretaria-geral, onde se discutiam assuntos secretos relacionados com a direção do GLS e se tomavam providências para cumprir as ordens do supercomputador. Ali trabalhavam seus colaboradores imediatos. Se a Grande Bolha fosse um rei, ou um presidente, o átrio gótico seria a "sala dos ministros". Não havia qualquer outra razão para ele se chamar átrio gótico, a não ser sua forma ogival, de imensas abóbadas. O arquiteto devia ter se inspirado em antiquíssimas gravuras, pesquisadas nos livros-lúmen, e adaptado o velho gênero às linhas práticas e funcionais do século XXX. O átrio gótico do GLS, por isso, oferecia ao mesmo tempo uma impressão luxuosa e solene. E, de certo modo, inspirava uma certa intranqüilidade.

No entanto, o que o Sr. Delon Pai estava sentindo, naquele momento, era bem mais que isso. Era medo.

O inspetor Milas o recebera a portas fechadas. Em volta deles, só a amplidão sinistra do átrio gótico, onde ecoava a voz do fiscal de aprendentes:

— Muito bem, Sr. Delon Pai. O assunto é o de sempre: seu filho!

Muito pálido, o pai de Delon gaguejou:

— Me... meu filho? O... o que houve com ele?

— É o que eu queria que o senhor respondesse!

— E... eu??? — o pai de Delon fez o possível para fingir espanto.

Milas se levantou silenciosamente do assento em que estava e deu alguns passos sobre o piso de alumínio, fazendo-o reboar nas abóbadas. De repente, parou e voltou-se:

— O que seu filho fez com o povo-anão, Sr. Delon?

— O... o po.... povo-anão?

— Pare de gaguejar! E de perguntar! O senhor bem sabe o que estou dizendo. Seu filho e aqueles outros três aprendentes vão ser

agora formalmente acusados de grande rebeldia. E, conseqüentemente, *expulsos* do GLS!

— Ex... expulsos? — o Sr. Delon Pai não pôde se conter. Ele sabia que Milas não estava brincando. E a expulsão do GLS significava outras coisas ainda mais sérias e definitivas no futuro de um cidadão.

Milas pareceu deliciar-se intimamente com a palidez do pai de Delon.

— Não é mais uma brincadeira, ou uma travessura. Agora eles ultrapassaram todos os limites. Em vez de trazerem de volta o povo desaparecido, como determinou a Grande Bolha, eles ficaram com ele!

O Sr. Delon Pai precisou fazer um incrível esforço para evitar uma outra pergunta. Mas o inspetor Milas antecipou-se:

— Sim, ficaram. Um seqüestro! Eu diria mesmo... um roubo! Seu filho e seus companheiros *roubaram* uma civilização inteira!

— Mas, inspetor Milas. Como pode dizer uma coisa dessas? Aqueles quatro, de fato, capturaram o planeta-anão. Na verdade, brincaram com ele, sem autorização. Eles o ampliaram. Mas o povo saiu de lá por conta própria, por livre e espontânea vontade.

— E onde está esse povo agora?

— Bem... é o que os garotos estão querendo saber. Eles o estão procurando!

Milas apontou um dedo na direção do Sr. Delon Pai:

— É falso! Seu filho já o encontrou!

— Delon?

— Ele e seus cúmplices! Os quatro encontraram o povo-anão e resolveram não devolvê-lo. Fugiram com ele. Não respeitaram o prazo que tínhamos dado e esconderam-se. E eu quero saber onde, Sr. Delon!

Aflito, o pai de Delon levantou-se de seu assento e andou, cabisbaixo e aflito, na direção contrária ao lugar em que estava Milas. Não podia acreditar no que ele dizia. Milas porém não diria aquilo se não tivesse informações seguras. Não. Devia haver algum engano. Delon não faria uma coisa dessas, tão grave. E Log, o robô, saberia. Ou não? Estava tudo muito confuso. De qualquer forma, o que fazer para livrar o filho da vergonhosa expulsão?

Milas estava impaciente:

— Então, Sr. Delon. Onde estão os garotos?

Nova gaguejada:

— E... eu não... se... sei!

— Pois procure saber! É uma ordem!

O Sr. Delon Pai revoltou-se. Mas manifestou essa revolta ainda timidamente, sem erguer a voz:

— Por que iria fazê-lo? O senhor já os condenou! Que chances tem meu filho de ser perdoado, caso o encontre?

— Nenhuma! Estou só protegendo *o senhor*!

Uma bomba. O Sr. Delon Pai, no íntimo, já esperava por ela. Ele próprio já fora um rebelde, e, por isso, banido. Sentira na pele um problema igual. Só com muita dificuldade conseguira recuperar-se, obtendo suas atuais funções no GLS. Praticamente um trabalho escravo. Uma atividade importante, mas onde sempre ameaçavam substituí-lo. O inspetor Milas exercia poder total sobre ele, embora não fosse tão competente. Mas para que competência, quando se tem o poder e acesso às decisões, à influência?

Mais uma vez o Sr. Delon Pai baixou a cabeça. Lembrava-se de que a vaga de Grão-Programador estava para ser preenchida e que Milas era o único candidato. Se conseguisse o cargo — e isso era quase certo — ninguém poderia resistir a ele. Teria quase tanto poder quanto a própria Grande Bolha. Faria tudo o que quisesse, dentro do GLS, inclusive o afastaria de suas atuais funções. Seria o degredo, ninguém sabe para onde. A ameaça não podia ser mais clara.

— O que quer que eu faça? — falou, humilhado, olhando as pontas dos pés.

— Espione, investigue junto aos outros pais. Por isso o chamei antes deles. Quero que se infiltre, se faça de amigo. O senhor pode não saber de nada, mas um deles talvez esteja escondendo algo, protegendo o filho. Procure saber o que é e me diga!

Mesmo angustiado, o Sr. Delon Pai teve vontade de rir. O inspetor Milas não esperou sua resposta e deu uma ordem pelos dispersores acústicos:

— Que entrem os outros pais!

As duas faces do grande portal se retraíram, deixando aparecer cinco figuras perplexas e temerosas. Lentamente, os outros pais dos quatro garotos entraram no átrio gótico. Milas se postou diante

deles, com arrogância, e começou do mesmo ponto, objetivo e direto, como o fora com o pai de Delon:

— O que seus filhos fizeram com o povo-anão?

XVIII. A BARRICADA

ANO 1710

Ainda ocultos na mata, nos fundos do forte, B-Hor e seus amigos pensavam no que iriam fazer.

— Tenho fome! — reclamou Thera, ao fim de algum tempo, pois nem todos os prodígios científicos do século XXX tinham eliminado nos seres humanos algumas sensações básicas, entre elas a vontade de comer.

— E eu também! — acrescentou Plick.

B-Hor lamentou não ter-se precavido para essa possibilidade, pois nem imaginara que no passado não havia leitos diéticos à disposição de todos, a qualquer hora, para as pausas nutritivas.

— Calma! — disse ele. — Primeiro quero encontrar um jeito de sairmos daqui desse tempo!

— E, enquanto isso, o que eu faço com a fome? — insistiu Thera.

— É, B-Hor. Temos de providenciar algum alimento. O que será que acontece quando não se come? — acrescentou Plick.

Uma boa pergunta. Faltar alimento era coisa totalmente fora de cogitação em meio aos recursos de sua época. Mas aqui... B-Hor avaliou a pergunta de Plick sob o ponto de vista científico e chegou a uma conclusão inquietante.

— Bem... alimentação é fundamental para a nutrição e, conseqüentemente, para a sobrevivência. Quem não come adoece. E, adoecendo, se continuar não comendo, a pessoa... a pessoa...

— ... a pessoa *morre*? — completou Thera.

Puxa, era inadmissível que eles, seres de uma época tão adiantada, estivessem agora correndo esse risco. B-Hor estava revoltado consigo próprio, julgando-se culpado por aquela falha.

— É lamentável, amigos, mas essa é a verdade. Temos de comer, senão morremos. Mas, pelo jeito, morreremos também se

voltarmos a passar debaixo daqueles muros. Estão nos confundindo com os invasores.

— Quem é aquela gente, B-Hor? — perguntou Thera.

— Creio que são soldados, usando armas antigas para defender sua fortificação. O que acha, Plick?

— Concordo. Acredito até que estamos na parte de trás da fortificação. A parte da frente deve dar para o mar, de onde foram atacados por aquele navio.

— O navio atirou e eles responderam. Resta saber o que estão defendendo. Não seria científico eu dar um palpite.

— Mas eu dou! — intrometeu-se Plick, animado. — Eles estão defendendo uma cidade. Com mulheres, velhos e crianças. E comida, B-Hor.

— E onde está essa cidade?

— Ficando aqui nunca saberemos. Proponho que caminhemos pelo mato, dando volta à fortificação, até ficarmos bem longe dela. Lá atrás estão os morros. Lá embaixo, de onde vem aquela claridade azul, deve estar o mar. E junto do mar...

— A cidade!!! — concluiu B-Hor. — Boa idéia, Plick. Vamos!

E os três partiram, seguindo a sugestão de Plick, sempre para baixo, na direção do mar. Já começavam a sentir a brisa em seus rostos.

Em três tempos, desembocaram diante de uma visão surpreendente. Casas. Centenas delas. Telhados vermelhos, expostos ao sol, sobre a brancura do casario disperso desde o sopé do morro, à beira da mata, espalhando-se em direção à ampla enseada, onde pareciam aglomerar-se, numa concentração maior, entrecortada de ruas cheias de palmeiras. De onde vinham, os garotos podiam admirar o conjunto bem tropical.

— Está com cara mesmo de 1700! — disse Thera.

— E dez! — acrescentou B-Hor. — Estamos em 1710! Acabei de calcular, enquanto estávamos escondidos!

— Que cidade será essa? — indagou Thera.

— Vamos perguntar — falou Plick, apressando-se em direção às primeiras casas.

Mas não encontraram ninguém nas ruas. Nas casas baixas e nos sobrados, janelas e portas estavam trancadas. Desceram uma ladeira e chegaram a uma grande praça. Tudo vazio. No entanto,

alguma coisa dizia que mil olhos os observavam, por trás das venezianas fechadas. De repente, uma delas se abriu, e surgiu a cara de uma mulher gorda, que gritou para eles:

— O que fazem aí? Corram! Os franceses estão vindo! Novamente os franceses. Pelo menos agora não os confundiam com os invasores. Thera falou com a mulher:

— Senhora, por favor nos ajude. Estamos com fome! Gostaríamos que...

Não pôde terminar. A mulher voltou a fechar a janela, dizendo:

— Deus a favoreça! Meu marido não quer que eu abra a janela!

E desapareceu.

Os três amigos continuaram procurando alguém que pudesse ajudá-los. Andavam agora pelos cantos, bem junto às paredes das casas, temendo que repentinamente voltassem a atirar contra eles. Acabavam de atravessar um beco, quando ouviram um tropel.

Pararam instantaneamente. Algum animal se aproximava, às suas costas. Voltaram-se e seus olhos se arregalaram de espanto. A todo galope, um cavalo vinha em sua direção.

Quando chegou bem perto, o cavaleiro puxou as rédeas, fazendo o animal empinar. Era um jovem, de casaco azul e botas, segurando uma espada desembainhada. Gritou para eles, com fúria:

— Alto! Quem são vocês?

B-Hor tentou responder:

— Bem, nós apenas estamos queren...

O cavaleiro não esperou a resposta completa:

— Não podem ficar aí! Venham para as barricadas! Eles não tardam a chegar!

— Eles quem?

O rapaz montado em nenhum momento conseguiu aquietar sua montaria, que, tão excitada quanto ele, rodopiava no mesmo lugar, batendo os cascos nas pedras do calçamento.

— Andem! — insistiu o cavaleiro. — À minha frente! Correndo!

E tocou os três amigos com a lâmina da espada, apressando-os.

B-Hor, Thera e Plick foram obrigados a correr. O cavalo parecia querer pisá-los com as patas, para fazê-los andar mais rápido. Foi uma correria desabalada, na direção que o cavaleiro de azul apontava.

O CAVALEIRO GRITOU COM FÚRIA:

ALTO LÁ!
QUEM SÃO VOCÊS?



— Lá estão! Abriguem-se!

Ao dobrarem uma esquina, encontraram uma surpresa. Um verdadeiro exército, fortemente armado, se entrincheirava atrás de sacos e barris, empilhados em toda a extensão de um largo, onde o ponto mais alto era uma igreja. A barricada, sobre a qual se destacavam também as bocas de três canhões, estendia-se até o mar. Ali se interrompia a linha negra, pontilhada pelos chapéus de mais de mil homens, agarrados às suas pistolas, arcabuzes, fuzis e mosquetes. Sem contar os punhais e as espadas. Todo o arsenal da cidade parecia ter sido mobilizado para rechazar a invasão iminente.

— Rapaz — disse Plick —, agora mesmo é que não comemos!

— Para trás daqueles sacos! — gritou o cavaleiro, obrigando-os a saltar por sobre a trincheira. — Brás, cuide deles! São seus! Eu vou me juntar ao frade Meneses!

E, dizendo isso, o cavaleiro de azul novamente disparou a galope pela praça, na direção da grande igreja.

Do outro lado da barricada, tentando recuperar o fôlego, B-Hor, Thera e Plick olharam em volta para ver com quem estavam. Esperavam encontrar algum truculento soldado barbudo, armado até os dentes. Mas o Brás, a quem o cavaleiro os confiara, era um goroto de sua idade. Em vez de uma espada ou pistola, ele tinha nas mãos lambuzadas de gordura uma perna de frango assado, que acabara de morder.

Sorridente, Brás estendeu-a aos novos amigos, perguntando gentilmente:

— Aceitam?

XIX. A DESCOBERTA

ANO 1987

Foi uma festa, em casa de tia Denise, quando Márcia e Delon voltaram trazendo Édison. Mercedes agarrou o filho, com abraços, beijos e lágrimas, esquecendo completamente a ameaça de castigá-lo pelo sumiço. Édison estava salvo, e isso é o que importava.

Depois das boas-vindas a Édison, voltaram-se para homenagear e agradecer a Delon, cuja aventura e o heroísmo na praia tinham sido detalhadamente contados por Márcia, cada vez

mais orgulhosa do novo amigo. Porém, o que Delon mais sentia, naquele momento, era fome. E, felizmente, tia Denise teve a excelente idéia de tocar Mercedes para a cozinha, para improvisar um bom almoço para todo mundo.

Mesmo habituado às sofisticadas técnicas alimentares do seu século, Delon deliciou-se com os quitutes da cozinheira. Antes de comer ou beber cada coisa colocada sobre a mesa, primeiro ele observava como faziam para servir-se, para evitar novos espantos e perguntas sobre suas origens. Saiu-se muitíssimo bem.

Depois do almoço, Márcia lembrou-se da promessa feita a Delon.

— Tia, a senhora leva a gente ao Corcovado?

Tia Denise hesitou:

— Corcovado, hoje? Tenho de resolver o problema de casa para a Mercedes e os meninos. Por que vocês não vão ao cinema?

A própria Mercedes resolveu o impasse. Iriam todos de carro. Tia Denise faria o favor de deixar Mercedes em casa de uma parenta dela, no caminho, onde talvez fosse possível emprestar um cômodo para ficarem alguns dias, até conseguirem moradia definitiva.

— Já conheço essa história de alguns dias... — disse tia Denise, com ar preocupado. — Você vai ter até de pagar aluguel a ela, e, se não pagar, ela bota você e as crianças na rua!

— Qual o quê, dona Denise! Ela é minha irmã! Gente fina! Não vai cobrar nada!

Delon todo o tempo resistia à vontade de fazer perguntas. Mas não podia entender o que estavam dizendo. Pagar para morar? Era uma idéia inadmissível. No século XXX a Instituição praticamente *obrigava* as pessoas a aceitar boas moradias, que ela própria indicava. Todos podiam até escolher. A distribuição de residências era farta.

Aqui, porém, as coisas eram diferentes.

— Está bem, Mercedes. Mas a primeira coisa que vamos fazer é procurar outra casa para você no subúrbio, num lugar plano, bem longe do morro!

Mercedes, porém, não estava convencida.

— Longe do morro, dona Denise? Mas se eu adoro o morro! Já pensou estar sempre aqui por perto, junto da praia? Desaba mais não, dona Denise.

Novamente Delon ficou sem entender. A aceitação da fatalidade era algo considerado infantil entre os habitantes de seu tempo. No século XXX, a segurança era o requisito principal em todas as atividades humanas. Nenhum tipo de fantasia ou pendor poético faria um homem correr riscos desnecessários, ou mesmo abrir mão do seu conforto.

Mas novamente Delon silenciou. Começava a aceitar a Recente Antigüidade como uma etapa da evolução do homem. Sabia que por mais uns trezentos anos a civilização viveria períodos de crise e conflito, oscilando entre o bom-senso e a alucinada corrida para o desvario. Depois das terríveis conseqüências, ela encontraria a reconstrução e o equilíbrio. E marcharia para a sua grande prosperidade.

Finalmente decididos quanto ao que fazer, em breve estavam todos novamente a bordo do automóvel de tia Denise. Fizeram um caminho mais longo, para deixar Mercedes em outro bairro. Num determinado trecho, o trânsito estava congestionado.

Delon sentiu falta das grandes vias suspensas, de cristal, onde os ígons deslizavam sem interrupção. Aqui, a solução era esperar que alguma coisa acontecesse lá à frente. Ele ia sentado ao lado de tia Denise e observava tudo, percebendo a tensão e a impaciência dos motoristas. Os efficientíssimos ordenadores de caminho, de 3000, eram aqui substituídos por mulheres jovens fardadas ("guardas de trânsito", segundo Márcia), que acenavam e apitavam insistentemente, pretendendo apressar o inapressável, pois não havia espaços vazios.

— Coitadas dessas meninas! — comentou tia Denise, ao volante. Puseram elas aí para dar impressão de eficiência. Parecem umas ventarolas, abanando para os automóveis, mas não resolvem quase nada, porque o que manda mesmo é aquela máquina lá em cima.

E apontou para o semáforo, pendurado à frente. Márcia achou graça:

— Ventarola! É boa!

— Gostou? Inventei agora. Ventarola é um abano antigo, para enganar o calor. O ideal seria um bom ventilador, ou um aparelho de ar condicionado. Mas por que gastar dinheiro com coisas mais caras e eficientes, se a ventarola está mais à mão?

Delon ficou entendendo mais um pouco a mentalidade do século XX. O comentário de tia Denise era um sinal do seu não-conformismo, e isso um dia poderia modificar as coisas. No

momento, a improvisação e o "folclore" pareciam muito mais divertidos e fáceis para um povo que põe o prazer e o colorido na frente de tudo. Mas onde estaria o prazer naquele tráfego engarrafado, obediente às luzes de um semáforo? Delon não podia entender por que não pesquisavam solução melhor.

O garoto do século XXX olhou o farol pendurado, onde mal a luz verde se acendia, logo se apagava, dando pouco tempo para os carros passarem. Quem mandava era o vermelho. Obrigava a parar. A esperar. Impaciente, revoltado com todo aquele atraso, e saudoso dos confortos do ano 3000, Delon sentiu raiva do vermelho. Ele podia apagá-lo, interferir no sinal. E por isso mesmo não resistiu.

Eles eram agora, finalmente, o primeiro carro na vez, junto ao cruzamento. A "ventarola" acabara de apitar, obediente ao vermelho. Mas Delon não quis obedecer. Encarou o sinal luminoso e fez um gesto criônico.

Instantaneamente, o sinal mudou.

Espantada, a "ventarola" viu o verde voltar e titubeou. Quem mandava era o semáforo, e ela ficou sem saber o que fazer. Tia Denise, no entanto, sabia. Pisou na embreagem, engrenou a primeira e arrancou. Estavam livres.

De tudo o que acontecera, apenas Márcia tinha percebido o gesto de Delon. Mas não fez nenhum comentário.

Levaram Mercedes à casa da irmã, deixaram-na lá e subiram ao Corcovado. Os três filhos dela foram também com tia Denise, Márcia e Delon.

O automóvel percorreu todas as curvas da estrada sinuosa, em meio à vegetação, revelando uma paisagem completamente nova. Delon via a cidade pequeninha, lá embaixo, e começava a compreender melhor o conjunto. Márcia apontava para a faixa branca do litoral:

— É lá que nós moramos! A praia de Ipanema! É muito conhecida no mundo inteiro! — falou com orgulho. — É a que eu mais gosto no Rio de Janeiro, mas tem uma porção de outras praias lindas, que a gente vê daqui, como Copacabana e Leblon. Salta, vem ver.

Assim que desceram do carro, Delon pôde ter a noção exata da amplitude do oceano. Não conseguia desgrudar os olhos do litoral. Mar, mar e mar. E, além do horizonte, que sua vista não alcançava, ainda mais mar. A cidade, diante dele, era quase insignificante,

comparada com a imensidão do mar, apesar da quantidade enorme de prédios, distribuídos pela complicada topografia.

Uma cadeia de montanhas parecia abraçar a cidade, como um paredão.

— Venha, vamos subir! — chamou Márcia, e começaram a galgar os degraus que levavam à grande imagem.

O que simbolizava? Em 3000, a religiosidade era muito mais contida. Aqui, o sentimento religioso parecia gritar do alto da imponente e gigantesca estátua. Tão bela e expressiva. Mas Delon ouvira dizer e vira num livro-lúmen dezenas de outras imagens, relativas aos múltiplos cultos que a humanidade professara no passado. A multiplicação desenfreada de tantas ideologias conduziu o homem à nova reflexão. Por isso, em 3000 não havia mais imagens tão lindas quanto aquela.

Lá de cima a paisagem era mais linda ainda. Tia Denise recomendava aos filhos de Mercedes:

— Não subam no parapeito! Não corram nos degraus! Vocês vão cair! Édison!

Mas eles estavam habituados com as ladeiras do morro onde moravam. Não cairiam nunca. Enquanto tia Denise controlava os garotos, Márcia ficou junto a Delon, que contemplava a paisagem.

— Está gostando da *minha* cidade? Delon foi sincero:

— Sim. Estou. Muito! Pena que seja tão complicada, às vezes!

— É, mas quando a complicação é grande, você dá um jeito de descomplicar.

Delon olhou para Márcia, percebendo a ironia.

— O que você quer dizer com isso?

— Pensa que eu não estou reparando nas coisas que você faz?

Delon baixou os olhos, outra vez, para a cidade. Não sabia o que dizer, como explicar sua situação. Como contar à menina toda a verdade? Ela acreditaria? De qualquer modo, precisava abrir-se com alguém. Necessitava de um aliado, para trocar idéias sobre o seu problema. Inclusive porque ia chegar a hora de precisar voltar.

Voltar... Qual seria a fórmula, agora? Sentiu mais forte que nunca a gravidade de seu gesto. Lamentou que B-Hor não estivesse ali. Márcia insistiu:

— Delon! De que lugar você é?

Lugar. Ela bem poderia ter perguntado "de onde". Dizendo assim, suas suspeitas pareciam mais graves, deixando transparecer uma desconfiança mais objetiva sobre as origens dele.

Como explicar que viera do futuro, de um lugar tão diferente daquele? Desejou ficar sozinho para refletir, como tantas vezes fizera sentado num penhasco, olhando aquela paisagem desolada e triste, de barro e areia. Lembrava-se que o fizera, a última vez, em companhia de Thera, como agora estava com Márcia.

Esta paisagem era muito diferente daquela outra, mas igualmente capaz de despertar em Delon inúmeras reflexões. Não havia os prédios, não havia o mar. Só os penhascos, abraçando o vale deserto como o faziam agora aquelas montanhas com o mar.

Delon foi sacudido por um terrível sobressalto. Ergueu a vista para trás. Não encontrou as vias de cristal, por onde deslizavam os ígons de teletransporte. Mas o recorte do penhasco era o mesmo. As montanhas! O garoto não resistiu à emoção e ergueu-se, quase sem fôlego. O coração disparava. Podia ser uma simples intuição, mas a idéia assumiu enormes proporções em seu cérebro. Sim. Era só eliminar aquele mar e os edifícios, e a paisagem seria a mesma.

O vale da Solidão!

Então era naquilo que, daqui a pouco mais de mil anos, toda aquela paisagem se transformaria? O oceano iria retrair-se, encolher, secar, desaparecer?

Delon tinha diante de seus olhos as duas visões superpostas. Passado e futuro. As imagens se encaixavam.

Imediatamente foi colhido por uma inesperada emoção. Algo lhe veio aos olhos, como acontecera apenas uma vez, quando a mãe morreu.

— Delon! Você está chorando?

Era a voz de Márcia, a seu lado. Tinha se esquecido dela. Delon balbuciou:

— Eu não quero ver esse mundo morrer!

Márcia não entendeu:

— O quê?

O garoto do futuro não precisou dar nenhuma resposta. Tia Denise e os filhos de Mercedes tinham vindo para junto deles. Édison havia sido contido, embora nunca parasse de agir. Segurou uma das mãos de Delon e falou:

— Ih, esse cara tem mão de velho!

Delon levantou as próprias mãos e olhou-as. Novo susto. As costas das mãos estavam ligeiramente alteradas, revelando alguns traços inesperados, embora quase imperceptíveis: veias um tanto saltadas e penugem mais desenvolvida, como num adulto.

Mudanças estavam ocorrendo no corpo do menino do futuro. E ele precisava descobrir a causa.

XX. O CANDIDATO

ANO 3000

Estava sendo longa a conversa entre o pai de Delon, a mãe de Thera, o pai e a mãe de B-Hor, e o pai e a mãe de Plick. O inspetor Milas havia posto a sala de comenos à disposição deles, para que discutissem o problema. Milas colocara bem claramente a situação. Diante da rebeldia grave cometida, com o seqüestro e ocultação do povo-anão, os quatro companheiros estavam irremediavelmente ameaçados de expulsão do GLS. Provavelmente, segundo ele, um ou dois dos garotos eram os principais culpados — os chefes —, enquanto os outros talvez merecessem apenas uma pena mais leve. Que os pais debatessem o caso! Quem soubesse onde estava o respectivo filho, ou tivesse alguma pista do seu paradeiro, que imediatamente o denunciasse, pois talvez ele fosse poupado da expulsão. Caso contrário, iriam todos para a rua!

— Não gostei que ele usasse esse termo! — disse o pai de B-Hor. — É uma palavra grosseira. Meu filho não é um menino qualquer para ser mandado assim para a rua!

— O que é... rua? — quis saber a mãe de B-Hor.

— Uma expressão antiga! — explicou o marido, ofendidíssimo. — Um tipo de lugar que existia no passado, parece. Onde a gente daquele tempo jogava coisas imprestáveis.

— Meu filho imprestável?! Imaginem! — falou a mãe de Plick. — Meu filho presta para muita coisa. Toda a energia lá em casa praticamente é dada por ele! Economizamos muito a energia da Instituição.

O marido pigarreou, do lado. Ela o olhou e logo consertou:

— Bem, isso é um pouco de exagero. Meu marido ajuda também um pouco!

Novo pigarro. Novo conserto.

— Bem, a Instituição nos dá energia bastante! Mas os dois vivem fazendo experiências. Às vezes eu levo cada choque!

— E minha filha? — interrompeu a mãe de Thera. — Ninguém tem aquele talento. Uma menina que se transforma no que ela quiser. Pode ser muito útil!

— Ele não está interessado nessas utilidades, minha senhora! — era o Sr. Delon Pai que falava, e todos se voltaram para ele. — Está preocupado com outra coisa!

— Ah, é? — disse o Sr. B-Hor, já meio agressivo, não escondendo sua antipatia pelo pai de Delon. — Ou o senhor está dizendo isso porque seu filho é o menos dotado de todos?

— Calma, querido! — disse a mãe de B-Hor, querendo conter o marido. Este afastou-a.

— Não. Me deixa falar! Todo esse tempo temos dividido uma responsabilidade que não é nossa, nem dos nossos filhos. Todos nós sabemos que quem os lidera é aquele rebeldezinho, filho desse senhor aí.

O Sr. Delon Pai sorriu com paciência e ironia.

— É mesmo? O senhor acha? Então meu filho deve ter muitos talentos ocultos para influenciar crianças tão bem dotadas como os seus garotos! — disse ele.

— Não queira disfarçar! O senhor sabe o que estou dizendo! Seu filho é muito simpático. Os outros se sentem atraídos, principalmente por aquele... aquele heroísmo e coragem que ele parece ter!

— Que parece? Ele *tem*, Sr. B-Hor! E seu filho e os demais se sentem atraídos porque também têm. Coragem e curiosidade, coisa que parece estar desaparecida, entre nós, há muito tempo!

— Eu sou curiosa! — interveio a mãe de Thera. — E dou muita força à minha filha nas pesquisas dela!

Com isso, provocou o Sr. B-Hor Pai:

— Cuidado com o que diz, Sra. Thera Mãe! Está envolvendo sua filha!

— Eu? Envolvendo minha filha? Mais do que ela já está? Não posso esconder o fato de que ela gosta muito do Delon e que estão sempre juntos. Delon, aliás, é um ótimo menino!

— Ótimo menino, mas provocou tudo isso! — gritou o Sr. B-Hor Pai.

— Meu filho não provocou nada! Não menos que o seu! — interpôs o pai de Delon, com firmeza.

— Como ousa dizer uma coisa dessas? — falou o pai de B-Hor.
— Meu filho é um cerebral destacado. Um cientista. Um grande talento!

— Por isso mesmo participou dessa... dessa *aventura*, com o mesmo entusiasmo que meu filho! Quem pensa que calculou a fórmula de ampliação do planeta?

O Sr. B-Hor Pai quase engasgava, ao preparar-se para responder cada argumento do pai de Delon. E pensava de onde esse homem, sempre tão tímido, tirava agora tanta coragem.

— Com certeza seu filho o obrigou! — falou o Sr. B-Hor Pai.

— O que o leva a pensar assim? Seu filho lhe disse? Então o senhor sabe muito mais coisas. Até, quem sabe, poderia nos dizer onde eles estão agora. Com certeza foi Delon também que os escondeu. Conte tudo o que sabe, Sr. B-Hor. O inspetor Milas está querendo saber.

O pai de B-Hor baixou a cabeça, gaguejando:

— Eu... eu não sei de nada!

— Pois Milas acha que sabe! Acha que todos vocês sabem! Os demais se levantaram de uma só vez, espantados.

— O que nós sabemos???

— Ou pelo menos um de vocês. Por que acham que ele me recebeu primeiro? — O Sr. Delon Pai estava de pé e falava com voz firme e decidido. — Ele quer que eu aja como um espião, junto de vocês. Que eu procure descobrir quem está escondendo alguma coisa e vá correndo contar.

Todos estavam escandalizados. O pai de Delon *continuou*:

— Milas também tem muita implicância com Delon. Para ele, meu filho já está expulso. Mas ele quer outras cabeças. Deseja saber quem mais está envolvido. E eu fui obrigado por ele a tirar isso de vocês!

— Obrigado? Como o obrigou? — agora foi o pai de Plick quem falou.

— É uma longa história. No passado, eu fui um rapaz rebelde e curioso como esses garotos, Sr. Plick Pai. E isso, que agora temem

que aconteça com seus filhos, aconteceu comigo. Eu fui expulso do GLS.

— Expulso? — havia um certo dó na voz da Sra. Thera Mãe.

— Além de sofrer todas as outras penalidades comuns nesses casos. Mas, com o tempo, me recuperei. Casei-me com uma mulher maravilhosa, que me ajudou. E depois a perdi. Meu filho era ainda muito pequeno. Minha mulher tinha conseguido mostrar, junto a pessoas influentes na Instituição, minha capacidade como programador. E eu acabei sendo aproveitado. No mesmo GLS de onde um dia fora expulso.

— Como programador? — o Sr. B-Hor Pai parecia mais tolerante.

— Escravo!

— Escravo? — a mãe de Thera parecia ainda mais condoída por ele.

— Sem nenhuma iniciativa. Apenas cumprindo ordens, que chegam numa cápsula fechada, que eu só abro na hora.

O Sr. Plick Pai parecia muito interessado. Até levantou-se.

— Espere aí. O senhor está nos dizendo que *programa* a Grande Bolha?

O Sr. Delon Pai balançou a cabeça, confirmando.

— Embora de modo indireto.

— Mas então é peça muito importante no sistema. Se tem talento, como demonstra, isso de não ter nenhuma iniciativa deve significar um tormento.

— Que eu suporto para não prejudicar meu filho!

— Está então explicado agora porque seu filho está aqui — disse o pai de B-Hor. — Mesmo não sendo dotado de bioenergia. É um favor que lhe fazem!

Mas novamente o pai de Plick trouxe uma palavra de bom-senso à conversa:

— Favor, ou... um certo arrependimento, pela incerteza de terem agido corretamente quando o expulsaram no passado? Senhores, por mais sapiente que seja a Grande Bolha, ela é apenas um computador. São homens que tomam as decisões por trás dela. Homens que fornecem as cápsulas secretas, que vão às mãos do Sr. Delon Pai. Homens que foram, ontem, os Grão-Programadores, e que hoje podem ser o inspetor Milas!

— Ele ainda não é! — disse o Sr. Delon Pai. — Apenas quer ser! Está pronto para ser! Por isso insiste tanto em resolver esse caso! Devolvendo o povo-anão a seu planeta, ele se transforma em herói diante da Grande Bolha. E com isso será o Grão-Programador, senhor de todos os destinos do GLS e da própria vontade da Grande Bolha.

— E por que não é o senhor, o Grão-Programador? Todos se voltaram para ver quem falava e viram o pai de B-Hor, com imensa simpatia nos olhos, tocar o ombro do pai de Delon, continuando a falar:

— Claro, o senhor poderia se candidatar e eu o apoiaria. Creio que todos aqui fariam o mesmo. Acreditamos que alguém como o senhor é muito melhor que o inspetor Milas para Grão-Programador. Se conseguirmos o apoio dos outros pais, também, seríamos maioria. Poderíamos levar a idéia à Grande Bolha. Influenciá-la. Convencê-la. Quem sabe já está na hora de ela voltar a aprender uma coisa que antigamente chamavam... Democracia?

XXI. O MILAGRE

ANO 1710

O ano era mesmo o de 1710 (B-Hor acertara na mosca). Enquanto os três amigos devoravam gostosamente a perna de frango, protegidos pela barricada, o esperto Brás foi explicando tudo. Aquela era a cidade do Rio de Janeiro, uma das mais importantes da enorme colônia portuguesa chamada Brasil, que estava sendo invadida pelos franceses. Por causa de rivalidades entre dois países, Portugal e França, este último resolvera atacar a colônia do primeiro, e por isso os franceses estavam ali. Eles eram cerca de mil homens (contra aproximadamente dez mil da cidade) e tinham vindo em cinco naus e uma embarcação menor chamada balandra. Como o forte resistira com tiros de canhão, eles haviam resolvido tentar um lugar bem mais longe, no litoral aberto. Enquanto uma das naus ficou ancorada ao largo, ainda disposta a abrir caminho pela enseada (na realidade, a baía de Guanabara), as demais preferiram desembarcar seus homens numa tal praia de Guaratiba. Dali, fortemente armados, eles agora vinham marchando para chegar à cidade, que já estava avisada de sua aproximação e se preparara para a defesa.

— Vêm a pé? — perguntou Thera, que até então estivera distraída, olhando tudo à sua volta, inclusive os porcos, frangos e

patos, que alguns defensores tinham trazido com eles para a barricada.

— Claro. Como queria que eles viessem? Não há cavalos para todos, embora devam ter roubado alguns que encontraram. Mas há muitos morros no caminho, e os animais nessa hora atrapalham.

— Como então subiram os morros? — indagou Plick.

Brás o olhou já meio intrigado. Mas respondeu:

— Com as pernas, lógico. Me diga uma coisa: de onde vocês são, que perguntam essas coisas?

Não houve tempo de responder. Um tiro espoucou, à esquerda, de dentro da barricada. Alguém gritou:

— São eles!

— Onde?

— Lá atrás!

— Então desceram pelo Desterro!

As informações se alternavam. Os defensores discutiam entre si. Contavam que os invasores chegassem pela frente, onde cairiam na boca do lobo. Mas a aparição dos inimigos agora se dava, não pela praça fronteira como esperavam, mas por uma rua lateral.

De qualquer forma, os defensores estavam ainda em boa posição para receber a investida, embora perdessem o elemento surpresa, que tinham esperado poder usar.

O tiro avulso também servira de sobreaviso aos atacantes. Os franceses, que estavam a ponto de pisar na praça, retrocederam.

— Cuidado! Eles vão se abrigar!

No mesmo instante, desencadeou-se um enorme trovejar. Não foi possível mais conter a fuzilaria. Muitos pareciam querer saltar a trincheira e partir para o corpo-a-corpo com os franceses.

— Não! Contenham-se! Eles são muitos!

O aviso veio tarde para alguns. B-Hor viu um homem cair, alvejado por alguma força oculta. Lá longe via-se a fumaça dos tiros. Os atacantes faziam funcionar suas armas.

— É a guerra! — disse Plick, que tinha deixado cair seu pedaço de frango.

— O que vamos fazer? — perguntava Thera aflita.

— Fiquem bem abaixados! — disse Brás. — Bem encolhidinhos. Isso vai demorar!

B-Hor olhou o garoto, que, apesar do conselho, mantinha a cabeça bem esticada, acima dos sacos, querendo ver tudo o que acontecia.

Viram surgir, novamente, a cavalo, o mesmo jovem que os capturara. Parecia também não temer os tiros, que passavam por ele silvando, indo atingir outras pessoas. O jovem dava ordens, de espada em punho:

— Mantenham o fogo! Firme! Onde estão esses canhões? Como que obedecendo à sua pergunta, o primeiro canhão atirou. Outra peça de artilharia o seguiu. Os franceses recuaram, escondendo-se nos becos.

— Estou apostando que vão para o trapiche! — disse Brás. O trapiche. Um grande depósito de mercadorias, oculto atrás da igreja. De fato, depois souberam que o palpite estava certo. Mas o súbito silêncio dos franceses preocupou os defensores.

O rapaz do cavalo apeara e fora confabular com alguns chefes da defesa, atrás da barricada.

— Vamos ouvir o que eles dizem! — falou Brás, chamando seus novos amigos para o acompanharem.

O rapaz dizia aos outros líderes, que estavam reunidos junto a um canhão:

— Devem estar no trapiche! Não sabemos quantos são, nem o que pretendem. Mas lá terão mantimentos para um longo assédio!

— Que que é assédio? — perguntou Thera, baixinho, a Brás.

— Cerco! O tempo em que vão nos importunar, até que se acabem nossas resistências!

— Psiu, menino! — gritou o rapaz de farda, voltando-se para os garotos. — O que fazem aí, sem armas? Deviam estar em suas casas!

Brás parecia ter algum demônio no corpo. Atrevido, ousou falar ao rapaz:

— Estávamos querendo ouvir, para ajudar.

— Ah, e de que modo poderiam ajudar? — sorriu o rapaz, com ironia e deboche.

Brás não se deu por achado:

— Bem, o senhor não poderia ir até lá com seu enorme cavalo. Nem um homem do seu tamanho. Mas um garoto que nem eu talvez conseguisse. Quem dá importância a um garoto? Eu iria lá ao trapiche, daria uma olhada e...

Thera estava admiradíssima. Nunca vira coragem igual, a não ser em Delon. Brás seria o Delon do século XVIII. Os homens ainda olhavam aturdidos para o menino, sem saber o que responder diante de tanto atrevimento. Mas o rapaz de farda resolveu concordar:

— Está bem. Em outras circunstâncias, eu não permitiria. Mas agora não temos outra escolha. Pegue lá um balde de água e vá!

Não entenderam para que o balde, mas Brás parecia saber a razão. O balde logo apareceu, e Brás pulou a barricada em direção à praça e ao trapiche.

— Espere! Eu também vou!

B-Hor e Plick levaram um susto. Era Thera quem falava, disposta a acompanhar Brás em sua aventura. Ela não esperou que seus companheiros concordassem e saltou também por cima dos sacos.

Em menos de um tique estava ao lado de Brás, no meio da praça. O menino se espantou:

— Você? O que faz aqui? É perigoso!

— Para que esse balde?

— Para que eles pensem que estou apanhando água!

— Pois então vai levar *dois* baldes!

E, dizendo isso, Thera desapareceu. No mesmo instante, Brás sentiu um peso na mão que estava vazia. Havia surgido ali um novo balde, igualzinho ao outro. Era a bioenergia de Thera, em ação, transformando-a no que quisesse. Agora a garota do século XXX era um balde.

Sem entender o que tinha acontecido, Brás chegou ao outro lado da praça. A qualquer momento esperava que aparecesse um inimigo, ou pelo menos ouvir um tiro. Porém, felizmente, nada disso aconteceu. Ele chegou ao beco em frente dele e entrou. Levantando os olhos, percebia a presença de olhos amedrontados, atrás das rótulas das janelas.

O trapiche estava perto. Era só dobrar uma esquina e... pronto! Os franceses. Um deles se levantou, com um arcabuz na mão.

— *Qui est là!*

ERA A BIOENERGIA DE THERA EM AÇÃO, TRANSFORMANDO-A NUM BALDE.



-MÁRCIA, EU NÃO PERTENÇO A ESSE TEMPO.
EU SOU DO SÉCULO XXX!

Droga! Ele não sabia falar francês. O jeito era continuar andando, sem parar. Ao menos o viam bem e sabiam que era um menino. Que perigo pode representar um menino?

— *Arretez!* — gritou uma voz, talvez a do mesmo homem, para fazê-lo parar.

Pelo tom imperativo do homem, Brás entendeu que deveria parar; mas não obedeceu. Precisava saber quantos eram os atacantes. Entrar no trapiche, se necessário. Brás levantou os dois baldes:

— Estou precisando de água. Minha mãe mandou apa... Não consegui terminar. O francês atirou. Para o chão, apenas para assustar. O que fazer? Brás deu mais um passo. E outro tiro soou.

— Aqui! — gritou uma voz, agora atrás dele.

Brás olhou e viu B-Hor e Plick. Eles também o tinham seguido e estavam junto à porta entreaberta da igreja. Brás nem a tinha notado, ao passar por ela.

— Venha! — insistia B-Hor.

Brás hesitou. Não podia abandonar sua missão no meio. Precisava chegar até os invasores. Só que estes não concordavam com isso. Ao verem mais gente à sua frente, perderam o controle e começaram a atirar desvairadamente. Brás largou os dois baldes no chão e correu para a igreja.

— Thera! — gritou B-Hor, vendo o balde abandonado. Nesse exato momento, outro contratempo aconteceu. Na pressa, Brás não viu a tempo um bebedouro de cavalos no seu caminho. Ergueu a perna, querendo transpô-lo, em plena carreira, mas foi infeliz. Estatelou-se no chão.

Thera, agora, não era mais balde. Temendo ser atingida pelas balas, viu que o jeito era fugir dali. E baldes não correm. Lembrou-se dos frangos da barricada e transformou-se em um.

O novo frango passou junto a Brás, caído, gemendo, sobre as pedras do calçamento. "O que aconteceu com esse garoto?", ela gostaria de perguntar, mas frangos não falam. Thera ficou andando em círculos, cacarejando debilmente.

— Minha perna! — gritou Brás para seus amigos, sem saber que o frango também era um deles.

B-Hor decidiu que precisava socorrê-lo diretamente. Saiu de junto da porta da igreja e enfrentou o perigo. As balas continuavam a

chover, com alguns intervalos (antigamente era necessário recarregar a arma, após cada tiro), mas B-Hor agora estava zangado. Antes de levantar o menino caído, fez um gesto criônico na direção dos franceses.

Imediatamente, algo espantoso aconteceu. Antes de chegar aos garotos, as balas ricocheteavam em algo invisível, em pleno ar. Era a barreira criada pelo gesto de B-Hor, mas só três pessoas ali sabiam disso. E uma delas era um frango.

— Pendure-se em mim! — determinou B-Hor, ajudando Brás. E com rapidez levou-o para a igreja, onde entraram, fechando a porta. O frango foi junto, mas, logo que passou, transformou-se outra vez em Thera.

Havia várias pessoas abrigadas ali dentro, que os receberam de olhos arregalados e medrosos. Também tinham querido se proteger dos invasores e agora estavam tão perto deles.

— Ó, céus, o que houve com ele? — disse um padre, abaixando-se para examinar a perna de Brás. — Pobre rapaz! Está quebrada!

De fato, a perna de Brás pendia flácida, do banco onde o tinham deitado. Cada vez que a tocavam, o menino gemia.

— Coitadinho! — continuou o padre. — Infelizmente aqui não vamos poder fazer nada por ele. Pelo menos enquanto durar o cerco.

— E eu vou ficar aleijado? — perguntou Brás, aflito. Durante esse tempo, Thera não largou a mão do menino.

Ao ter certeza de que a perna de Brás estava mesmo quebrada, resolveu tomar providências. Pernas quebradas, no século XXX, não eram problema. Só lamentou que houvesse tantas pessoas olhando. Esperou um pouco para que a maioria se afastasse e tocou a perna de Brás, no lugar exato da fratura.

— Dói aqui? — disse ela, trocando um olhar de cumplicidade com B-Hor e Plick.

Brás não pôde reprimir um gemido encabulado. Mas gostou da mão da garota em sua perna.

— Já vai passar! — falou Thera, bem de mansinho, forçando a palma da mão.

Era um toque criônico, recurso clínico dos mais banais, em 3000. Mas teve um efeito surpreendente.

— Não está mais doendo! — disse Brás, bem alto.

Todos se voltaram, ao ouvirem isso. O padre veio outra vez para junto deles. A perna não pendia mais. Ele baixou-se para examinar de perto e exclamou, estupefato:

— A... a perna! Não está mais quebrada! — e ajoelhou-se, benzendo-se, erguendo os olhos para o altar. — Milagre!!!

XXII. A REVELAÇÃO

ANO 1987

— Estou envelhecendo! — disse Delon a Márcia, assim que voltaram do passeio.

— Você envelhecendo? Tem graça!

— Não! Estou falando a verdade! Olhe! E Delon mostrou suas mãos a Márcia.

— Não estou notando nada!

— É porque não conhecia minhas mãos antes. Mas o Édison percebeu. Preciso ver o meu rosto! Onde tem um espelho?

— No banheiro!

Estavam novamente no apartamento dela. Tia Denise, depois do passeio, tinha levado os filhos de Mercedes para a residência provisória.

Chegando ao banheiro, Delon olhou-se cuidadosamente ao espelho, repuxando as pálpebras e esticando as maçãs do rosto.

— Quase não dá para ver. Mas eu sei! Alguma coisa está acontecendo comigo. Pena B-Hor não estar aqui!

— Quem?

Delon segurou nas suas as mãos de Márcia, olhando-a bem nos olhos. Não sabia como começar. Nem mesmo sabia se devia contar. Como a garota receberia a verdade?

Tinha de dizer tudo de uma arrancada só.

— Márcia, eu não pertencço a este tempo. Eu sou do século XXX!

Foi como se ele dissesse: "Márcia, eu sou um canguru". Ela não sabia se ria da piada, ou se achava ele um bobo.

— Sério, Márcia! Eu vivo no ano 3000. B-Hor, que eu falei, é um dos meus melhores amigos. Ele criou o método de a gente

atravessar de lá para cá. Só que não previu que quem *atravessa* começa a envelhecer.

— Como é que é?!

Agora Márcia começava a formar alguma opinião sobre Delon. Mas não o achava bobo, nem engraçado. Achava-o louco!

— Márcia, eu não posso dizer isso a mais ninguém. Só a você, que tem sido tão minha amiga! EU SOU DO SÉCULO XXX! Acredite nisto! Será que não percebeu, pelos meus gestos criônicos, tudo o que eu fiz? Tirar o sanduíche daquele Ricardo, afastá-lo do Édison e atirá-lo à distância, quebrar a prancha em pedacinhos sem mesmo tocá-la... Já se esqueceu, Márcia? E o sinal de trânsito, que eu mudei do vermelho para o verde? E a casa da Mercedes, que eu afastei as pedras e a lama? Márcia, vocês aqui não fazem essas coisas. Eu... MÁRCIA!

Márcia não o ouvia mais. Aturdida, ela se afastara, dando-lhe as costas e procurando a porta da rua. Saiu por ela e fugiu. Precisava acalmar-se e pensar muito no assunto. Talvez, então, depois disso, começasse a fazer perguntas.

XXIII. VALE DA SOLIDÃO, VALE DA DECISÃO

ANO 3000

Depois do encontro com os outros pais, o Sr. Delon Pai sentira uma grande necessidade de reencontrar-se. Há muito tempo não se abria assim com os outros. Era um homem muito solitário. Por isso o tomavam por antipático e misterioso. Está aí no que se converte um rebelde, a quem preferem punir a compreender. Agora tinha se aberto, falado um pouco de si, feito revelações e se sentia com a alma bem mais limpa e tranqüila. Percebera um pouco de humanidade nos outros. Sentiu-se um pouco mais igual àquelas pessoas.

Mas não contara tudo ainda. Não dissera onde os garotos estavam, realmente. Temeu reações violentas. Quem recebe um grande castigo, uma vez na vida, se habitua a ser desconfiado.

Precisava pensar antes de tomar uma decisão e, por isso, procurara o lugar de sempre, o velho penhasco onde seu pai, e também seu filho Delon, costumavam sentar-se, olhando o vale da Solidão.

Lá estava ele, agora, mergulhado em seus pensamentos, diante do descampado de barro e areia, como se aquela paisagem feia pudesse lhe transmitir alguma coisa.

Os outros pais esperavam por uma decisão. A proposta tinha sido bem clara. E sincera. Eles o apoiariam, se ele quisesse se libertar e tornar-se Grão-Programador. Seria a única maneira de impedir que Milas subisse ao poder total e expulsasse os garotos do GLS.

Mas o Sr. Delon Pai ainda tinha medo. Aquilo seria uma revolução.

— Nada disso! — as palavras do pai de B-Hor ainda lhe chegavam aos ouvidos. — Será uma candidatura limpa. O senhor mesmo encaminhará nossa indicação à própria Grande Bolha. E ela decidirá se aceita ou não.

E se não aceitasse? Ele próprio seria afastado, por ter programado uma coisa sem ordem (só lhe cabia introduzir programas que lhe eram entregues lacrados). Milas não o perdoaria. Para onde iria? Talvez o jogassem em Zônia, com seu filho, para funções absolutamente inexpressivas. A punição pelo atrevimento seria irreversível.

E se a Grande Bolha concordasse? Seu filho estaria salvo. E os outros também. Por suas mãos, como Grão-Programador, uma nova era de alegria e progresso seria desencadeada no GLS. Uma nova luz de liberdade, para viver e criar, surgiria. Valia o risco.

Mas como fazer isso, num momento daqueles? Como confessar à Grande Bolha que conhecia o paradeiro dos garotos, mas não sabia como trazê-los de volta? Todas essas questões giravam em sua cabeça, quando sentiu a presença de alguém atrás dele. Voltou-se. Era Log, que o tinha avistado da torre.

— O Sr. B-Hor Pai quer vê-lo. Pergunta se já chegou a uma decisão!

Uma decisão. Sim, ele já tomara. Não tinha outra saída, a não ser a da coragem.

XXIV. OUTRA VEZ DOM GREGÓRIO

ANO 1710

Foi uma noite excitante, aquela, dentro da igreja. Ninguém conseguiu dormir. Os quatro garotos estavam cercados de admiração

e cuidados especiais. O padre acendera todas as velas dos altares e não parava de rezar. A notícia do "milagre" logo se espalhou, atravessando os becos e praças e chegando às barricadas, onde se agrupavam os defensores da cidade. A emoção de estarem sendo protegidos por Deus, que se manifestara com aquele "sinal", levantara todos os ânimos.

B-Hor, Plick e Thera não entendiam direito aquela euforia mística, que a cura da perna de Brás provocara. Agrupados num canto, tentando dormir, eles se sentiam um pouco culpados de terem provocado aquele falso juízo. Viam o pequeno Brás como alvo de todas as atenções, sendo importunado, tocado, alisado, parecendo até gostar dessas manifestações.

— Devemos dizer a ele? — perguntou Thera a B-Hor.

— Claro que devemos! É nosso amigo! Não pode ficar fazendo papel de bobo!

— Mas ele está gostando tanto! — continuou Thera.

— Daqui a pouco vai perder a paciência. Já abriu a boca duas vezes, de tanto sono! — disse B-Hor, acrescentando. — E você, também, por que se coça tanto?

— Eu? Não sei! Uma coisa esquisita, aqui dentro da roupa! — e Thera coçou-se mais uma vez.

— Vai ver, são piolhos de frango! — ironizou Plick, lembrando-se das amostras vistas em Zônia, no museu da tenda termal.

— Aquele frango não tinha piolhos! — replicou Thera, ofendida, mas continuando a se coçar.

— É melhor você procurar um canto e examinar a roupa. Não se sabe que doenças há neste século. Você pode estar com uma.

— Está bem! Eu vou!

Mas, antes de Thera se levantar, um alvoroço à porta chamou a atenção dos três. O padre foi abrir, com cuidado, e entrou o nosso tão conhecido cavaleiro de azul, acompanhado de outros defensores fortemente armados. Foi logo falando:

— Onde está o menino?

Até ele! Arriscara-se a deixar as barricadas e vir até a igreja conhecer de perto o milagre.

— Ali, Dom Gregório! — falou o padre, apontando Brás. O rapaz foi até o garoto e sorriu com doçura e deslumbramento.

— Agora eles não nos seguram mais! Vamos tirá-los dali! Deus está do nosso lado! — e abaixou-se junto ao menino. — Onde está essa perna? Deixe-me ver!

Pela milésima vez naquela noite, Brás levantou a calça. Mas comentou:

— A perna é minha, Dom Gregório! Mas o milagre mesmo, quem fez foi Nossa Senhora, pelas mãos *dela*! — e apontou para o canto onde estavam seus amigos, para mostrar Thera.

Thera, sentindo-se alvo de todos os olhares, coçou-se ainda mais violentamente.

XXV. MAIS EXPLICAÇÕES

ANO 1987

Márcia custou a voltar para casa. Quando voltou, já era noite. Delon a esperava.

— Dei umas voltas! — ela foi dizendo. Pensei muito em todas essas coisas malucas que você disse!

— E então? — perguntou Delon.

— Então que não tenho outro jeito senão acreditar no que você disse! — concluiu ela com um sorriso franco. — Agora me conte tudo bem direitinho, desde o começo!

Ela se sentou ao lado dele e ouviu toda a narrativa da aventura, desde a captura do planeta-anão. Márcia estava fascinada. Não parava de fazer perguntas. Quando Delon terminou, ela já sabia tudo sobre o século XXX, sobre o GLS e sobre os parentes e amigos dele, sobretudo B-Hor, Plick e Thera. Dessa última, ela sentiu uma pequena ponta de ciúme.

— É sua namorada?

— Namorada? — Delon parecia não entender muito bem o que era isso.

— Deixe isso pra lá! — Márcia desconversou. — Vamos cuidar de coisa mais importante. Você quer ficar aqui para sempre?

— Para sempre? Claro que não. Nem posso. Enquanto esperava você, senti que envelhecia mais um pouco.

— Ah, não. Quero você bem gatinho! Mas como você vai conseguir voltar para o seu século?

— É o que eu queria saber. Cheguei aqui por descuido. Mas tenho certeza de que B-Hor vai conseguir um jeito. Se eu pudesse falar com ele...

— Falar com quem? — a pergunta era de tia Denise, que abrira a porta e entrara, chegando da rua, carregada de sacolas de compras.

Márcia não sabia como começar a explicar, preparando uma desculpa que convencesse. Precisava, inclusive, pedir licença para Delon dormir no apartamento, mas não sabia como contar a verdade. Ninguém acreditaria. Felizmente, tia Denise estava preocupada com outros assuntos:

— Olhe, isso tudo aqui eu comprei para ajudar a Mercedes. Vou levar pra ela, agora. Não se assuste se eu chegar tarde. Tem outro pobre, doente, que eu também quero ver no hospital. Feche bem a porta!

— Tia Denise, o... — Márcia ia começar a falar, mas desistiu. A tia já estava lá dentro, arrumando-se. Ela era assim mesmo, mulher agitada, desligada de qualquer outra coisa que não fosse ajudar pessoas.

Só não fazia a menor idéia de que Delon também precisava ser ajudado.

XXVI. A GRANDE BOLHA É A SOLUÇÃO

ANO 3000

Bem diferente do que era de se esperar, o pai de B-Hor recebeu a notícia com grande firmeza.

— O senhor tem certeza de que eles estão no século XX?

O Sr. Delon Pai confirmou:

— Pelo menos, foram atrás do meu filho, segundo as informações de Log!

— Esse robô, além de antigo, costuma ser meio trapalhão!

Log, ao lado, defendeu-se:

— Os cálculos foram feitos por seu filho, Sr. B-Hor. Ele não erra nunca!

— Esperemos! Mas, agora, em vez de perdermos tempo com discussões inúteis, devemos encarar a realidade e trazê-los de volta! Antes, desejo reunir aqui os outros pais!

Os outros pais foram convocados e, em menos de dois tempos, estavam todos ali. As mães ainda choramingaram um pouco, mas os homens foram enérgicos. Lamentar era criar mais confusão. Precisavam agir.

— O cálculo, só, não basta — explicou o Sr. Delon Pai. — Segundo entendi bem, para entrar na efeméride, eles dependem da memória de Log. E Log não foi com eles!

— Não fui convidado a isso, senhores! — defendeu-se o robô.

— Como meu filho foi se esquecer de detalhe tão importante? — falou o Sr. B-Hor Pai. — Não haverá outro jeito de trazê-los de volta?

A pergunta caiu no vazio. Ninguém atinava com uma solução. O pai de Plick comentou:

— É uma pena que ninguém aqui seja gênio, para ter todas as respostas, como a Grande Bolha!

— É ISSO! — berrou o pai de B-Hor. — A Grande Bolha! Ela tem a solução!

— Mas como pediremos a ela? — observou a mãe de Thera. — O inspetor Milas não deixaria!

— Não o Milas! Mas ao novo Grão-Programador ela contaria tudo! — e mais uma vez o Sr. B-Hor Pai tocou, com simpatia, o ombro do pai de Delon. — Já fiz uma consulta geral a todos os outros pais de aprendentes do GLS, e, como nós aqui, todos apóiam a candidatura do Sr. Delon Pai. Depende só de a Grande Bolha concordar e o inspetor Milas estará derrotado.

XXVII. APARECE O POVO-ANÃO

ANO 1710

A igreja onde B-Hor, Plick e Thera se abrigavam, pertinho das linhas francesas, tornara-se agora o quartel-general da campanha. Aí seriam tomadas as últimas decisões dos que comandavam a defesa da cidade.

O jovem Dom Gregório, que ficara tão deslumbrado com a cura de Brás, era nada menos que o próprio irmão do governador Castro Moraes, que o incumbira de liderar as forças combatentes. Além das tropas de infantaria e cavalaria, e da milícia, ele arregimentara

também estudantes que, heroicamente, dispuseram-se a expulsar os invasores.

Estimulado por aquele "sinal", Dom Gregório traçava agora os planos para enfrentar o inimigo assim que o dia raiasse. Enfrentariam não só os franceses entrincheirados no trapiche, como tratariam de atacar seus navios, ancorados no litoral.

Dom Gregório, antes de começar a discutir seus planos, homenageara as crianças, especialmente Thera, em cujo rosto depositara um beijo de gratidão pela realização de um milagre que dera a todos um novo alento para reagir contra o inimigo. Ela encabulou e ficou encolhida no canto, com remorsos.

Estavam os quatro, agora, os garotos do futuro mais o Brás, procurando pegar no sono. O lugar onde estavam era o batistério da igreja, totalmente obscurecido e distante.

— Por que você não conta? — insistia Plick com ela, sem conseguir dormir.

— Não conto nada! Você, se quiser, que conte! — disse Thera.

— Contar o quê? — perguntou Brás, curioso.

— Nada. Dorme!

Mas Brás continuou curioso. Desconfiava que seus amigos lhe estavam escondendo algo. Quem seriam eles, afinal? Aquelas roupas... Havia alguma coisa com eles, que não conseguia explicar. Brás estava muito sonolento, mas gostaria de fazer uma porção de perguntas. Não estava bem certo do que lhe acontecera com a perna. Lembrou-se de uma aula de catecismo, quando o padre falara nos anjos. Aqueles garotos seriam anjos?

Bem, ele precisava dormir. O dia seguinte ia ser muito movimentado. Brás foi fechando os olhos, ainda segurando na mão a caneca com o resto de leite que bebera antes de deitar-se, quando algo lhe chamou a atenção.

Piscou várias vezes as pálpebras, mas a sensação continuava. Era uma quantidade incrível de brilhos, vagando no escuro, em torno do copo de leite. Eles iam e voltavam da roupa de Thera, que de repente parecia envolvida por um halo cintilante.

— O que é isso? Vaga-lumes? — ele falou, levantando-se um pouco.

— Vaga-lumes? — Thera também abriu os olhos.

E ela levou um choque. A nuvem! Gotas fosforescentes que giravam à sua volta, como acontecera em sua casa, com o leiteblu. Ela deu um grito:

— O povo-anão!

B-Hor e Plick acordaram. Thera passava as mãos no próprio corpo. Descobrira afinal a causa das comichões. Eles tinham vindo escondidos na sua roupa.

— Encontrei! Estavam comigo! Agora podemos voltar! — dizia Thera, com grande euforia, sem se importar com que Brás não estivesse entendendo nada.

Dom Gregório e mais três outros homens se aproximaram do lugar onde eles estavam. Mas não era por causa da gritaria. Ele queria falar com Brás. Enquanto B-Hor e Plick catavam os vaga-lumes no ar, coisa para a qual não deu a menor importância, Dom Gregório disse:

— Meu caro menino, vamos precisar de você mais uma vez. Não ficará aqui para a batalha de amanhã! Você e seus amigos sairão agora com dois de meus homens! Têm uma tarefa a cumprir no mar!

— No mar?! — perguntou Brás, espantado.

— Sim! Eles lhes contarão no caminho! Agora vão! Mas, primeiro, Brás, faça com que seus companheiros parem com isso. Esse não é o momento de ficarem brincando de caçar vaga-lumes!

Mas os meninos do futuro não pararam enquanto não recolheram todos. Quando acabaram, B-Hor os colocou num *kit* que trazia no bolso, mantendo-os assim bem guardados e impedidos de fugir novamente. Agora sabiam que o povinho-anão tinha adorado a brincadeira do leiteblu, em casa de Thera, e voltara a repeti-la no leite comum, de Brás.

XXVIII. DIANTE DA GRANDE BOLHA

ANO 3000

O sr. Delon Pai conseguira entrar no GLS sem ser visto. Usara como identificação imediata uma roupa-código amarela, com que atravessou os sensores da entrada principal. Esperava poder iludir também as unidades internas de reconhecimento, que à noite costumavam estar mais alertas que durante o dia. Mas felizmente lembrara-se de trazer uma velha pasta-de-alcance, que ganhara uma

vez, durante um seminário, quando colaborara na recepção aos visitantes do exterior.

A pasta-de-alcance poderia, agora, voltar a ter utilidade, desde que o ajudasse a atravessar as barreiras-*stop*. Se não funcionasse, seria barrado pela primeira unidade por onde passasse e detido para interrogatório.

— Lá vem a primeira — pensou, vendo o grande olho leitoso, fazendo a varredura de rotina. — Se não resolver, Milas ganhou a parada!

Imediatamente, ergueu a pasta-de-alcance bem à vista da unidade de reconhecimento.

Nada aconteceu. A barreira continuou fechada.

Levou quase um tique para perceber que tinha mostrado o lado errado da pasta.

— Lá vamos de novo! — pensou. E mostrou a outra face. O resultado foi surpreendente.

— Boa-noite, Sr. Delon! Divirta-se bastante! — ouviu pelo voztonante, enquanto a barreira-*stop* se abria, deixando-o passar. Os sensores haviam lido, na pasta, a referência a uma comemoração noturna, ocorrida há três anos. Os dados não tinham sido desativados.

O pai de Delon não teve problemas para atravessar também as outras barreiras. Estava agora diante da rampa que levava ao átrio gótico. Mas ele não queria ir para lá. Fingiu até o último momento que se encaminhava para o átrio, andando bem à beira da rampa, mas no último momento pulou lá de cima. Caiu diante da imensa porta retrátil do salão da Grande Bolha.

O Sr. Delon Pai sentiu, nesse momento, os pés grudados no chão. Queria mover as pernas, mas a grande emoção não o permitia. Nunca se vira diante de um desafio tão grande. Fora um rebelde, quando rapaz, porém as consequências que sofrera o haviam acovardado. Jamais perdera suas idéias e convicções, mas desaprendera a colocá-las em prática.

— Vamos, pernas! Vocês não podem me faltar agora! — pensou, olhando a porta, apenas a dois milimares dela.

Vieram-lhe à mente os últimos acontecimentos, a aflição com o desaparecimento do filho, o incentivo dos pais dos outros garotos. Todos precisavam dele. Confiavam nele. Seria impossível, agora,

voltar atrás. E, num movimento brusco, avançou, passou pela porta, que murchou como uma flor, e entrou no salão.

A Grande Bolha estava sozinha, luzindo sobre sua base.

Sobre os degraus, abaixo dela, O Multicom — os franqueadores de processamento.



USANDO A PASTA-DE-ALCANÇE, O SR. DELON PAI CONSEGUIU ROMPER A SEGURANÇA.



PEÇO QUE
TRAGA OS
GAROTOS
DE VOLTA,
GRANDE BOLHA.

O imenso computador parecia resfolegar.

Quando o Sr. Delon Pai chegou junto aos degraus, ouviu uma espécie de rosnado e nada mais que isso. A Grande Bolha era como uma fera dócil, semi-adormecida.

Sem tirar os olhos da cúpula brilhante, ele começou a digitar seu recado ao chefe-supremo do GLS.

XXIX. TEMPESTADE NO MAR

ANO 1710

A noite estava fechadíssima. A superfície do mar era um verdadeiro breu. Portando lanternas de óleo, B-Hor, Thera e Plick, em companhia dos dois homens designados por Dom Gregório, tinham chegado a um cais e ali embarcado numa balsa que os esperava. À força de remos, os homens a tinham afastado do atracadouro, mar adentro, dirigindo-a para o fundo da enseada. As águas estavam calmas e não se ouvia um ruído nas trevas. Antes de subir na balsa, tinham apagado as lanternas.

— Onde estão esses navios? — perguntava Thera, ansiosa.

— Shhh! — fez um dos remadores, exigindo silêncio. Enquanto vinham caminhando, da igreja até o cais, tinham sabido qual era a missão: descobrir onde os navios franceses estavam escondidos e voltar para avisar. Os defensores da cidade tratariam de impedir que fugissem, ou os destruiriam se fosse possível, deixando os atacantes de terra sem saída.

Tinham sido avistadas, antes, cinco naus e uma balandra, mas haviam desaparecido como por milagre. Estariam na enseada, ou ao largo? Ou continuariam longe dali, ancorados numa praia? Era o que Dom Gregório e seu irmão, o governador, desejavam saber, sem arriscar um precioso navio, de tão poucos que possuíam. Julgavam uma boa idéia mandar crianças, numa jangada, descobrir.

Continuavam navegando, nas águas escuras, ouvindo apenas o chapinhar dos remos, e começavam a ficar impacientes.

— Como eles sabem para onde estão indo? — perguntou Plick.

— Shhh! — fez novamente um dos homens. Mas Brás protestou:

— Desculpe, amigo. Mas esse silêncio está de matar. Podemos estar aqui fazendo papel de bobos. Não teria sido melhor sairmos com a alvorada? Com dia claro, seria mais fácil avistar os navios.

— Que bobagem, menino! — respondeu um dos remadores. Quando o dia clarear, pretendemos já estar além da entrada da barra, onde pensamos encontrar as naus. Saindo à noite, estamos ganhando tempo.

— E se estiverem aqui mesmo, na enseada, com os fogos de bordo apagados? — replicou Brás. — Vocês mesmos admitiram que é possível que tenham retornado.

— Nesse caso, os fortes as avistariam quando o sol raiar. Não precisariam de nós. Nossa missão é procurar em outros recantos. E agora chega de perguntas, que temos de remar!

— Pois que remem! Mas pelo menos permitam que nós, que não remamos, conversemos um pouco. Prometo falar baixinho!

— E eu! — disse Thera.

— Pois então comece um de vocês! — disse Brás. — Sou todo ouvidos. Qual o segredo que estão me escondendo?

A pergunta direta de Brás caiu como uma bomba junto aos três viajantes do tempo. Thera olhou para B-Hor, B-Hor para Plick, e Plick para eles dois. Quem começava? Por dentro, estavam doidos para se abrir com alguém sobre o seu problema, e Brás era a única pessoa de confiança que tinham por perto.

— Quem começa? — Plick foi o primeiro a dizer.

— Você! — disse B-Hor e Thera ao mesmo tempo, apontando a "pilha-humana".

— Bem, então, vamos lá! — e Plick segurou o rosto de Brás com as duas mãos e sussurrou-lhe lá dentro das orelhas. — Nós três viemos de outro planeta.

O impacto foi enorme no espírito do menino.

— Como é?? — disse ele, quase caindo da balsa. Plick ria-se a valer.

— Nada disso! É só para você se habituar! A notícia pior vem aí. Prepare-se! NÓS VIEMOS DO ANO 3000!

Brás estava completamente desnorteado. O mais difícil não era acreditar. O problema maior era *entender*. B-Hor tomou a palavra, com ar científico, e tentou explicar sua façanha. Thera dava apartes a todo momento, acrescentando detalhes. O pobre garoto do século

XVIII não dizia nada, apenas ouvindo de olhos bem abertos e boca escancarada. O choque maior foi quando mencionaram o povo do planeta-anão. Brás chegou a afastar-se deles, como se estivesse diante de bruxos infernais.

— Não estamos mentindo, não! — disse B-Hor. — Posso até lhe mostrar. Estão todos guardados aqui, no meu bolso. Não acredita?

— Acreditar, acredito! Mas preferia que tudo fosse mentira! — disse Brás, falando pela primeira vez. — Seria mais fácil eu entender se vocês fossem anjos!

— Anjos? — perguntou Thera.

— Sim. Pelo jeito que você curou minha perna quebrada!

— Foi só um toque criônico! — disse ela, encerrando o assunto.

Foi muito difícil, para Brás, superar o espanto e horror diante daquelas coisas aparentemente absurdas que seus amigos contavam. De tudo que lhe diziam, só uma parte ele conseguia aceitar e entender. Porém, como simpatizava muito com eles, foi aos poucos abrindo mão das reservas naturais da ignorância e do medo, e passando a uma fase de maior curiosidade e interesse. Fazia mil perguntas, demonstrando que aos poucos ia se convencendo. A última pergunta era a única para a qual eles não tinham resposta:

— E como vocês vão voltar para o seu tempo?

Plick e Thera olharam para B-Hor, esperando que ele falasse, mas o garoto hipercerebral tinha embatucado. Havia pensado muito no assunto e não chegara ainda a uma conclusão. Percebera mais uma falha no plano: a ausência de Log e sua memória, onde estavam programadas as imagens-chave. Talvez ainda houvesse outras saídas, mas B-Hor precisava de tempo e tranquilidade para pensar no assunto. Ia dizer isso, quando uma faísca cortou o espaço. Um trovão reboou em seguida.

— O que é isso?!

— Parece que vai chover! — disse um dos remadores.

Por essa eles não esperavam. Chuva, agora, estava totalmente fora de suas expectativas. E dos homens de Dom Gregório também, como eles agora demonstravam com sua súbita intranquilidade.

Outro relâmpago e um súbito vento de proa lhes deram a certeza de que aproximava-se um temporal.

— E agora? Vamos voltar?

— Para onde?

O mar começava a ficar agitado. As ondas, debaixo da balsa, começavam a jogá-la de um lado para outro. Os remadores recolheram os remos, certos de que nada tinham a fazer agora.

Um raio forte cortou o céu, iluminando tudo. Thera encolheu-se, amedrontada. Agora sabiam o risco que estavam correndo.

A água do mar corria por cima da balsa, encharcando-os. Não havia quase onde segurar, por isso agarravam-se uns aos outros. A chuva começou a cair violentamente, e os relâmpagos se sucediam agora quase sem nenhum intervalo entre um e outro.

— Amigos, tive muito prazer em conhecê-los! — disse Brás, tentando ser engraçado. — A história de vocês parece um sonho. Só espero que essa tempestade seja só um pesadelo também, senão estamos em apuros.

— Em apuros?

— Se as ondas não nos afogarem, pelo menos um relâmpago desses vai nos torrar!

Parecia ter adivinhado. Mal disse isso, um poderoso raio prata-azulado caiu sobre a jangada com um estrondo ensurdecedor, como se algum demônio tivesse visado bem o centro da embarcação. Mas felizmente Plick estava entre eles. Quando a faísca tombou sobre a jangada, o alvo atingido foi um pára-raios humano. Plick recebeu toda a descarga colossal em seu corpo frágil. Parecia a luta de um titã do céu contra um ser indestrutível. Todos viram, durante alguns instantes que pareceram séculos, o corpo do menino vibrar, um núcleo escuro fulgurando sob a resplandecente centelha. Mas, no final da luta que colocou todos à beira da eternidade, o raio foi derrotado. A bioenergia de Plick tinha vencido, e os garotos estavam salvos, pelo menos por enquanto.

— Dizem que um raio não cai duas vezes no mesmo lugar! — disse Brás, ainda assombrado com mais aquele "milagre".

— Mas estamos mudando sempre de lugar! — falou B-Hor. — Ou essa balsa se desintegra, ou as ondas nos arrastam para o fundo. Por falar nisso, onde estão aqueles dois?

Só agora notaram que os dois remadores haviam desaparecido, talvez tragados pelo oceano.

Agora eram só os quatro garotos, e a tempestade continuava.

XXX. RICARDO E SUA TURMA REAPARECEM

ANO 1987

A noite de Delon, no sofá da sala de tia Denise, não teve tempestades, mas fora muito intranquã. Acordava várias vezes, em meio a um pesadelo, estranhando o lugar e assustado com os fenômenos que iam tomando conta de seu corpo.

Tia Denise chegara bem tarde e nem o percebera. Ela ainda continuava dormindo, porém Márcia acordara cedo e já encontrara o garoto de pé, olhando pela janela. O dia amanhecera lindíssimo.

Tomaram café, e Márcia levou Delon para a praia.

— Vem, bobo. Um pouco de sol e banho de mar vão clarear suas idéias — disse a garota, puxando-o para o elevador.

Ela vestira um biquíni, sob a saída de praia, mas Delon conservara a roupa termal, querendo encobrir novos sinais de envelhecimento, que descobrira em seu próprio corpo.

Era muito cedo, ainda, e havia poucas pessoas na areia. Mas o sol já começara a esquentar.

— Tia Denise ensinou que essa hora é a melhor para a saúde — informou a garota, para puxar assunto, quando chegaram ao calçadão.

A fisionomia de Delon continuava triste e preocupada, e Márcia o tocou no braço, com amizade.

— Pensa no problema depois, Delon. Vem cair na água, vem! Deve estar uma delícia!

Mas Delon preferiu ficar sentado num banco, olhando.

— Bem, então vou eu. Por que você não corre um pouco? — disse ela, descendo para a areia.

Ele a viu correr em direção ao mar e sentiu que a admirava muito. Lamentou um dia ter de perdê-la. Quando seria? Hoje? Amanhã? Ou estaria condenado a ficar ali para sempre, engolido pela velhice que avançava rapidamente?

Lembrou-se do conselho de Márcia e resolveu correr para desconstrair-se. Havia várias pessoas fazendo o mesmo. Em princípio, aquilo era uma coisa tola, mas, à proporção que se entregava à velocidade, começou a sentir uma sensação agradável. Suas preocupações pareciam ficar para trás. Concentrou um pouco

de força criônica nas pontas dos pés e logo estava dando saltos largos, que o faziam ultrapassar todos os outros corredores.

Logo estava bem distante do lugar onde deixara Márcia e resolveu voltar.

Mas, onde estava Márcia?

Franziu a testa, procurando, forçando os olhos na direção do mar, no ponto em que julgava que ela tivesse caído na água. Seria ali mesmo? Não se lembrava mais exatamente. Só conseguia ver alguns surfistas, no fundo, esperando onda. Além de algumas pranchas a vela e um barquinho a remo. Perguntou a um sorveteiro parado no calçadão:

— O senhor viu uma garota?

Garota? O sorveteiro tinha visto várias. Mas só prestara atenção em uma, que um garoto havia agarrado e posto à força num caiaque. Ela gritara muito.

— Estão lá, olhe! — disse o homem, apontando o barquinho.

Márcia. Seria ela?

Delon correu, vestido como estava, para a beira da água. Agora não tinha mais dúvida. Reconheceu Ricardo, mesmo àquela distância, obrigando Márcia a se manter no caiaque. A vingança tola do garoto da lanchonete. Ele parecia rir muito da aflição da garota, enquanto remava para além das ondas, onde o pareciam aguardar as pranchas a vela.

A turma toda, reunida.

De onde estavam, longe da praia, além da arrebentação, Ricardo e seus amigos já tinham avistado Delon e acenavam para ele, rindo bastante e provocando-o, enquanto Márcia gritava desesperadamente.

A ansiedade e revolta de Delon eram enormes. Como tirar a amiga daquela situação? A distância era grande demais para um gesto criônico fazer efeito. E, com o traje termal, ficava difícil entrar na água.

Enquanto pensava no que fazer, algo terrível aconteceu: uma onda enorme pegou Ricardo de surpresa e virou o caiaque. Márcia desapareceu debaixo do vagalhão, deixando Delon atônito.

XXXI. A RESPOSTA DA GRANDE BOLHA

ANO 3000

O Sr. Delon Pai tinha passado a noite inteira diante da Grande Bolha. A sorte estava lançada. Revelara tudo o que sabia sobre a aventura dos quatro garotos e seu provável paradeiro. Não escondera nada. Só ficara um pouco encabulado na hora de transmitir o pedido de todos os pais do GLS, que desejavam que o chefe-supremo do GLS o nomeasse Grão-Programador, mas não podia trair a confiança deles. De qualquer forma, não acreditava que a Grande Bolha aceitasse a indicação. Terminara o trabalho de digitação com o que julgava importante: pedindo ao supercomputador que trouxesse de volta do passado os quatro amigos e que os perdoasse.

Programou tudo isso e ficou esperando, pronto para o que desse e viesse.

Levou muito tempo até que a Grande Bolha dissesse alguma coisa. Ela parecia estar assimilando todas aquelas informações, procurando digeri-las antes de tomar uma decisão.

Mas, afinal, veio a resposta, e foi verdadeiramente uma enorme surpresa.

— Ai, mas como tudo isso é emocionante! — falou a Grande Bolha.

— Como disse? — o pai de Delon pensou não ter ouvido direito.

— Estávamos mesmo precisando de uma coisa assim! — continuou a Grande Bolha.

— Coisa assim? A que se refere? — perguntou o Sr. Delon Pai, vacilante.

— A essa aventura toda! Tudo isso é uma loucura! Mas é um orgulho para o nosso GLS ter dado a esses moleques tanto conhecimento! Só mesmo aprendentes tão aplicados teriam uma idéia dessas e seriam capazes de pô-la em prática!

— Mas... então por que quer expulsá-los?

— Quem quer expulsá-los? Depois de tudo isso, eu quero é trazê-los logo de volta, para saber de tudo. Posso até premiá-los pela façanha. Se devolverem o povo-anão, naturalmente!

O Sr. Delon Pai quase não acreditou no que ouvia. Estava eufórico:

— Eles vão devolver, tenho certeza!

Sua vontade era sair correndo dali e contar aos outros pais. Mas precisava concluir sua missão e, por isso, insistiu:

— O que pretende fazer para resgatá-los?

— Não é da sua conta! — berrou a Grande Bolha, mais por vaidade do que por zanga. — Sente-se ali, que eu vou agir. Qual foi a efeméride que eles usaram?

O pai de Delon tirou do bolso os números que Log lhe tinha dado, e ia digitá-los, quando a porta do salão se abriu.

— O que esse homem está fazendo aqui?!!

A voz do inspetor Milas ecoou pelo salão, enquanto ele avançava, com ódio, na direção do Sr. Delon Pai. Já ia agarrá-lo, quando a Grande Bolha gritou:

— Pare aí, inspetor!!!

Milas não atendeu e continuou, pondo as mãos no invasor. O computador tornou a falar:

— Milas, eu dei uma ordem! Quem você pensa que é?

O fiscal de aprendentes nem teve tempo de responder. Numa rápida reação, o pai de Delon defendeu-se, livrando-se de Milas, torcendo-lhe o braço para trás. Parecia outro homem. O inspetor reagiu pedindo socorro:

— Guardas! Guardas!

— Cale-se, Milas!!! — voltou a falar a Grande Bolha, já irritada.

— Cale-se você, sua máquina! — gritou Milas, debatendo--se, esquecendo-se de que ainda estava em situação de inferioridade.

— Máquina?! — a Grande Bolha estava ofendidíssima. Foi a vez do pai de Delon falar, com firmeza:

— Está vendo, Grande Bolha, quem é seu belo porta-voz? Apenas um homem prepotente e violento, que oprime a todos aqui e dita regras em seu nome. Ele apenas a utiliza, mas não a respeita. É só o poder que ele quer! — disse ele, com desprezo, soltando o fiscal de aprendentes.

Neste momento, entravam os rôbos da guarda, mas a Grande Bolha os conteve.

— Parem! Não está havendo nada aqui! O inspetor Milas está se retirando.

Milas entendeu que tinha perdido aquela parada e saiu com os robôs, sem olhar para trás. A Grande Bolha não perdeu tempo:

— Depressa, a efeméride!

O Sr. Delon Pai correu para os franqueadores de processamento e fez o que ela mandava.

— Isso! Agora, deixe comigo! — falou o computador, começando a emitir lampejos e *bips*.

XXXII. DEPOIS DA TEMPESTADE

ANO 1710

O dia raiou e já encontrou a balsa — ou os pedaços de tábuas que restaram — flutuando em mar aberto, bem longe da enseada de onde havia saído. Nem sinal da tempestade, que durara a noite inteira, naquelas águas calmas que balançavam levemente os destroços aos quais se agarravam B-Hor, Thera, Plick e seu novo amigo Brás.

Tinham ficado muito tempo sem poder falar. Foi Thera que finalmente interrompeu o longo silêncio:

— E agora, B-Hor? — perguntou ela, com voz sumida.

B-Hor levantou a cabeça para olhá-la, antes de responder. Mas levou um susto. O rosto de Thera! Parecia o de outra pessoa. Talvez a mãe dela. O que acontecera naquela noite, para Thera envelhecer tanto?

Nesse instante, uma gaivota gritou acima deles, chamando a atenção de Plick.

— Vejam! Lá embaixo! — disse ele, seguindo com o olhar o vôo do pássaro.

Os outros se voltaram para onde ele apontava e viram, não muito distante, uma praia. Como chegar até lá?

— Vamos nadar! — gritou Brás, animado.

Mas os três viajantes do tempo estavam muito cansados para fazer qualquer movimento.

XXXIII . . .

ANO 1987

Em 1987, a situação não era melhor. Márcia custara a aparecer à tona, depois de envolvida pela onda. E, quando Delon conseguiu ver, da praia, reaparecer a cabeça da garota, ela estava sendo levada pela forte correnteza, afastando-se velozmente para bem longe.

O pior de tudo é que Márcia não conseguia manter-se à superfície. Devia estar bebendo muita água. Os garotos nas pranchas se alarmaram e tentaram manobras na direção dela, mas sem sucesso. Sentindo o risco que a amiga corria, Delon não hesitou mais e entrou no mar, enfrentando as ondas.

Movimentando o corpo dentro da água conforme os métodos biocinésicos de seu tempo, que nada tinham a ver com a natação convencional, em pouco tempo Delon tinha furado as ondas e se aproximava de Márcia. Foi quando a correnteza também o colheu e o arrastou para o largo.

XXXIV . . .

ANO 3000

— Peguei! — falou de repente a Grande Bolha.

— Quem? — perguntou ansioso o pai de Delon.

— Que lugar será esse?

— Mostre-me! Mostre-me! — exigiu o Sr. Delon Pai. Imediatamente surgiu a imagem holográfica no centro do salão, mostrando os destroços da balsa, com B-Hor, Thera e Plick.

Brás não apareceu, porque estava nadando a alguns metros de distância.

— Onde está meu filho? — gritou o pai de Delon, desesperado.

— Vou juntá-lo aos outros! — disse a Grande Bolha. — Mas pare de gritar!

XXXV ...

ANO 1710

— Venham! É fácil! — gritava Brás, nadando um pouco afastado da balsa, incentivando os amigos. — Mergulhem na água e nadem! É fácil! Podemos chegar à praia! Quer que eu ajude você, Thera?

B-Hor, Thera e Plick não responderam. Começavam a sentir uma coisa esquisita. E, de repente, Brás os viu desaparecer diante de seus olhos.

XXXVI . . .

ANO 1987

Delon chegou a pensar que era o fim. Suas forças o abandonavam e ele já não via mais nada por detrás das ondas. Nem a praia. E, muito menos, sua amiga... Márcia!!! Uma cabeça surgiu, de repente, à sua frente. Era ela. Num último esforço, Delon a alcançou, segurando-a firme. Estaria viva? Ia começar a pensar no que fazer, quando ouviu um grito. Uma gaivota? Não. Era uma voz humana. E chamava o seu nome:

— Delon!

Na crista de uma onda ele avistou... Thera. Não era possível!

Mas duas outras vozes também gritaram.

— Delon, aqui! Nade para cá!

B-Hor e Plick. Eles e Thera, agarrados a tábuas. A uns cinco milímetros de distância. A quatro. A três. Uma vaga finalmente os juntou. Delon, segurando Márcia, agarrou-se aos destroços, e seus amigos os puxaram para cima.

XXXVII . . .

ANO 3000

— São eles, sim! Estão juntos! — berrava o pai de Delon, diante da holografia, quase querendo agarrá-la. — Agora traga-os! Traga-os para cá!

XXXVIII . . .

ANO 1987

B-Hor, Thera e Plick não tinham muito tempo para explicar a Delon o que estava acontecendo.

— Delon, eu acho que estamos voltando! — disse Thera, notando, com espanto, que ele apresentava sinais de envelhecimento.

Delon só pediu que o ajudassem a levar Márcia para a praia. Embora com o coração apertado, Thera não perguntou quem era.

A essa altura, alguns nadadores, além de uma lancha de salvamento, os tinham trazido para a praia, onde deitaram Márcia na areia. Logo, ela abriu os olhos:

— Delon... — ela balbuciou.

Delon lhe sorriu, segurando-lhe as mãos, e disse juntinho a seu ouvido:

— Márcia, acho que estou indo embora! Pense em mim! Muito obrigado por tudo!

Largou a mão dela e juntou-se a seus amigos. E Márcia os viu desaparecer.

XXXIX. AFINAL, TODOS DE VOLTA

ANO 3000

— Aí estão eles! — disse a Grande Bolha, e o Sr. Delon Pai pulou de satisfação.

A imagem holográfica desapareceu e, em seu lugar, surgiram, de pé no meio da sala, os quatro companheiros de viagem no tempo.

Novinhos em folha. Secos. E sem qualquer sinal de envelhecimento. Como se nada houvesse acontecido.

Foi uma festa, em casa de cada um dos garotos, quando souberam de seu regresso. O próprio pai de Delon foi avisar, mas Delon, B-Hor, Thera e Plick não foram logo liberados pela Grande Bolha, que queria deles um relatório completo sobre a aventura.

O que deixou o supercomputador mais feliz foi quando B-Hor tirou do bolso o *kit* onde tinha guardado o povo-anão. Agora poderiam devolvê-lo ao planeta.

**NOVAMENTE REUNIDOS,
OS QUATRO AVENTUREIROS VIAJAVAM
DE VOLTA PARA O FUTURO.**



— Eu nunca acreditei que vocês o tivessem levado de propósito — disse a Grande Bolha. — Por isso, retiro todas aquelas acusações idiotas feitas pelo inspetor Milas. Mas lhes peço uma coisa. Aliás, exijo! Ordeno! Não contem nada a mais ninguém sobre o que aconteceu, nem *como* aconteceu!

— E eu lhe peço uma coisa também! — falou Delon.

— Ah, sim? E o que é?! — perguntou o chefe-supremo do GLS, já preocupado de novo com a ousadia daquele menino rebelde.

— Eu só queria saber o que aconteceu com aquela minha amiga, lá em 1987. Só mais uma vezinha.

Thera, disfarçando os ciúmes, não fez por menos:

— E eu queria saber do Brás!

A Grande Bolha soltou um ronco de impaciência. Esses garotos dão um trabalho! Mas concordou:

— Bem, eis aí!

Logo começaram a surgir, diante deles, novas imagens holográficas do passado, captadas pelo processo das efemérides. Para a Grande Bolha, usar o processo criado por B-Hor era coisa muitíssimo fácil.

— Vejam! Quem é aquele garoto?

Os quatro companheiros analisaram a visão. Um jovem fardado de azul, montado a cavalo, galopava por uma praia. Agarrado a ele, na sela, um menino. Outros cavaleiros o seguiam, na disparada.

— É Brás! Na garupa de Dom Gregório! — gritou Thera. — Conseguiu chegar à praia!

Brás pareceu pedir a Dom Gregório que parasse o cavalo, para ele olhar o mar uma última vez. Saudade dos amigos? Delon estava ansioso.

— E Márcia? O que aconteceu com ela?

A holografia de 1710 se desfez, substituída por outra, de 1987. Algumas pessoas curiosas continuavam aglomeradas na areia, porém Márcia tinha se afastado delas. A menina começou a correr pela praia, como que procurando alguém. Delon sabia que era ele e que ela não poderia encontrá-lo. Uma mulher a fez parar. Tia Denise.

Márcia deixou-se abraçar, mas não sorriu, apesar dos carinhos da tia. Seu olhar estava perdido no nunca, quando a holografia se desmanchou.

— Viu, Grande Bolha? — disse B-Hor. — Não podemos parar por aí. Um dia teremos de voltar lá, para que saibam o que aconteceu conosco. E há vários pontos a esclarecer, nessa experiência. Inclusive o problema de a gente começar a envelhecer, quando se demora muito no passado. Vou tentar achar uma solução para isso. Isto é: se a senhora deixar, naturalmente...

— Bem... — falou a Grande Bolha, fazendo-se de difícil. — Primeiro tenho de consultar meu Grão-Programador!

Milas! Os quatro companheiros se entreolharam assustados. Tinham se esquecido do fiscal de aprendentes. Teria ele vencido, afinal?

A Grande Bolha percebeu a intranquilidade dos garotos, porém não fez nenhum comentário. Estava disposta a lhes dar mais uma grande alegria, mas adorava fazer suspense e precisava manter a autoridade. Tinha tomado uma resolução, mas não queria soltar a notícia agora. Eles que fossem primeiro para casa, abraçar os pais, descansar, e depois todos ficariam sabendo.

— Vão! Vão para casa! Eu vou pensar no assunto! Mas não agüentou. Os garotos se despediram e já iam saindo, quando ela falou:

— Delon, quando estiver com seu pai, diga-lhe que venha aqui ainda hoje. Eu tenho muito o que falar com ele!

B-Hor, Plick, Delon e Thera se entreolharam.

Será?

FIM

AS IMAGENS HOLOGRÁFICAS...

...TROUXERAM SAUDADES DO PASSADO.



Glossário de palavras usadas no século XXX

Ab-cosmos: localização de um planeta, ou corpo celestial, fora de seu cosmo (universo) original; função ab-cósmica: exercida fora do cosmo original.

Anéis de energia: peças de equipamento fornecedor de energia; implementos de globo potensor.

Bioenergia: capacidade física especial de que são dotadas algumas pessoas, especialmente no século XXX; temperamento bioenergético: habilidade particular em realizar certos prodígios não comuns a todos os seres humanos.

Comando indutório: relação mental entre pessoas e equipamentos dotados de neurocélulas, a exemplo dos computadores do século XXX (basta pensar ou desejar uma determinada ação do equipamento, e ele prontamente obedece).

Crescimento vertical: ampliação de matéria, no sentido de aumento físico do seu volume.

Franqueadores de processamento: o ponto de entrada de uma programação, nos computadores (também chamado Multicom, ou multicomando de comunicação).

Geol: tipo de metal plástico, amoldável, flexível, que no século XXX é usado em substituição a diversos usos da antiga borracha, por ser infinitamente mais resistente.

Gesto criônico: contato físico à distância, acionando algo; força criônica.

Ígon: nome específico dado a veículos urbanos, movidos a comando indutório; também chamados de cabines-de-teletransporte, os ígons podem ser individuais ou coletivos, movimentando-se em vias suspensas. Seu aspecto lembra, de certa forma, o das cápsulas elevadoras, não obstante se deslocarem na horizontal.

Instituição, a: governo; sistema de governo.

Interceptor de entropias: dispositivo no interior de um computador, ligado às neurocélulas, que distingue informações ou ruídos não-classificáveis, separando-as da programação que deve realmente ser processada. Espécie de censura das neurocélulas.

Milimar: medida correspondente a pouco mais de meio metro (cerca de 58 centímetros atuais).

Multicom: multicomando de comunicação; conjunto de franquadores de processamento; ponto de entrada de uma programação nos computadores do século XXX.

Neurocélula: os "nervos" de um computador; o menor compartimento de informações no interior de um computador central, funcionando por comando indutório.

Ozóide: tipo de material plástico orgânico, produto de polimerização.

Período: fase escolar no GLS; etapa de aprendizado; não se classifica por uma duração rígida e preestabelecida, mas demora o tempo que for necessário para uma turma de aprendentes se desincumbir de uma tarefa escolar determinada pela Grande Bolha.

Piques de evolução: anos de idade.

Sfix: substância goticular vaporizada.

Telemensagem: mensagem holográfica à distância.

Teletransporte: processo de uma ou mais pessoas mudarem de um lugar para outro por "transmissão", isto é, entram em uma cabine (como, por exemplo, um ígon) e dali, por comando indutório, são enviadas para o destino desejado, desintegrando-se no ponto de partida, para reintegrar-se no local que desejam atingir.

Tempo: medida cronológica correspondente ao antigo quarto de hora; quinze tiques (antigos quinze minutos).

Unidade de reconhecimento: conjunto de sensores de identificação.

Zimbre: metal usado nos pólos de um globo potensor.